



Carlos Roberto de Souza Rodrigues

**A natureza polissêmica do prefixo co(N) no Português:
uma abordagem cognitiva**

Tese de Doutorado

Tese apresentada ao Programa de Pós-graduação em Estudos da Linguagem da PUC-Rio, como requisito parcial para a obtenção do título de Doutor em Letras/Estudos da Linguagem.

Orientadora: Profa. Margarida Maria de Paula Basílio

Rio de Janeiro
Setembro de 2015



Carlos Roberto de Souza Rodrigues

**A natureza polissêmica do prefixo co(N) no Português:
uma abordagem cognitiva**

Tese apresentada como requisito parcial para obtenção do grau de Doutor pelo Programa de Pós-graduação em Estudos da Linguagem da PUC-Rio. Aprovada pela Comissão Examinadora abaixo assinada.

Profa. Margarida Maria de Paula Basílio
Orientadora
Departamento de Letras – PUC-Rio

Profa. Helena Franco Martins
Departamento de Letras – PUC-Rio

Profa. Aucione das Dores Smarsaro
UFES

Prof. Carlos Alexandre Victório Gonçalves
UFRJ

Profa. Lilian Vieira Ferrari
UFRJ

Prof^a. Denise Berruezo Portinari
Coordenadora Setorial do Centro de Teologia
e Ciências Humanas – PUC-Rio

Rio de Janeiro, 2 de setembro de 2015

Todos os direitos reservados. É proibida a reprodução total ou parcial do trabalho sem autorização do autor, da orientadora e da universidade.

Carlos Roberto de Souza Rodrigues

Graduou-se em Letras-Português na Universidade Federal do Espírito Santo, em 2006. Formou-se Mestre em Estudos Linguísticos pelo Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem do Departamento de Línguas e Letras da UFES em 2009. Atuou como Professor Assistente (substituto) de março de 2009 a dezembro de 2010 na UFES, onde orientou, na área da Linguística, 36 Monografias de alunos da Graduação em Letras-Português; e como Professor Efetivo da Faculdade Saberes, de março de 2011 a julho de 2012, em cursos de Graduação e de Pós-Graduação, onde orientou, na área da Linguística, 8 Monografias de alunos da Graduação em Letras Português-Inglês.

Ficha Catalográfica

Rodrigues, Carlos Roberto de Souza

A natureza polissêmica do prefixo co(n) na língua portuguesa : uma abordagem cognitiva / Carlos Roberto de Souza Rodrigues ; orientadora: Margarida Maria de Paula Basílio. – 2015.

134 f. : il. ; 30 cm

Tese (doutorado)–Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Departamento de Letras, 2015.

Inclui bibliografia

1. Letras – Teses. 2. Gramática cognitiva. 3. Morfologia. 4. Formação de palavras. 5. Prefixo co(n). 6. Rede polissêmica. I. Basílio, Margarida Maria de Paula. II. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Departamento de Letras. III. Título.

CDD: 400

Para meu pai, **Adão** (*In memoriam*), e minha
mãe, **Nair**.

Agradecimentos

A Deus, que me concedeu força, saúde e discernimento para realizar este trabalho e que sempre colocou anjos da guarda ao meu lado, nas idas e vindas à PUC-Rio.

À minha estimada orientadora, Prof^ª. Dr^ª. Margarida Maria de Paula Basílio, que me orientou com respeito, carinho e profissionalismo, que depositou confiança em mim e que sempre soube me compreender e me auxiliar nos momentos difíceis.

À Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio) e à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), que me concederam recursos fundamentais para a realização deste trabalho (e deste sonho).

Ao meu pai, Adão Rodrigues, que contribuiu para a formação e a consolidação de meu caráter como pesquisador, profissional e ser humano; e à minha mãe, Nair B. de S. Rodrigues, que me deu carinho e apoio para superar as adversidades da vida.

À minha irmã, Silvana de S. Rodrigues, e à minha amiga-irmã, Gilmara G. Meireles, que sempre estiveram ao meu lado, dando-me apoio e carinho incondicionais.

A minha cunhada, Elitânia F. da Silva, ao meu sobrinho e afilhado, Marcos Felipe F. Rodrigues, a minha sobrinha, Jéssica Monalisa F. Rodrigues, por me ajudarem em várias ocasiões, principalmente, no revezamento dos cuidados com a vovó.

A Thiago E. Rodrigues, por estar ao meu lado, dando-me força e apoio para que eu possa aproveitar os momentos alegres e superar os momentos difíceis.

Aos meus amigos, Giovana O. Lanes, Aline M. Oliveira, Ewerton E. F. de Lima, Darlete G. Nascimento e Alessandra A. Ribeiro, por torceram pelo meu sucesso e, em especial, a Alzira da P. C. Davel, por se dispor a ouvir minhas ponderações e descobertas acerca desta pesquisa.

Aos Professores Aucione Smarsaro, Santinho F. de Souza, Eric G. C. Laporte e Sergio Antonio A. de Freitas, que sempre demonstraram respeito e amizade por mim e sempre foram grandes incentivadores em minha vida pessoal e acadêmica.

Aos meus amigos da PUC-Rio, Alessandra R. R. Gonçalves, Fábio Flores, Igor de O Costa, Juliana dos S. Ferreira, Marcela C. Mallmann, Monique Vicente, Paulo R. da S. Cidade, pelas inesquecíveis conversas no pátio, pela força e pelo auxílio.

Aos professores integrantes da Comissão Examinadora, pelos questionamentos e pelas contribuições que ajudaram a enriquecer esta pesquisa e meu conhecimento.

Às professoras do Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem da PUC-Rio, Adriana N. A. Nóbrega, Cilene Rodrigues, Érica dos S. Rodrigues e Letícia M. S. Corrêa, com as quais tive contato direto e das quais recebi palavras de apoio e importantes contribuições, não só para a tese como para a minha vida.

Aos funcionários do Departamento de Letras e, em especial, para Francisca F. de Oliveira, nossa Chiquinha, pela atenção, pelo carinho, pelo respeito e pela ajuda.

Resumo

Rodrigues, Carlos Roberto de Souza; Basílio, Margarida Maria de Paula. **A natureza polissêmica do prefixo co(N) no Português: uma abordagem cognitiva.** Rio de Janeiro, 2015. 134 p. Tese de Doutorado - Departamento de Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

Este trabalho estuda o prefixo co(N)- na Língua Portuguesa, entendido como um prefixo único que se manifesta sob as formas com, con e co. Na presente pesquisa, tais formas são estudadas a partir das construções lexicais em que podem ser reconhecidas, o que permite vislumbrar a variação de significados do prefixo na língua portuguesa. Os dados primários da análise foram coletados no Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa. Para realizar tal estudo, foi aplicado um conjunto de conceitos operacionais e de procedimentos analítico-descritivos apresentados na Gramática Cognitiva de Ronald Langacker. Assume-se, portanto, que a estrutura fonológica “co(N)” evoca uma dada estrutura semântica – que se configura como tal devido à aplicação de um conjunto de operações de perspectivização sob o substrato conceptual obtido a partir do contexto em que são usadas as construções lexicais com tal prefixo. Por sua vez, as operações de perspectivização possibilitaram notar não só que, em distintas construções lexicais, bem como nos distintos contextos em que elas são usadas, o referido prefixo assume valores semânticos convencionais distintos; como também que esses sentidos, embora distintos, encontram-se relacionados mutuamente. O reconhecimento dessa relação mútua decorre do estabelecimento de um desses significados como prototípico, ou primário, sendo os demais considerados como sentidos derivados, sobretudo pelo fenômeno de atenuação conceptual. Essa abordagem propiciou o delineamento de uma rede polissêmica entre os valores semânticos convencionais apresentados pelo prefixo co(N)-, em convergência com a abordagem teórica da Gramática Cognitiva, baseada no modelo de rede, em que os vários significados assumidos por uma determinada unidade simbólica formam uma teia de relações entre si.

Palavras-chave

Morfologia; Formação de Palavras; Semântica Lexical; prefixo co(N); rede polissêmica; Gramática Cognitiva; Língua Portuguesa.

Abstract

Rodrigues, Carlos Roberto de Souza; Basílio, Margarida Maria de Paula (Advisor). **The polisemy nature of the Portuguese prefix co(N): a cognitive approach.** Rio de Janeiro, 2015. 134 p. Doctoral Thesis - Departamento de Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

This work is concerned with the Portuguese prefix co(n)-, understood as a single prefix which, however, can occur in the different forms com, con and co . In the research, the forms studied were extracted from the lexical constructions where they can be recognized, which leads to a better vision of the range of meanings of the prefix in Portuguese. The primary data of the analysis were collected from the Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa. In the investigation, we applied a set of operational concepts and analytical procedures of description from Langacker's Cognitive Grammar. It is assumed, therefore, that the phonological structure corresponding to co(N) evokes a given semantic structure arrived at by means of a set of construal operations under the conceptual substructure presented by the context in which lexical constructions with the prefix were used. In turn, the construal makes clear that this prefix not only can have different conventional semantic values, in different lexical constructions as well as in different contexts of use, but also that the different senses are mutually related. The recognition of this mutual relationship is possible once we take one of these meanings as prototypical, or primary, from which other meanings derive, especially by conceptual attenuation factors. This approach allowed us to outline a semantic network that permeates conventional semantic values of the prefix, thus converging with GC's theoretical approach based on a network model, in the sense that the various meanings assumed by certain symbolic unity form a web of relationships among themselves.

Keywords

Morphology; Word-Formation; Lexical Semantics; prefix co(N); semantic network; Cognitive Grammar; Portuguese.

Sumário

1.	Introdução	12
1.1	Apresentação do tema	12
1.2	O prefixo co(N)- na descrição do Português: breves considerações	13
1.3	Pressupostos teóricos: considerações preliminares	15
1.4	Procedimentos e etapas de análise	17
1.5	Organização do trabalho	18
2.	Referencial teórico	20
2.1	Linguística Cognitiva	21
2.2	Gramática Cognitiva	23
2.2.1	Estruturação das unidades simbólicas	24
2.2.2	Estruturação dos conteúdos semânticos	27
2.2.3	Domínios cognitivos	30
2.2.4	Estruturação dos domínios cognitivos	32
2.2.5	Bases conceituais da categorização lexical	40
2.2.6	Protótipos, Arquétipos conceituais e Esquematização	42
2.2.7	Arquétipo conceptual da relação de junção	47
2.2.8	Modelo de rede	50
2.2.9	Dinâmica de forças	53
3.	Análise do <i>corpus</i>	55
3.1	Juntamente ¹ e Juntar ^{1A} (agrupamento por interligação)	56
3.1.1	Juntar ^{1B} (agrupamento por interligação de modo subjetificado)	65
3.1.2	Juntar ^{1C} (habilidade cognitiva do agrupamento por interligação)	71
3.1.3	Juntar ^{1D} (agrupamento por interligação de modo metafórico)	76
3.2	Reciprocidade ^{1A}	82
3.2.1	Reciprocidade ^{1B} (de modo subjetificado)	84
3.3	Simultaneidade	87
3.4	Igualdade de status	89
3.5	Ação conjunta	90
4.	Conclusões	93
4.1	Síntese dos resultados	93
4.2	O modelo de rede para as construções lexicais com co(N)-	95
	Referências bibliográficas	102
	Apêndice I – Juntar ^{1A}	106

Apêndice II – Juntar ^{1B} (subjeficado)	108
Apêndice III – Juntar ^{1C} (esquemafizado)	112
Apêndice IV – Juntar ^{1D} (metaforizado)	116
Apêndice V – Reciprocidade ^{1A}	122
Apêndice VI – Reciprocidade ^{1B} (subjeficado)	124
Apêndice VII – Simultaneidade	127
Apêndice VIII – Igualdade de status	129
Apêndice IX – Ação conjunta	132

Lista de Figuras

Figura 1.1 – Trajetória composicional	36
Figura 1.2 – Representação do esquema imagético de elo	49
Figura 2.1 – Modelo de rede	52
Figura 3.1 – Trajetória composicional de “ <i>jungir</i> ^{1A} ”	57
Figura 3.2 – Trajetória composicional de “ <i>jungir</i> ^{1B} ”	59
Figura 3.3 – Trajetória composicional de “ <i>jungir</i> ^{1C} ”	60
Figura 3.4 – Trajetória composicional de “ <i>conjungir</i> ^{1A} ”	62
Figura 3.5 – Trajetória composicional de “ <i>conjungir</i> ^{1B} ”	65
Figura 3.6 – Trajetória composicional de “ <i>complanar</i> ”	67
Figura 3.7 – Trajetória composicional de “ <i>concêntrico</i> ”	69
Figura 3.8 – Trajetória composicional de “ <i>coterminal</i> ”	70
Figura 3.9 – Trajetória composicional de “ <i>conglobar</i> ”	73
Figura 3.10 – Trajetória composicional de “ <i>colocar</i> ”	74
Figura 3.11 – Trajetória composicional de “ <i>coagregar</i> ”	76
Figura 3.12 – Trajetória composicional de “ <i>contemporâneo</i> ”	78
Figura 3.13 – Trajetória composicional de “ <i>congenérico</i> ”	80
Figura 3.14 – Trajetória composicional de “ <i>coessencial</i> ”	81
Figura 3.15 – Trajetória composicional de “ <i>confrontar</i> ”	85
Figura 3.16 – Trajetória composicional de “ <i>confinar</i> ”	87
Figura 3.17 - Trajetória composicional de “ <i>concriar</i> ”	92
Figura 4.1 – Rede de conexões lexicais do prefixo <i>co(N)</i> -	100

Without links, we could neither be nor be human. We come into existence tethered to our biological mothers by umbilical cords that nourish and sustain us. But this merely physical linking is never the full story of our humanity, which requires a certain nonphysical linking to our parents, our siblings, and our society as a whole. The severing of the umbilical cord launches us into an ongoing process of linking, bonding, and connecting that gives us our identity..

JOHNSON (1987: 117)

1 Introdução

1.1 Apresentação do tema

Este trabalho estuda o prefixo /ko(N)/ na Língua Portuguesa, entendido como um prefixo único que se manifesta graficamente através das formas *com*, *con* e *co* e fonologicamente através das formas /koN/ e /ko/. Ainda no latim o prefixo correspondente *cum* sofreu alterações fonológicas, transformando-se em *coN*¹ (na medida em que o /u/ se transforma em /o/) e em *co-* (dependendo do fonema inicial da *base lexical* à qual o *coN*– é integrado: vogais, como em *coaxial* e *cooperar*; consoantes líquidas, como em *coligar* e *corrupto*; consoantes nasais, como em *conatural* e *comandar*; etc.). Essas transformações se consolidaram na passagem do latim para o português.

Entende-se que a recorrência de construções lexicais existentes com ambas as formas do prefixo *co(N)-* e a previsibilidade de contextos fonológicos em que sua ocorrência é possível provêm a **consolidação** do **esquema *co(N)-X***, tal que X é outra **unidade simbólica componente** (LANGACKER, 1987, 1991, 2002, 2008, 2009). Para efeito deste trabalho, que está concentrado na questão semântica, e também tendo em vista o processo de transformação histórica, que levou à permanência de ambas as formas, optou-se por adotar esta posição, apesar da maior frequência de utilização da forma *co-* em novas formações no português contemporâneo. Essa adoção se justifica, na medida em que, em inúmeras ocorrências, tanto o *coN-* quanto o *co-* podem ser integrados a uma mesma **base lexical**, sem que seus respectivos **valores semânticos convencionais** difiram entre si – como em *complanar* ou *coplanar*, *comproprietário* ou *coproprietário*, *consubstancial* ou *cossubstancial*, etc. Logo, isso equivale a assumir que as **unidades simbólicas componentes *coN-*** e ***co-*** são manifestações fonologicamente diferentes da mesma forma simbólica, noção aqui representada pelo símbolo *co(N)-*.

¹ Há quem atribua a existência das formas *cum-* e *com-* a uma evolução da forma *quom*, que seguia um sistema arcaico de declinação latina (cf. WALDE, 1938: 251).

Outro ponto a ser esclarecido em nosso trabalho é a decisão de focalizar exclusivamente o prefixo, deixando para uma outra ocasião a investigação sobre os valores semânticos da preposição e eventuais convergências e discrepâncias, assim como as possibilidades e restrições de utilização conjunta, hipóteses que foram aventadas e destinadas para investigação posterior, por questões de ordem tanto metodológica quanto pragmática. Assim sendo, focalizaremos em nossa tese uma evidente lacuna no estudo do prefixo *co(N)-*: o seu aspecto semântico. Logo, estabelece-se como objetivo geral desta pesquisa a análise e a descrição das construções lexicais com o prefixo *co(N)-*, bem como o reconhecimento e categorização dos valores semânticos convencionais assumidos por tais construções.

Com esta finalidade, procederemos (a) à análise e à descrição dos valores semânticos convencionais assumidos pelo prefixo *co(N)-*, a partir de frases que veiculam as construções lexicais com o referido antepositivo; (b) ao reconhecimento e à *categorização* dos distintos valores semânticos convencionais assumidos pelo prefixo, tangenciando-se tanto seu *sentido prototípico* (assumido aqui como seu *sentido primário*) quanto os demais sentidos que derivam desse sentido primário por meio do processo de *esquematização*; e, finalmente, (c) ao estabelecimento de relações (semânticas e, conseqüentemente, conceptuais) entre os valores semânticos convencionais assumidos pelo prefixo *co(N)-* e o delineamento de uma *rede polissêmica* entre eles, pautada no *modelo de rede*.

1.2

O prefixo *co(N)-* na descrição do Português: breves considerações

O léxico e os elementos formativos que compõem a base dos processos de formação de palavras têm sido estudados a partir de duas abordagens: tradicional (externalista) e gerativista (internalista). Na abordagem tradicional, estuda-se o léxico externo (daí o fato de ser chamada de externalista), tendo como objetivo a apresentação das unidades linguísticas que constituem o inventário de uma língua: itens lexicais, prefixos e sufixos. Tal apresentação é feita por meio de uma listagem, a partir da qual se correlacionam formas (principalmente, a forma canônica e seus alomorfes) e sentidos, ambos destituídos de um contexto de uso.

No que diz respeito ao prefixo *co(N)-*, os gramáticos relacionam a tal elemento os seguintes sentidos: “companhia (compadre, comadre), reunião, sociedade (condomínio)” (MELO, 1970: 97); “reunião: combater, compadre, conferência, confrade” (ALMEIDA, 1982: 388); “contiguidade, companhia (compor, conter, cooperar, corroborar)” (CUNHA; CINTRA, 2007: 99); “companhia, sociedade, concomitância: cumplicidade, compadre, companheiro, condutor, colaborar, corroborar” (BECHARA, 2006: 366); etc.

Na abordagem gerativista, estuda-se o léxico, bem como a estrutura interna dos itens lexicais formados por derivação prefixal ou sufixal, com o objetivo de identificar o conjunto de regras que propicia tais formações. Todavia, o estabelecimento de regras se concentra na produtividade, deixando, assim, seus alomorfes fora da formalização. Além disso, devido a multiplicidade de sentidos, cada regra se torna responsável por um só sentido atribuído ao produto (isto é, ao item lexical obtido a partir do processo derivacional), o que leva ao tratamento desses múltiplos produtos por meio da homonímia.

Sobre o estudo dos prefixos, dentro de uma abordagem gerativista, destacamos dois trabalhos, pela sua contribuição não apenas à descrição do Português, mas, principalmente, à presente pesquisa: o de Cavalcanti (1980) e o de Andrade (2006). O primeiro aborda, entre outras questões, o reconhecimento dos elementos formativos num item lexical e a conseqüente análise de sua estrutura, mesmo quando não há condições ideais para tais procedimentos. O segundo apresenta, entre outras reflexões, o reconhecimento dos distintos sentidos atribuídos a um dado prefixo (o prefixo *re-*) e o tratamento dos mesmos em sua polissemia.

Sobre o prefixo *co(N)-*, dentro de uma perspectiva gerativa, há uma breve menção feita por Sandmann (1988) e Rocha (1999). O primeiro limita-se a dar o significado de “com, juntamente” ao prefixo *co-*, sem sequer se aprofundar em seu aspecto semântico ou também falar de seus alomorfes (cf. SANDMANN, 1988: 18). O segundo apresenta o *coN-* como uma forma presa, assumindo-o como prefixo (cf. ROCHA, 1999: 152-3) e traçando uma equivalência entre ele e o *co-* (cf. *idem*, 163), aos quais atribui o valor semântico de “contiguidade, companhia”.

De modo geral, é possível dizer que há uma concordância sobre o fato de o prefixo ser um elemento formativo que é acrescido à esquerda da base lexical para formar novas palavras, sem acarretar mudança de categoria lexical para o derivado, em relação ao derivante (cf. GONÇALVES, 2012: 148). No entanto, não há um

consenso acerca da natureza tais formações; isto é, se elas resultam do processo de composição ou de derivação. Nesse sentido, instaura-se o problema acerca da classificação desses formativos como prefixo, prefixóides ou dentre outros elementos de composição (cf. SILVA, 2009).

Contudo, tal problemática não fará parte do escopo desta pesquisa, que se destina à análise dos vários sentidos evocados pelo *co(N)-*, privilegiando a polissemia, em convergência com a Gramática Cognitiva.

1.3

Pressupostos teóricos: considerações preliminares

Em função dos problemas apresentados por outras correntes teóricas e dos objetivos a serem atendidos, optou-se por balizar o presente estudo por meio da perspectiva teórico-metodológica da Gramática Cognitiva (LANGACKER, 1987, 1991, 2000, 2002, 2008, 2010), doravante GC, buscando respostas para questões relativas ao campo da Morfologia. Apesar de a GC ser fundamentada na noção de que “a divisão entre léxico, morfologia e sintaxe é arbitrária” (*idem*, 1991: 1), uma análise de cunho morfológico torna-se factível, pois esse posicionamento “não impede que tais níveis de análise linguística possam ser reconhecidos e investigados” (FERRARI, 2011: 23), como, aliás, têm sido investigados nos dias de hoje.

Nessa abordagem, assume-se que o sistema linguístico se estrutura a partir de *unidades simbólicas*; ou seja, de unidades constituídas por uma *estrutura fonológica* e uma *estrutura semântica*, tal que esta é evocada por aquela. A estrutura fonológica é dada por unidades fonológicas que são tomadas em conjunto para codificar linguisticamente tal estrutura semântica. Desse modo, entende-se que as unidades simbólicas podem constituir-se de itens lexicais simples ou complexos (ou seja, as construções lexicais) – que consistem de *unidades simbólicas mínimas* (*prefixos, bases lexicais e sufixos*) até construções linguísticas maiores, como, por exemplo, os sintagmas, as palavras compostas, as locuções e os idiomatismos, dentre outras possibilidades.

Por sua vez, essa estrutura semântica é dada por um processo de *conceptualização* – isto é, por um conjunto de *operações de perspectivização* (seleção, foca-

lização, proeminência e perspectivação) que incide sob um *substrato conceptual* apreendido a partir do contexto (cf. LANGACKER, 2008: 4). Assim sendo, o significado (ou o *valor semântico convencional*) evocado pelas unidades simbólicas passa a ser entendido como um *conteúdo conceptual* cognitivamente construído, tomando-se o contexto em que tais itens são usados como o elemento norteador dessa construção cognitiva e os próprios itens lexicais como a codificação linguística do conteúdo conceptual que eles evocam. Isso reflete, em parte, o que se entende como uma *abordagem baseada no uso* (cf. LANGACKER, 2008: 220) – abordagem a partir da qual se pautam as análises orientadas pela GC, bem como aquelas orientadas por outras propostas teóricas que se inserem na corrente de pensamento científico conhecido por Linguística Cognitiva (doravante LC).

Em função disso, os itens lexicais analisados nesta pesquisa serão tomados como *construções lexicais complexas* cujas informações semântico-pragmáticas obtidas a partir de um dado contexto podem ser evocadas mediante seu uso. Por sua vez, as unidades mínimas (*prefixo, base lexical e sufixo*) que constituem tais itens lexicais dão acesso a determinadas informações semântico-pragmáticas que, quando integradas, provêm acesso a informações semântico-pragmáticas mais complexas. Isso resulta numa orientação composicional do processo de construção do sentido evocado pelo item lexical como um todo, sem necessariamente situar-se numa perspectiva computacional de traços composicionais – tal qual se dá nos moldes tradicionais, sobretudo na abordagem gerativa, com o advento da proposta de Katz e Fodor (1963).

Para que a análise e a descrição dos valores semânticos convencionais evocados pelo prefixo *co(N)*- possam revelar a estreita relação do uso das construções lexicais constituídas por tal elemento com determinado contexto, serão utilizadas frases² obtidas a partir de textos veiculados em páginas eletrônicas. Por sua vez, a estruturação dos *conteúdos semânticos* evocados pelas unidades simbólicas será delineada a partir das noções de *domínios cognitivos* e *operações de perspectivização* que incidem sob os conteúdos conceptuais invocados por tais *domínios* (cf. LANGACKER, 1987, 1991, 2000, 2008, 2009). Também será necessário abordar, devido à sua relevância à noção de domínio cognitivo, o conceito de *esquema imagético* (cf. JOHNSON, 1987; LAKOFF, 1987; LANGACKER, 2000, 2008, 2009).

² Paralelamente ao uso de tais frases, poderão ser elaboradas algumas frases para suprir a ausência de exemplos que abonem determinado sentido assumido pelo prefixo *co(N)*-.

Com o tangenciamento dos valores semânticos convencionais assumidos pelo prefixo *co(N)-*, é possível reconhecer seu sentido primário, bem como os sentidos que dele derivam. Esse reconhecimento é feito com base na noção de *categorização*, quer seja por protótipo ou por esquema; e na noção de *subjeficação* (cf. LANGACKER, 1987, 1991, 2000, 2008, 2009), que integra as operações de perspectivização. Desse modo, o sentido prototípico é assumido como o sentido primário e os demais sentidos, a partir dos quais se observa um processo de *atenuação conceptual*, são assumidos como *sentidos derivados* desse sentido primário.

Tal processo de atenuação conceptual (ou *esquematização*) permite não só o reconhecimento de processos de extensão de sentido, como também o delineamento de uma *rede polissêmica* entre os valores semânticos convencionais assumidos pelo prefixo *co(N)-*. O delineamento dessa rede polissêmica é tratada na GC por meio do *modelo de rede* (cf. LANGACKER, 2008), na medida em que os vários significados assumidos por uma determinada *unidade simbólica* formam uma teia de relações entre si. Vale ressaltar que, em alguns casos, podem integrar as operações de perspectivização os fenômenos cognitivos de *discrepância perfilamento/zona ativa* (cf. *idem*, 1991, 2002, 2008, 2009) e *metáfora conceptual* (cf. LAKOFF e JOHNSON, 1980; FAUCONNIER e TURNER, 2002; LANGACKER, 2008), pela sua contribuição ao processo de construção do valor semântico convencional.

1.4 Procedimentos e etapas de análise

Inicialmente, foram coletados os itens lexicais da língua portuguesa dotados do padrão lexical simbolicamente representado como *co(N)-X*, a partir do Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa (2009) e da ferramenta de buscas da página eletrônica³ da Academia Brasileira de Letras. A seguir, foram coletadas frases em páginas eletrônicas da internet que veiculam os referidos itens lexicais. Para suprir a ausência, em páginas eletrônicas, de exemplos de frases com determinadas construções lexicais com o prefixo *co(N)-*, tais frases serão elaboradas por nós.

A elaboração de frases é um procedimento explorado por Langacker, em to-

³ <http://www.academia.org.br/abl/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?sid=23>

das as suas obras, e deve ser entendido como um recurso voltado ao fornecimento de exemplos, com o objetivo de cobrir os distintos usos que levam aos distintos sentidos assumidos pelas construções lexicais em estudo. Ademais, ela não trará prejuízo à análise semântica, uma vez que os elementos contextuais necessários a tal análise serão apresentados na descrição das respectivas cenas retratadas.

A partir desse conjunto de frases, que se configura como o corpus da presente pesquisa, foram realizadas as cinco etapas de análise descritas a seguir:

- a) a interpretação da frase e, conseqüentemente, o reconhecimento da cena (bem como de seus *participantes* e *processos*) retratada por ela.
- b) o reconhecimento do valor semântico convencional evocado por cada unidade simbólica veiculada por tal frase, sobretudo pela construção lexical com o prefixo *co(N)-*.
- c) o reconhecimento e, conseqüentemente, a categorização do conteúdo conceitual invocado e perfilado por cada unidade simbólica, sobretudo pela construção lexical com o prefixo *co(N)-* e pelas respectivas unidades simbólicas mínimas que a integram.
- d) o reconhecimento dos distintos valores semânticos convencionais assumidos pelo prefixo *co(N)-*.
- e) o estabelecimento de relações entre os distintos valores semânticos convencionais assumidos pelo prefixo *co(N)-* e, conseqüentemente, o delineamento de uma rede polissêmica formada por e entre tais significados.

1.5 Organização do trabalho

Esta tese é constituída por 5 (cinco) capítulos. O presente capítulo destina-se tanto à apresentação do tema, do problema e do *corpus* (utilizado nas etapas de análise e de descrição), quanto ao delineamento das hipóteses, dos objetivos e da metodologia desta pesquisa, incluindo, também, a estrutura a ser seguida.

O capítulo seguinte é destinado à apresentação dos pressupostos teórico-metodológicos que dão sustentação à pesquisa. Inicialmente, é feita uma breve explanação dos princípios norteadores da LC, com vistas a definir, em linhas gerais, a perspectiva teórica pela qual se baliza esta pesquisa. Posteriormente, são

apresentados os conceitos operacionais e os procedimentos empregados na análise e na descrição dos dados.

No capítulo 3, são desenvolvidas as fases de análise e de descrição dos conteúdos conceptuais evocados e estruturados pelo prefixo *co(N)-*, visando ao reconhecimento: (i) do *arquétipo conceptual* invocado pelo *co(N)-*; (ii) das transformações sofridas pelo *arquétipo conceptual*, que propiciaram ao *co(N)-* evocar distintos sentidos; (iii) do sentido prototípico e dos sentidos derivados evocados pelo *co(N)-*; (iv) das relações (semânticas e, conseqüentemente, conceptuais) entre os distintos significados evocados pelo *co(N)-*.

O capítulo 4 é reservado para uma síntese dos resultados obtidos na presente pesquisa, destacando-se tanto o delineamento da rede polissêmica entre os distintos significados assumidos pelo *co(N)-*, quanto o reconhecimento dos fenômenos cognitivos responsáveis pelos processos de extensão de sentido sofridos pelo seu sentido primário.

O trabalho também inclui apêndices, enumerados de I a IX, onde são apresentados exemplos além dos que constam do capítulo de análise do corpus.

2 Referencial teórico

Este capítulo destina-se à apresentação do conjunto de premissas, de conceitos operacionais e de procedimentos analítico-descritivos que constituem a GC e que foi adotado como subsídio teórico das etapas de análise e de descrição das construções lexicais da língua portuguesa com o prefixo *co(N)*-. Alguns conceitos e/ou alguns procedimentos analítico-descritivos podem requerer sua apresentação não só por parte da GC, mas também por parte de outras propostas teóricas. Esse recurso visa à otimização não só de entendimento dos referidos tópicos, como também dos procedimentos analítico-descritivos.

Inicialmente será feita a apresentação da LC, área de estudos da linguagem à qual se encontra afiliada a teoria assumida como a espinha dorsal desta pesquisa: a GC. Por sua vez, a LC norteia-se pelo mesmo compromisso assumido pela sua concorrente da primeira geração das Ciências Cognitivas, o Gerativismo: o estudo da cognição humana e de sua relação com a linguagem. Contudo, as premissas a partir das quais a LC se fundamenta levam-na a um quadro teórico diametralmente oposto, em vários pontos, em relação ao qual está assentada a abordagem gerativa.

Vale ressaltar, como o faz Ferrari (2011), que, embora a LC não se constitua como um corpo teórico homogêneo, as propostas desenvolvidas sob essa designação apresentam as mesmas hipóteses centrais acerca da linguagem e da cognição humanas (cf. seção 2.1). Em função dessa confluência e da possibilidade de integração, fazem parte do quadro teórico desta pesquisa as seguintes propostas: a Gramática Cognitiva, as Redes de Conexões Lexicais, os Esquemas Imagéticos, a Teoria dos Protótipos e a Teoria da Metáfora Conceptual.

2.1 Linguística Cognitiva

A LC é um programa de pesquisa que abarca diferentes propostas teóricas que, no entanto, apresentam os seguintes pressupostos básicos em comum: a noção de mente corporificada, a não-autonomia da linguagem, a não-modularidade da linguagem e a não-modularidade da mente. O primeiro fundamenta-se no estabelecimento de um *continuum* entre cérebro e mente, no que tange aos processos de formulação e/ou de interpretação de um *conceito* (ou *conteúdo conceptual*), já que o substrato fornecido pelos sentidos constitui-se como sua matéria-prima. Logo, entende-se que o conhecimento acerca dos elementos que compõem a realidade externa não só tem uma ancoragem corporal, em função do uso dos nossos sentidos no seu delineamento; como também se configura como uma construção cognitiva, uma vez que nosso acesso à realidade externa se dá sempre dentro das limitações impostas por nossa estrutura corporal (cf. FERRARI, 2011).

O segundo baseia-se na indissociação entre conhecimento de mundo e conhecimento linguístico, no que tange aos processos de construção ou de interpretação de *significados* (ou *conteúdos semânticos*), já que o conteúdo conceptual fornece subsídio para tais processos. Em função dessa relação, pode-se afirmar que, assim como o conteúdo conceptual é uma construção cognitiva, o significado também o é. Consequentemente, o conhecimento linguístico não só tem uma ancoragem subjetiva, devido à sua relação com os conteúdos conceptuais (que, por sua vez, têm ancoragem corporal); como também ganha um aspecto de ancoragem objetiva, na medida em que os conteúdos conceptuais servem também como o meio a partir do qual o ser humano pode interpretar (e adquirir dados a partir de) novas experiências (cf. SILVA, 1999).

Vale ainda ressaltar, no que tange aos processos de construção ou de interpretação de significados, que se estabelece um *continuum* entre semântica e pragmática, já que o conhecimento linguístico é dependente do contexto (físico, socio-cultural e linguístico) em que as *unidades simbólicas* são empregadas. Tal afirmação procede, na medida em que se tem em mente a correlação entre conteúdo conceptual e conteúdo semântico e que se entende que, assim como a apreensão e/ou o reconhecimento de cada experiência, seja ela nova ou não, são orientados pelo

substrato conceptual obtido a partir do contexto, como um todo, a construção ou o reconhecimento de cada significado também o é. Logo, esta assunção não só reforça como complementa o que se entende como não-autonomia da linguagem.

O terceiro pressuposto confunde-se com o segundo, na medida em que ambos representam a negação da visão da linguagem como um sistema autocontido. No entanto, o que se pretende destacar a partir da negação da “modularidade da linguagem” é a negação da assunção de que, internamente, o sistema linguístico também é dividido em módulos independentes e que a responsabilidade da estruturação dos padrões desse sistema é atribuída ao módulo sintático. Assim sendo, é possível assumir, inicialmente, que esse terceiro pressuposto se centra na não-autonomia da sintaxe.

Com base no que foi dito acerca dos conteúdos conceptuais, entende-se que o uso das unidades simbólicas serve primariamente ao processo de categorização dos elementos da realidade externa e interna. Logo, quer seja feito o uso de uma ou de mais de uma dessas unidades, esse é seu aspecto primordial, o que indica uma motivação semântica para tal uso. Assim sendo, o conjunto de padrões obtido a partir da recorrência de tais unidades é motivado, primariamente, por questões semânticas (ou conceptuais) e não por questões sintáticas.

Ao assumir a unidade simbólica como resultado do pareamento entre um conteúdo fonológico e um conteúdo semântico, esses dois polos passam a ser tidos como o alicerce do sistema linguístico. Consequentemente, todas as noções obtidas a partir da comparação entre essas unidades simbólicas – como as noções de morfema, padrão lexical, padrão sintático, etc. – são tomadas como derivadas dessa noção primária. Nesse sentido, é possível estabelecer um *continuum* entre léxico e gramática, já que esse plano básico – o nível lexical (ou o nível fonológico) – provê acesso aos níveis mais abstratos – o nível gramatical (ou o nível morfológico, o nível sintático, etc.).

O último pressuposto pauta-se na assunção de uma mente não-modular, no que tange aos processos de formulação e de interpretação dos conteúdos conceptuais, uma vez que, nesses processos, é feito o uso de princípios cognitivos tidos como gerais (ou seja, princípios inerentes, ao mesmo tempo, à visão, à audição, etc.). Portanto, em função da relação entre um conteúdo conceptual e um conteúdo semântico, pode-se afirmar que o processo de formulação e de interpretação de conteúdos semânticos faz uso desses princípios cognitivos gerais.

2.2 Gramática Cognitiva

A GC é uma teoria que se fundamenta, basicamente, em duas premissas acerca da linguagem: (i) ela é parte integrante do sistema cognitivo; e (ii) ela é um sistema inerentemente simbólico. A partir da primeira, concebe-se não só a impossibilidade de uma distinção absoluta entre cérebro e mente como também impõe-se a não-modularidade da mente, no tocante ao processo de *conceptualização* (cf. seção 2.2.1), processo a partir do qual se reconhece o conteúdo semântico evocado por um conjunto de sons, gestos ou sinais gráficos. Nesse sentido, a linguagem passa a ser assumida não como um sistema autônomo, mas, sim, como um sistema que se integra à cognição e que também dela é resultante, já que seu funcionamento decorre de sua interação com outros sistemas cognitivos (como memória, atenção, etc.) por meio de princípios que são compartilhados por eles.

A partir da segunda, entende-se que as *unidades simbólicas*, quer sejam elas itens lexicais (simples e compostos) ou construções frasais, provêm tanto a simbolização de conteúdos conceptuais (cf. seção 2.2.1), quanto a estruturação do sistema linguístico. A simbolização se dá, na medida em que um conjunto de sons, de gestos ou de sinais gráficos são assumidos como o meio a partir do qual um conteúdo semântico é evocado. Portanto, enquanto a relação entre as entidades que integram a realidade e o conhecimento acerca deles é mediada pela conceptualização, a relação entre tal processo e a categorização dos elementos da realidade é mediada pelas unidades simbólicas.

No tocante à estruturação do sistema linguístico, entende-se que a gramática é natural e motivada. A ideia de naturalidade opõe-se à ideia da gramática como um algoritmo formulado a partir de procedimentos mentais inatos e autônomos, já que a própria organização das unidades simbólicas (quer seja a organização das unidades mínimas dentro dos itens lexicais e/ou a organização dos itens lexicais dentro das estruturas gramaticais) possibilita a extração de um esquema e este, por sua vez, pode se transformar num padrão para a construção de novas expressões linguísticas. Logo, entende-se que as regras gramaticais obtidas a partir desse processo possuem uma motivação subjacente e que elas são também dotadas de significado, o que caracteriza a GC como uma **abordagem baseada no uso**.

2.2.1 Estruturação das unidades simbólicas

O caráter simbólico da linguagem se manifesta a partir de sua unidade básica, a *unidade simbólica*. Essa unidade, por sua vez, resulta da conexão estabelecida entre um conjunto de sons, um conjunto de gestos ou conjunto de sinais gráficos que constituem sua representação ortográfica – nomeados genericamente de *conteúdo fonológico* (cf. LANGACKER, 2008: 15) – e um *conteúdo semântico*. À medida que tais unidades vão sendo armazenadas em nossa memória e usadas nos momentos de enunciação, torna-se possível o reconhecimento de unidades menores que lhes são comuns. Desse modo, as unidades simbólicas podem sair da condição de *unidades simbólicas simples* para a condição de *unidades simbólicas complexas* (cf. LANGACKER, 1987: 46). Tome-se, por exemplo, o reconhecimento de *criação*, *recriar* e *recriação* como unidades simbólicas complexas.

O reconhecimento de *cria* como uma unidade simbólica mínima (no caso, uma *base lexical*) só é possível, na medida em que sua ocorrência é detectada em meio a uma série de outros itens lexicais estocados na memória, como *crias*, *cria*, etc., *criado*, *criação*, etc. De igual modo, o prefixo *re-* e o sufixo *-ção* podem ser reconhecidos, em função da comparação com outros itens lexicais que os possuam (respectivamente, “*recriar*, *refazer*, *reler* etc.” e “*criação*, *formação*, *preparação* etc.”). Logo, a partir da recorrência dessas unidades simbólicas mínimas, é possível obter generalizações na forma de *esquemas* (isto é, na forma de representações estruturais obtida a partir de um padrão lexical): *cria-X*, *re-X* e *X-ção*.

Os esquemas que emergem dessas generalizações são usados no processo de analisabilidade tanto dos próprios itens lexicais que os propiciaram, quanto de outros itens lexicais. Logo, em função da comparação com os outros itens lexicais supracitados, as unidades simbólicas *criação*, *recriar* e *recriação* passam a ser reconhecidas não mais como unidades simbólicas simples, e, sim, como unidades simbólicas complexas (isto é, como unidades simbólicas constituídas por outras unidades simbólicas menores). Isso se torna possível, pois cada uma das unidades menores (*re*, *cria* e *ção*) passa a ser reconhecida como uma *unidade simbólica mínima* – isto é, como uma unidade mínima que igualmente consiste no pareamento de um conteúdo fonológico e um conteúdo semântico (cf. LANGACKER, 1991: 16-17).

Uma unidade simbólica pode, portanto, assumir graus de complexidade distintos, em função de seus distintos tipos de constituição estrutural (ou seja, ela pode ser constituída por um item lexical morfológicamente simples, um item lexical morfológicamente complexo ou uma expressão linguística). Nesse sentido, concebem-se como construções cognitivas tanto os itens lexicais quanto as estruturas gramaticais, já que os distintos tipos de constituição estrutural apresentados pelas unidades simbólicas resultam (e são resultado de) em distintos processos de seleção e de estruturação de *conteúdos conceptuais*, o que, conseqüentemente, provê ao usuário de uma língua distintos modos de retratar dada entidade ou situação. A partir dessa percepção, Langacker (1987, 1991, 2000, 2008 e 2009) assume a existência de um *continuum* entre léxico e gramática, o que dilui as fronteiras entre os níveis de análise linguística.

Além disso, é possível afirmar também que uma unidade simbólica pode ser dotada de diferentes graus de especificidade, o que equivale a dizer que, acerca de sua complexidade simbólica, diferentes quantidades de dados linguísticos nos fornecem diferentes graus de especificidade. Ou seja: (i) enquanto uma unidade simbólica pode fornecer apenas uma representação linguística (fonemas e sílabas, do ponto de vista fonológico), um pequeno conjunto de unidades simbólicas pode fornecer um esquema (isto é, um padrão lexical, do ponto de vista morfológico; ou um padrão gramatical, do ponto de vista sintático); (ii) por sua vez, enquanto um pequeno conjunto de unidades simbólicas pode fornecer um esquema, um grande conjunto de unidades simbólicas podem consolidar tal esquema, configurando-o como uma *regra gramatical* (cf. LANGACKER, 1991: 102-108).

O fato de que a recorrência de um esquema – que é, ao mesmo tempo, tributário e provedor do processo de analisabilidade – poder elevar-se à condição de regra gramatical confere um caráter de naturalidade aos *padrões linguísticos*, uma vez que eles são obtidos e internalizados a partir de eventos de uso (e não como algoritmos formulados a partir de procedimentos mentais inatos e autônomos). Logo, tais padrões (quer sejam obtidos em nível morfológico, sintático, etc. e quer sejam tidos como esquemas ou como regras gramaticais) têm a função de prover tanto o reconhecimento das unidades mínimas que constituem as unidades simbólicas, quanto a interpretação e o armazenamento, do ponto de vista da aprendizagem (bem como a construção e o uso, do ponto de vista da produção) de novas unidades simbólicas (cf. LANGACKER, 2008: 15-26).

Os próprios padrões são considerados unidades simbólicas complexas, pois eles correspondem, de igual modo, ao pareamento entre conteúdos fonológicos e conteúdos semânticos. Isso implica dizer que a arbitrariedade linguística é um aspecto constitutivo apenas das unidades simbólicas simples e das unidades simbólicas mínimas – assumidas como uma *unidade simbólica degenerada* (cf. seção 2.2.2); a motivação semântica é um aspecto constitutivo das unidades simbólicas complexas, visto que sua construção se dá em função de um propósito comunicativo (cf. LANGACKER, 1987: 15). Além disso, na GC, assume-se a visão de que um item lexical evoca um significado, na medida em que um conteúdo fonológico evoca um conteúdo semântico; e rejeita-se aquela de que um item lexical tem um significado.

A ideia de que, a partir do uso (em situações comunicativas concretas) e da comparação entre unidades linguísticas já consolidadas, emergem esquemas já havia sido proposta por Bybee (1985, 1988) em relação a estruturas morfológicas. Seu modelo teórico pauta-se no mapeamento de semelhanças detectadas nos planos fonológico e semântico. Tais semelhanças podem se dar de modo total – quando houver semelhança de conteúdo semântico entre sequências fonológicas semelhantes (isto é, sequências fonológicas em que todos os elementos são iguais), como no par *criação* e *formação* – ou parcial – quando houver semelhança de conteúdo semântico entre sequências fonológicas parecidas (isto é, sequências fonológicas em que nem todos os elementos são iguais), como no par *criação* e *divisão*.

A ocorrência de semelhanças, quer sejam totais ou parciais, acarreta o estabelecimento de *conexões lexicais* entre as unidades linguísticas. A recorrência (ou a frequência) dessas semelhanças confere *força* às conexões lexicais, o que propicia tanto o reconhecimento dessas unidades linguísticas em unidades linguísticas maiores, quanto a obtenção de um esquema a partir da representação estrutural de cada uma dessas *unidades linguísticas*. Nesse sentido, pode-se afirmar que: (i) a alta frequência de *semelhanças totais* faz com que essas conexões lexicais sejam sentidas como *fortes* e *regulares*; e (ii) a baixa frequência de *semelhanças parciais* faz com que essas conexões lexicais sejam sentidas como *fracas* e *irregulares*.

Esse reforço, quer seja ele baixo ou alto, que as conexões lexicais sofrem em função da frequência é conhecido como *força lexical*. Por sua vez, a interação da força lexical com as conexões lexicais propicia, ao esquema obtido a partir das representações estruturais, a ascensão ao *status* de regra. No entanto, entende-se

que tanto os padrões resultantes de conexões lexicais fortes e regulares quanto os resultantes de conexões lexicais fracas e irregulares podem ser usados no processo de construção de novas unidades linguísticas, como ressalta Bybee (1988: 138).

Com base no que foi exposto, é possível afirmar que, para Langacker (1987, 1991, 2000, 2008, 2009) e Bybee (1985, 1988): (i) o léxico se organiza em função de uma rede de relações que se estabelece entre as unidades linguísticas; (ii) a recorrência das representações lexicais fornecem um esquema; (iii) um esquema pode ser reforçado e elevado à condição de regra, em função da frequência; (iv) não há uma rígida distinção entre léxico e morfologia mas, sim, a noção de que ambos (inclusive a sintaxe) fazem parte de um *continuum*; (v) uma relação entre esquema e produtividade pode ser estabelecida, já que os esquemas altamente frequentes (ou altamente produtivos) alcançam o *status* de regra gramatical, enquanto os esquemas pouco frequentes (ou pouco produtivos) alcançam o status de **representação estrutural**. Conseqüentemente, essas características conferem dinamicidade aos respectivos modelos teóricos, além de permitem sua classificação como abordagens baseadas no uso.

2.2.2 Estruturação dos conteúdos semânticos

Conforme foi exposto anteriormente, uma unidade simbólica é fruto de uma associação, de natureza simbólica, entre um conteúdo fonológico e um conteúdo semântico. De acordo com Langacker (1987, 1991, 2000, 2008 e 2009), esse conteúdo semântico (ou seja, o significado) não é totalmente fixo nem totalmente negociável. Isso equivale a dizer que o significado não é plenamente previsível por regras, nem construído a partir do nada a cada enunciação.

A perspectiva acerca da parcial fixação de um conteúdo semântico se deve à noção de que o uso das unidades simbólicas se pauta numa convencionalização. A convencionalização, por sua vez, configura-se como um conhecimento geral acerca de uma dada entidade à qual a unidade simbólica se refere. Contudo, tal conhecimento resulta de uma consolidação provida tanto através da percepção e da experiência corpórea, em função da “interação” entre um experienciador (*concep-*

tualizador) e a referida *entidade*; quanto a partir da recorrência do uso dessa unidade simbólica (cf. LANGACKER, 2008: 28-30).

Essa situação faz emergir uma experiência mental de caráter individual, o que permite conceber, portanto, como gradual um conhecimento comumente considerado como geral. Isso se deve ao fato de que distintos indivíduos (quer sejam ou não integrantes de um mesmo grupo social) internalizam diferentes porções desse conhecimento tido como coletivo – ou convencionalizado – (cf. *idem*, 29-30). Como essas diferentes porções de um dado conhecimento coletivo mantém relação, umas com as outras, esses diferentes significados, resultantes das respectivas diferentes estruturações dos conteúdos conceptuais, acabam por imprimir um caráter de *polissemia* às unidades simbólicas, passível de ser vislumbrado pelo *modelo de rede* (cf. seção 2.2.8).

Em função da relação estabelecida entre os diferentes significados evocados por determinada unidade simbólica, é possível pensar que um deles se configura como *central*, na medida em que ele se torna prototípico, e os demais se tornam *periféricos* (cf. seção 2.2.6). O processo de categorização por esquemas também auxilia o estabelecimento de relações entre os diferentes significados, uma vez que ele revela a instanciação de certos significados a partir de outros.

Por sua vez, a perspectiva de uma parcial negociação por meio do discurso se deve à noção de que os interlocutores partem de algum conhecimento prévio acerca de tais unidades, pautando-se em expectativas construídas a partir do uso habitual das mesmas (cf. *ibidem*, 30). Desse modo, o significado não pode ser tido como transparente, uma vez que ele não consiste num reflexo direto das entidades do mundo real ou mental; mas, sim, como um construto da cognição humana, por meio do qual essas entidades são experienciadas e apreendidas, de forma ativa e dinâmica (cf. *ibidem*, 35; FERRARI, 2011: 14). Logo, ao mesmo tempo que o significado é parcialmente fixo (pois os interlocutores partem do mútuo acesso a um conhecimento geral), ele emerge e é interpretado a partir do discurso (já que os interlocutores efetuam uma negociação no momento de enunciação, tendo como base o acesso a diferentes porções de um conhecimento coletivo realizado por eles).

Portanto, por meio da ancoragem do significado no contexto, é possível conceber a manifestação do seu paradigmatismo (pois a seleção de conteúdos conceptuais se liga a um conhecimento geral armazenado) e do seu dinamismo (pois a estruturação de conteúdos conceptuais consiste num aspecto subjetivo do conheci-

mento geral) – (cf. SILVA, 1999). Em função dessas noções, assume-se que o reconhecimento do significado evocado por uma dada unidade simbólica não se pauta apenas na determinação dos conteúdos conceptuais que o integram, mas, principalmente, na estruturação imposta a esses conteúdos conceptuais, de acordo com o contexto. Nesse sentido, é válido afirmar que o significado não corresponde meramente a um *conceito*, mas, sim, a uma *conceptualização*.

Essa assunção entra em conformidade com a possibilidade de uma dada *entidade* ou *situação* ser retratada linguisticamente de diferentes modos, o que permite considerar cada um desses diferentes modos como uma faceta dessa entidade ou dessa situação. Tal possibilidade está ligada à variação quanto ao grau de complexidade de uma unidade simbólica, já que o uso de uma unidade simbólica simples ou de uma unidade simbólica complexa corresponde à seleção de uma dessas facetas (e a um modo de codificação linguística) para atingir um propósito comunicativo. Contudo, tal possibilidade também ressalta a variação quanto ao grau de especificidade, na medida em que uma unidade simbólica pode evocar um conjunto de conteúdos conceptuais ligado a uma entidade ou situação específica ou a um grupo de entidades ou de situações, com maior ou menor número de semelhanças.

Tome-se, como exemplo, a relação entre as imagens (bem como a diferença entre os significados) fornecidas por unidades simbólicas como *peixeira*, *facão curto*, *faca para cortar peixe*, etc. Através delas, é possível vislumbrar diferentes estruturações dos conteúdos conceptuais e, em consequência disso, diferentes imagens (e diferentes significados) ligadas a uma entidade, que, a princípio, é codificada linguisticamente como *peixeira*. Logo, a partir dos graus de especificidade semântica e de convencionalidade linguística que adquirem no seio de uma determinada comunidade linguística, tais unidades simbólicas são empregadas no processo de *categorização* (cf. seção 2.2.6) de entidades semelhantes.

No que tange às unidades simbólicas complexas, o significado evocado por tais construções é tido como parcialmente composicional, na medida em que ele não corresponde meramente à união dos significados evocados por cada unidade menor que a compõe. Seu valor semântico convencional é antes uma conceptualização, cujos processos de seleção, de estruturação e de acesso de conteúdos conceptuais são providos pela unidade simbólica complexa como um todo e cuja contribuição indireta é dada pelas unidades simbólicas mínimas que a integram. Contudo, é em função desse significado assumido pela unidade simbólica complexa

que se pode determinar se as unidades simbólicas mínimas fornecem-lhe maior ou menor contribuição. Tal dinamismo pode ser mostrado por meio da *trajetória composicional* (cf. seção 2.2.4).

Devido ao fato de o significado ser construído com base experiências mentais, quer sejam de caráter particular ou geral, não é possível dissociar, de modo preciso, o conhecimento linguístico (ou conhecimento semântico) evocado por uma unidade simbólica do conhecimento extralinguístico acerca da entidade à qual essa unidade simbólica se refere. A adoção da referida perspectiva, chamada de *visão enciclopédica da linguagem*, conduz à compreensão de que, por meio de seus significados, as unidades simbólicas estabelecem entre si uma teia de relações. Tal afirmação se justifica, na medida em que, de modo geral, o reconhecimento de determinado significado é feito, na maior parte dos casos, em função de outros, como se pode notar através da unidade simbólica *pai*, cujo valor semântico é provido por um sistema elaborado de conhecimento (v. seção 2.2.3 abaixo).

2.2.3 Domínios cognitivos

A consolidação de uma unidade simbólica é resultado não só da rotinização das experiências mentais (e do conseqüente conhecimento) acerca da entidade ou da situação a qual ela referencia, como também de sua organização em *campos da experiência*. Esses *campos* são chamados de *domínios cognitivos* e podem ser apresentados em sua forma mais básica, chamada de *domínio básico*, ou mais elaborada, chamada de *domínio não-básico*.

Os domínios básicos são assim denominados em função da irredutibilidade cognitiva (ou seja, em função da impossibilidade de análise em outros conceitos). Segundo Langacker (2008: 33), em função desse aspecto, são considerados como domínios básicos as noções que são básicas dentro de um específico campo da experiência (isto é, os *conceitos mínimos*) e as que são básicas não apenas dentro de um específico campo da experiência (ou seja, os *conceitos configuracionais* e os *arquetípicos conceituais*). O autor (*idem*) cita como exemplos de:

- **conceitos mínimos:** *linha, ângulo, curvatura*, etc. dentro do domínio espacial;

brilho, cores focais, etc. dentro do domínio da visão; etc.

- **conceitos configuracionais:** *limite, mudança, agrupamento*, etc.
- **arquétipos conceituais:** os *esquemas imagéticos* e alguns conceitos baseados em experiências corriqueiras como *objeto, corpo*, etc.

Por sua vez, os **domínios não-básicos** consistem em qualquer tipo de **conceptualização**, o que propicia a compreensão de que tais domínios consistem não só dos conteúdos conceituais selecionados como também da forma como esses conteúdos são estruturados. Nesse sentido, pode-se dizer que um domínio cognitivo também é complexo e dinâmico, tal qual uma conceptualização, e que um significado pode ser caracterizado em relação a um ou mais domínios cognitivos.

Vale ressaltar que os domínios não-básicos podem consistir de **conceitos não-básicos, complexos conceituais** ou **sistemas elaborados de conhecimentos**. Cada um desses tipos de conceito constitui um caso de domínio não-básico, já que a caracterização de cada um depende de outros **conteúdos conceituais** (ou seja, são domínios cuja caracterização depende de outros domínios). Logo, conforme sua complexidade, eles assumem diferentes configurações estruturais.

Os **conceitos não-básicos** correspondem a conceitos cuja caracterização é feita a partir da referência a outros conceitos, quer seja de modo implícito ou explícito, o que se configura como uma **hierarquia altamente estruturada de conceitos**. Langacker (1987: 147-8) ilustra tal caso por meio da análise conceptual da unidade simbólica *knuckle (nó dos dedos)*: *knuckle* é caracterizado a partir de *finger (dedo)*; *finger*, a partir de *hand (mão)*; *hand*, a partir de *arm (braço)*; *arm*, a partir de *body (corpo)*; e *body*, a partir do **arquétipo conceptual** de *espaço tridimensional*. Do mesmo modo, a caracterização de *telhado* é feita a partir de *casa*, *guidom* é caracterizado a partir de *bicicleta*, e assim por diante. Logo, em virtude do fato de que um conceito se torna um domínio cognitivo para o outro (isto é, *mão* é o domínio cognitivo para *dedo*, *braço* é o domínio cognitivo para *mão*, etc.), pode-se afirmar que um conceito (ou domínio) torna-se o **escopo imediato** (cf. seção 2.2.5) do outro.

Os **complexos conceituais** correspondem a **conceitos**, cuja caracterização se dá a partir de múltiplos domínios cognitivos paralelamente invocados. Para exemplificar o presente caso, o autor (1987: 154) cita o conceito *banana* e comenta que sua caracterização se dá paralelamente a partir do **domínio espacial** (pela forma), do **domínio visual** (pela cor), do **domínio do paladar** (pelo gosto) e de uma série de

outras especificações fornecidas pelo conhecimento extralinguístico acerca desse elemento, como “bananas dão em cachos”, “bananas são comestíveis”, etc. A partir desse raciocínio, entende-se que tal análise cabe a qualquer *entidade* ou *coisa*, como *cachorro*, *água*, etc. Logo, a caracterização desse tipo de conceito é apropriada por vários domínios (campos da experiência), invocados de modo paralelo.

Os *sistemas elaborados de conhecimentos* correspondem a *conceitos* cuja caracterização é feita por um *sistema de conhecimentos* culturalmente idealizado (isto é, um sistema construído e convencionalizado por dado grupo social). Como exemplo do presente caso, o autor (1991: 3) cita o conceito *abril* e comenta que sua caracterização se dá a partir da concepção de um calendário dividido em 12 meses (ou seja, um ciclo calêndrico), de onde se destaca o quarto mês; de que tal mês é composto de 30 dias; etc. Com base nisso, entende-se que conceitos como família, sistemas de numeração, etc. se encaixam em tal análise. Vale destacar, como o faz Langacker (2008: 46-7), que este caso equivale a duas noções teóricas bastante conhecidas e difundidas na LC: as noções de *frames* (FILLMORE, 1982) e de *modelos cognitivos idealizados* (LAKOFF, 1987).

O reconhecimento de conteúdos conceptuais a partir de domínios cognitivos corresponde a apenas uma parte da caracterização de um significado, denominado de *base conceptual*. A outra parte consiste no reconhecimento das operações de perspectivização impostas a tais conteúdos conceptuais que invocam o referido domínio cognitivo, refletindo, simultaneamente, um modo de conceber e de retratar uma dada situação ou entidade. O processamento cognitivo que possibilita essa estruturação recebe o nome de *operações de perspectivização* – quando se fizer referência ao conjunto de operações cognitivas apresentadas na seção 2.2.4 – ou, simplesmente, *perspectivização*.

2.2.4 Estruturação dos domínios cognitivos

Conforme foi exposto anteriormente, o reconhecimento do valor semântico convencional de uma unidade simbólica não consiste unicamente da caracterização de um corpo de conteúdos conceptuais, mas também do modo como esse corpo de

conteúdos conceptuais é estruturado por um falante, a fim de conceber e retratar determinada entidade ou determinada situação, num dado contexto. Nesse sentido, a estruturação do corpo de conteúdos conceptuais (isto é, a estruturação da *base conceptual*) de uma unidade simbólica é tida como uma construção cognitiva, por meio da qual um falante/escritor apresenta a um ouvinte/leitor uma seleção de imagens que revelam o seu ponto de vista acerca de uma entidade ou de uma situação, o seu propósito comunicativo, etc. Essa construção cognitiva se dá por meio de *operações de perspectivização*, cujo dinamismo se fundamenta em quatro dimensões: *especificidade, focalização, proeminência e perspectiva*. Contudo, em prol de uma explanação mais didática, o dinamismo e a interdependência das quatro dimensões são apresentados a partir dos seguintes rótulos: *seleção* (que incorpora a noção de *especificidade*), *focalização, proeminência e perspectiva*.

A *seleção* de conteúdos conceptuais é feita em função do nível de precisão e de detalhamento com o qual dada situação ou dada entidade pode ser caracterizada. Assim sendo, uma situação ou uma entidade pode ser linguisticamente codificada: (i) com riqueza de detalhes e com alta granularidade, por meio de uma unidade simbólica tida como altamente específica (como, por exemplo, *faca de serra*); ou (ii) com pobreza de detalhes e com baixa granularidade, por meio de uma unidade simbólica tida como pouco específica (como, por exemplo, *talher*). Enquanto o primeiro tipo de codificação é definido em termos de *especificidade*, devido ao alto nível de precisão e de detalhamento; o segundo é definido em termos de *esquematicidade*, devido ao baixo nível de precisão e de detalhamento (cf. LANGACKER, 2008: 55-7).

Desse modo, é possível entender que o uso de uma unidade simbólica provê, ao mesmo tempo, o acesso e a seleção de um conjunto de domínios (ou conteúdos conceptuais) que fazem parte de seu valor semântico convencional, constituindo o que se denomina de base conceptual. Logo, a escolha da unidade simbólica para codificar o conjunto de domínios selecionados acarreta um efeito de gradação, no tocante à construção de imagens que concebem e retratam dada entidade ou dada situação. Contudo, por meio de uma *relação elaborativa* (relação hierárquica pautada no aspecto semântico de especificidade/esquematicidade) estabelecida entre as unidades simbólicas, é possível entender que um significado tido como específico numa certa instanciação ou pode ser tido como esquemático em outra, a saber:

coisa → *objeto* → *talher* → *faca* → *faca de serra*

Com base na relação elaborativa acima, constata-se que *faca de serra* é mais específico do que *faca*, que, por sua vez, é mais específico do que *talher*, etc.; ou *coisa* é mais esquemático que *objeto*, que, por sua vez, é mais esquemático que *talher*, etc. Essa hierarquização reforça a noção de que a seleção da unidade simbólica depende do nível de especificidade que se deseja aplicar à imagem a ser construída com o propósito de retratar dada situação ou dada entidade. Além disso, ela permite também visualizar o *continuum* que se estabelece entre léxico e gramática, na medida em que determinado conteúdo conceptual pode ser evocado tanto por uma unidade simbólica “pouco” complexa quanto por uma unidade simbólica “mais” complexa (cf. LANGACKER, 2008: 55-7).

A partir da determinação da base conceptual da unidade simbólica, entra em jogo a dimensão da **focalização**. Essa operação de perspectivização permite reconhecer quais domínios, dentre os que integram a base conceptual, são postos em evidência, num dado contexto, por meio da noção de *escopo*; bem como o *arranjo* por meio do qual tais domínios se organizam, para que a unidade simbólica possa evocar o referido significado linguístico, tendo como base essa delimitação conceitual.

O *escopo* é uma espécie de segunda seleção de conteúdos conceptuais, na medida em que ele corresponde ao processo por meio do qual são delimitados os domínios evocados na construção do significado linguístico, a partir de um dado conjunto de domínios. Em função dessa delimitação, distingue-se o escopo em: (i) *escopo máximo*, que corresponde ao conjunto de domínios que integram a base conceptual – isto é, à cobertura total do conjunto de domínios cujo acesso é provido por uma unidade simbólica –; e (ii) *escopo imediato*, que corresponde à porção de domínios que se torna relevante em dado contexto (cf. *idem*, 62-5).

Nesse sentido, dar relevância a apenas uma porção de domínios, dentre os que integram uma base conceptual, significa apresentá-los como *foco de atenção* (isto é, colocá-los em posição de destaque, chamada de *primeiro plano*). Os domínios que não são apresentados como foco de atenção, por sua vez, continuam fazendo parte da caracterização das unidades simbólicas; porém, são deixados em posição mais baixa, chamada *plano de fundo*. Desse modo, a delimitação de domínios propiciada pelo escopo é fruto de um arranjo que se define a partir da organização, por meio de camadas (ou planos de focalização), do conjunto de domínios evocados por uma unidade simbólica. Logo, em termos de planos de focalização,

é possível dizer que: (i) à medida em que se tornam centrais para a caracterização da unidade simbólica, os domínios são postos em primeiro plano e assumidos como escopo imediato; e (ii) quando se tornam periféricos, os domínios são deixados em plano de fundo e assumidos como escopo máximo.

Para a exemplificação desse mecanismo, são tomadas três unidades simbólicas: *mão*, *xícara* e *tio*.

O primeiro exemplo, *mão*, consiste numa matriz de domínios altamente hierarquizados, já que *mão* é caracterizado a partir de *braço* e *braço*, a partir de *corpo*. Nestes termos, entende-se que *braço* é o escopo imediato (doravante **EI**) de *mão* e que *corpo* é o escopo máximo (doravante **EM**). Assim sendo, para que a caracterização de *mão* seja estabelecida, a noção de *braço* é posta em primeiro plano e de *corpo*, em plano de fundo.

O segundo exemplo, *xícara*, consiste numa matriz complexa de domínios, uma vez que *xícara* é caracterizado por múltiplos domínios cognitivos acessados paralelamente, tais como: *espaço*, *forma* (cilíndrica), *material* (vidro, porcelana, etc.), *cor*, *função 1* (sua função primária é a de contêiner de líquido), etc. Num dado contexto, o EI de *xícara* pode ser constituído apenas por parte do conjunto de domínios usados para caracterizá-lo, posto em primeiro plano, e que o EM passa a ser constituído pelos demais domínios que o caracterizam, postos em plano de fundo. Logo, a partir de uma oração como “*Zé colocou café na xícara*”, a caracterização de *xícara* se dá por meio da colocação de alguns domínios (como *espaço*, *forma* e *função 1*) em primeiro plano; enquanto outros domínios (como *cor* e *material*) são deixados em plano de fundo.

O terceiro exemplo, *tio*, consiste numa matriz de domínios correspondente a um sistema elaborado de conhecimento: relações de parentesco. Nestes termos, o conhecimento acerca das relações de parentesco, como um todo, tornam-se o EM; enquanto, mais, especificamente, o sistema elaborado de conhecimento a partir de *tio* coloca como EI a relação entre duas entidades: uma entidade A e uma entidade B (filho/filha do/da irmão/irmã de A). Assim sendo, para que a caracterização de *tio* seja estabelecida, a *relação de parentesco entre A e B* é posta em primeiro plano e a *relação de parentesco entre as demais entidades* é posta em plano de fundo.

No caso das **unidades simbólicas complexas**, a estruturação do conjunto de domínios que caracteriza o seu significado consiste também das noções de **escopo** e de **arranjo primeiro plano/plano de fundo**. Porém, essa estruturação não é feita

simplesmente a partir da união das matrizes de cada unidade menor que a compõe; mas, sim, da matriz de domínio da unidade simbólica complexa como um todo. Logo, é por meio da própria unidade simbólica complexa que se provê o acesso, a seleção e a estruturação do conjunto de domínios, na medida em que ela provê o acesso, apenas de modo indireto, aos domínios que são centrais a suas unidades componentes. Essa perspectiva é denominada de *composicionalidade parcial* e é evidenciada através da *trajetória composicional* (cf. LANGACKER, 2008: 60-2).

A trajetória composicional, por sua vez, consiste num arranjo em camadas, pautado no *arranjo primeiro plano/plano de fundo*, em que são dispostas as unidades simbólicas complexas e suas respectivas *unidades simbólicas mínimas* (também chamadas de *unidades simbólicas componentes* ou *unidades componentes*). A partir desse arranjo, é possível não só identificar as unidades menores que podem fornecer maior ou menor contribuição para o valor semântico convencional da unidade simbólica complexa nesse processo (por meio dos domínios que são centrais a suas unidades componentes), mas também entender o processo de *analisabilidade* de uma unidade simbólica complexa em unidades menores. Nestes termos, a unidade simbólica complexa é posta em primeiro plano e suas unidades componentes, em plano de fundo, conforme aponta a figura abaixo, extraída de Langacker (2008: 60):

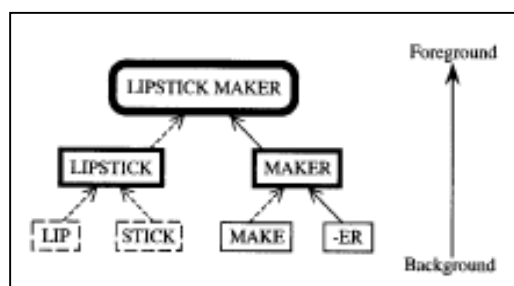


Figura 1.1 – Trajetória composicional

No que tange ao escopo, é possível observar que, numa unidade simbólica complexa, uma unidade componente atua como escopo da outra, como se verifica a partir de: (i) itens lexicais morfologicamente complexos, como *semiaberto*, *semifinal*, *semitom*, etc.; (ii) expressões linguísticas, como *ponta da faca*, *ponta do dedo*, *ponta do pé*, etc.; e (iii) estruturas gramaticais, como *o copo*, *do copo*, *no copo*, etc.

O fenômeno da metáfora também é concebido a partir do *arranjo primeiro*

plano/plano de fundo: as conexões estabelecidas entre o conjunto de conteúdos conceptuais tidos como *domínio fonte* e o conjunto de conteúdos conceptuais tido como *domínio alvo* fornecem uma base conceptual, posta em plano de fundo (pois atuam como escopo máximo); a partir dessa base, emerge uma *mesclagem conceptual* (isto é, um *domínio híbrido*) como primeiro plano (ou escopo mínimo) – (cf. LANGACKER, 2008: 51-3). Logo, além de uma modelagem conceptual, a noção de metáfora ganha dinamismo, do mesmo modo que em outras propostas teóricas da LC (cf. LAKOFF e JOHNSON, 1980; LAKOFF, 1987; FAUCONNIER, 1997; FAUCONNIER e TURNER, 2002).

A partir do escopo imediato delimitado na dimensão de focalização, entra em jogo a *proeminência*, operação de perspectivização que é apreendida por meio do perfilamento e do *alinhamento trajetor/ponto de referência*. O *perfilamento* corresponde a: (i) uma específica porção de domínios que é selecionada a partir do escopo imediato e assumida como foco de atenção; e (ii) um *referente conceptual* que é designado por meio da base conceptual. Nestes termos, pode-se afirmar que o perfilamento se configura através da designação de um referente conceptual (um objeto, uma relação etc.) provida através de uma porção específica da base conceptual. Por sua vez, essa porção específica consiste numa subestrutura obtida a partir da porção de domínios selecionada como EI (cf. LANGACKER, 2008: 66-8).

Tomem-se como exemplo de perfilamento as unidades simbólicas *mão* e *tio*.

A unidade simbólica *tio* evoca, como seu EI, a relação entre um indivíduo referente (o sobrinho) e um indivíduo masculino (o *tio*, propriamente dito). Porém, o perfilamento provido por *tio* coloca como foco de atenção apenas o indivíduo masculino. Logo, o indivíduo referente não é perfilado pela referida unidade simbólica, já que *tio* perfila apenas a entidade designada pela unidade simbólica (isto é, um indivíduo do sexo masculino que é parente do indivíduo referente) e não a relação que se instaura a partir dessa unidade simbólica.

A unidade simbólica *mão* evoca, como EI, uma específica região do corpo humano (EM): o braço. Porém, o perfilamento provido por *mão* põe como foco de atenção apenas uma parte de braço. Logo, o braço inteiro não é perfilado pela unidade, já que a entidade designada pela unidade simbólica *mão* é apenas uma parte do braço (isto é, uma parte específica do braço) e não o braço como um todo.

As relações são perfiladas por meio de unidades simbólicas gramaticalmente classificadas como verbos, preposições, advérbios etc., e são evidenciadas através

do alinhamento trajetor/ponto de referência. Esse tipo de perfilamento parte do princípio de que, linguisticamente, impõe-se uma variação em termos de graus de proeminência aos participantes de uma relação. Em função dessa gradação, o *participante* da relação tido como mais proeminente é assumido como *trajetor* (ou *foco principal*) – representado como **Tr** –; enquanto o *participante* menos proeminente é assumido como *ponto de referência* (ou *foco secundário*) – representado como **Pr** –, como se pode verificar nas orações abaixo:

- (1) a. *A pasta (Tr) está em cima do livro (Pr).*
 b. *O livro (Tr) está embaixo da pasta (Pr).*

Por meio das unidades simbólicas *em cima* e *embaixo*, é possível observar que um participante é assumido como trajetor (respectivamente, *pasta* e *livro*) e o outro é assumido como ponto de referência (respectivamente, *livro* e *pasta*). Tais exemplos propiciam a compreensão de que duas ou mais unidades simbólicas podem ter uma base conceptual comum e não serem, contudo, sinônimas. Ou seja, as referidas unidades simbólicas evocam a mesma base conceptual (uma relação espacial entre duas entidades, orientada por um eixo vertical) mas não são sinônimas, devido ao fato de que a proeminência provida por uma ser diferente daquela provida pela outra.

Os verbos também são responsáveis pelo perfilamento de relações. Por exemplo, o verbo *entrar* perfila um trajetor que se desloca por um dado caminho, de uma *origem* a um *destino*, através do tempo. Contudo, numa frase como “*João entrou no quarto*”, além de *João* ser o trajetor e *quarto* ser o ponto de referência, eles são também, respectivamente, o *conteúdo* e o *contêiner*, tendo como base o *esquema imagético* de contêiner-conteúdo (cf. seção 2.2.6).

O fenômeno da *metonímia* também pode ser apreendido através da noção de perfilamento, na medida em que ela consiste numa mudança de perfilamento. Isto é, ao invés de usar uma unidade simbólica para realizar o habitual perfilamento de uma entidade, essa unidade é usada para perfilar outra entidade que se encontra associada à primeira, num dado domínio cognitivo. Assim sendo, quando, num restaurante, alguém diz “*Eu sou o carpaccio*” para o garçom, este não interpreta que o cliente seja um famoso prato da culinária italiana; mas, sim, que o referido prato foi pedido pelo indivíduo em questão. Logo, devido ao fato de *cliente*, *pedido*,

garçom, etc. fazerem parte de um mesmo domínio (neste caso, um sistema elaborado de conhecimentos), entende-se que o uso de *carpaccio* para perfilar o cliente (e não o prato) consiste no fenômeno da metonímia.

Vale frisar que a natureza do referente conceptual perfilado por meio de um item lexical determina a natureza gramatical assumida por esse item – cf. seção 2.2.5. Isto é, o perfilamento é a dimensão por meio da qual a natureza gramatical de uma unidade simbólica é definida, na medida em que a própria natureza da entidade designada pela unidade linguística fornece substrato conceptual para este fim. Esta é a razão pela qual um substantivo é conceptualizado como uma coisa, um verbo é conceptualizado como relação temporal, etc.

A última operação de perspectivização é a *perspectiva*. Ela se divide em *arranjo de visualização* e *dinamicidade*. O *arranjo de visualização* consiste numa relação que se estabelece entre os *visualizadores* (falante e ouvinte) e o que é *visualizado* (uma situação, uma entidade, etc.).

Num *arranjo de visualização padrão*, os visualizadores se encontram localizados num mesmo plano espaço-temporal (isto é, no mesmo lugar e no mesmo momento no tempo) e descrevem ocorrências reais. Porém, há situações interacionais que fornecem circunstâncias não-canônicas como subsídio para o arranjo de visualização, a saber: (i) quando os visualizadores se situam em locais diferentes (por exemplo, numa chamada telefônica de longa distância, em que o falante diz para o ouvinte “*Aqui está frio*”); (ii) quando os visualizadores se situam em momentos diferentes (por exemplo, durante a gravação de uma mensagem na secretária eletrônica, em que o falante diz “*Nesse momento, eu não posso atender ...*”); (iii) quando os visualizadores se situam numa situação não-factual (por exemplo, numa situação hipotética, em que o falante argumenta “*Nós não perderíamos o voo, se tivéssemos saído de casa mais cedo*”); etc. Tais mudanças no arranjo de visualização podem ser detectadas a partir do *ponto de vista*, do *aspecto de subjetividade vs. objetividade* e da *fundamentação* (*ground*).

O *ponto de vista* consiste na adoção de uma trajetória para enquadrar a *linha de visão*. A partir desse enquadramento, pode-se realizar a conceptualização de determinada cena. Num arranjo de visualização padrão, o ponto de vista (doravante **PV**) adotado fundamenta-se na localização dos visualizadores – mais comumente, na localização do falante, como no exemplo acima “*Aqui está frio*”.

Quando algo se situa entre o visualizador (no caso, o falante) e a entidade

visualizada, interferindo na trajetória adotada para enquadrar a linha de visão, é possível adotar dois pontos de vista para descrever a mesma cena, como mostram os exemplos abaixo:

- (2) a. PV₁: A *casa* (Tr) fica **na frente da** *árvore* (Pr). PV₁ ---> (casa)---(árvore)
 b. PV₂: A *árvore* (Tr) fica **atrás da** *casa* (Pr). (casa)---(árvore) <--- PV₂

A partir das referidas orações, é possível notar que as locuções prepositivas *na frente de* e *atrás de* se distinguem em função da adoção de distintos **PVs** e da mudança de perfilamento da relação de localização espacial estabelecida entre a *casa* e a *árvore*. No entanto, a adoção do ponto de vista não precisa estar sempre fundamentada no falante ou, ainda, numa situação real. Pode-se adotar o ponto de vista de terceiros ou um ponto de vista fictício, tendo como base um arranjo de visualização calcado numa situação hipotética, como nos exemplos abaixo:

- (3) a. PV₁: Para João [num PV₂], a *árvore* (Tr) fica **na frente da** *casa* (Pr).
 b. PV₁: Se você estivesse lá na casa de João [num PV₂], a *árvore* (Tr) ficaria **na frente da** *casa* (Pr).

Com base nesta explicação, compreende-se que “[...] não é simplesmente o cenário descrito que determina as escolhas linguísticas mas também o ponto de vista adotado pelo falante, ou, ainda, o ponto de vista para o qual o falante se projeta mentalmente” (FERRARI, 2011: 68). Desse modo, uma situação ou uma entidade pode ser observada e descrita a partir de diferentes PVs, o que resulta em diferentes perspectivizações (LANGACKER, 2008: 75).

2.2.5 Bases conceptuais da categorização lexical

Como foi apontado anteriormente, a categorização lexical de uma unidade simbólica não é definida em função do conteúdo conceptual que ela evoca, e, sim, da natureza da entidade que ela perfila. Isso explica o fato de uma unidade simbó-

lica poder ser enquadrada em diferentes categorias lexicais e, ainda assim, poder evocar o mesmo conjunto de domínios. Em línguas como o inglês, que possuem menos marcas flexionais, isso fica mais evidente em pares como *host* (anfitrião) e *to host* (receber como convidado), *cook* (cozinheiro) e *to cook* (cozinhar), etc.

Portanto, as categorias lexicais são caracterizadas em função da natureza do referente conceptual perfilado pelos itens lexicais que a integram. Contudo, é comum conceber a entidade perfilada pelos integrantes de uma categoria lexical como uma noção fundamentada num **arquétipo conceptual**. Porém, para que a base conceptual desse arquétipo conceptual possa ser estabelecida, é necessário operar com definições esquemáticas a fim de poder abarcar todos os membros dessa categoria; e não apenas os membros centrais, como ocorre na categorização por protótipo.

Com base nessas noções, é possível definir que as unidades simbólicas que integram a categoria lexical *nome* perfilam algo concebido como uma *coisa*. O termo *coisa* é bastante esquemático e, por isso, é capaz de subsumir não apenas objetos físicos (o que corresponde ao seu protótipo), mas também objetos abstratos (ou seja, entidades tomadas a partir da **reificação conceptual** – a transformação de um evento, como *comparar*, num objeto abstrato, como *comparação*), entidades massivas (como *ouro*, *água*, etc.), etc. Vale destacar também que um *nome* pode tornar-se contável ou não, respectivamente, em função da possibilidade de delimitação ou não de um escopo imediato.

As unidades simbólicas que integram a categoria lexical *verbo* perfilam um **processo**. Por **processo**, entende-se uma relação complexa que se desenvolve através de um tempo concebido e que, ao longo de tal eixo temporal, pode ser rastreada mentalmente. Esse termo se torna esquemático, na medida em que ele dá conta não apenas de uma **relação complexa** (como as ações) que se estende ao longo de um tempo concebido, mas também de um modo particular de acessar mentalmente uma **relação não-complexa** (como os estados) ao longo de um tempo concebido.

As **relações** do tipo **não-processual** são perfiladas por unidades simbólicas que integram as categorias lexicais *adjetivo*, *advérbio* e *preposição*. Os adjetivos perfilam uma **relação não-processual e não-complexa** entre uma *coisa* que atua como seu único participante, um **trajetor (TR)**, e sua respectiva na localização espacial numa dada escala⁴ (que se configura como uma gradação de uma certa pro-

⁴ Essa configuração é característica dos adjetivos prototípicos, como, por exemplo, bonito, feio, horrível, etc. Naturalmente, os adjetivos denominais não tem essa propriedade.

priedade). Por sua vez, os advérbios perfilam uma *relação não-processual e complexa* entre uma *relação processual* que atua como seu único participante, um trajetor, e sua respectiva na localização espacial numa dada escala.

As unidades simbólicas que integram a categoria lexical *preposição* perfilam *relações não-processuais*. Essas relações não-processuais podem ser *complexas* ou *não-complexas*, o que, respectivamente, possibilita ou não conferir proeminência focal secundária a outro participante: o ponto de referência (Pr). Desse modo, as preposições que perfilam *relações não-complexas* especificam apenas um lugar – como a preposição *em* – e as que perfilam *relações complexas* especificam uma série de lugares numa trajetória espacial – como a preposição *para*.

Vale ressaltar, como o faz Langacker (2008: 117), que

Normalmente, a mesma preposição tem dois usos: como “adjetivo”, em que seu trajetor é uma coisa (*a última semana de agosto, a poeira debaixo da cama, um menino com uma chave de fenda*) e também como “adverbiais”, em que seu trajetor é uma relação (*Eles se casaram em agosto, Está quente debaixo da cama, ela abriu isso com uma chave de fenda*). Esta sobreposição é uma razão para pensar que a categorização tradicional – em que adjetivos, advérbios e preposições são vistos como classes mutuamente exclusivas – é inferior à ‘ideal’. (Tradução livre).⁵

2.2.6 Protótipos, Arquétipos conceituais e Esquematização

A ideia de mundo como um lugar organizado é resultado de um processo cognitivo de categorização. É esse processo que torna possível o estabelecimento de distinções entre entidades do mundo físico e do mundo social, bem como a sua consequente organização em grupos (categorias), pautado no conhecimento apreendido por meio da experiência corpórea (mais especificamente, a partir da percepção sensorial e cinestésica⁶), no contato com tais entidades. Esse conhecimento

⁵ Normally the same preposition has both “adjectival” uses, where its trajector is a thing (*the last weekend in August; the dust under the bed; a boy with a screwdriver*), and also “adverbial” uses, where its trajector is a relationship (*They got married in August; It’s hot under the bed; She opened it with a screwdriver*). This overlap is one reason for thinking that the traditional categorization – where adjectives, adverbs, and prepositions are viewed as mutually exclusive classes – is less than optimal.

⁶ A percepção cinestésica corresponde à capacidade do ser humano reconhecer, por meio de um conjunto de estímulos gerados pela interação das fibras musculares do próprio organismo, a localização espacial do corpo – bem como seu movimento e sua orientação – e a força exercida pelos músculos – bem como o peso, a resistência e a posição do corpo e/ou de cada parte do corpo em relação às demais, sem utilizar a visão.

vai se consolidando a partir da recorrência de contato com outras entidades que propiciam experiências semelhantes.

Conseqüentemente, essa progressiva consolidação promove tanto o reforço dos conteúdos conceptuais comuns quanto o seu delineamento como uma *gestalt*. A partir disso, tem-se um paradigmatismo, na medida em que a *gestalt* resultante desse processo funciona como um “modelo” que possibilita o reconhecimento de novas entidades, bem como a sua inserção numa categoria (cf. SILVA, 1997: 18). Logo, é possível afirmar que a função primária da linguagem é prover recursos para a categorização das experiências mentais, uma vez que o uso das unidades simbólicas provê simultaneamente o acesso e a seleção dos conteúdos conceptuais dos respectivos “modelos”.

No entanto, em função dos conteúdos conceptuais evocados, uma unidade simbólica pode caracterizar uma entidade com maior ou menor nível de precisão e de detalhamento – observação passível de ser feita por meio da relação elaborativa citada na seção 2.2.4: *coisa* → *objeto* → *talher* → *faca* → *faca de serra*. A partir dessa relação elaborativa, nota-se que, da esquerda para a direita, a caracterização se torna mais detalhada e mais precisa (logo, mais específica); enquanto, no sentido contrário, ela se torna menos precisa e menos detalhada (logo, mais esquemática). Ou seja, *faca* é mais específico que *talher* e, porém, mais esquemático que *faca de serra*; tal como *talher* é mais específico que *objeto* e mais esquemático que *faca*.

Assim sendo, entende-se que o “modelo” evocado por *faca de serra* possui contornos mais bem delineados do que aquele evocado por *faca*. Isso se deve ao fato de que, salvo as peculiaridades que variam de um fabricante para outro (diferentes tipos de material para fabricar o cabo, diferentes tamanhos, etc.), a categoria de elementos às quais se faz referência através da unidade simbólica *faca de serra* mantém um conjunto de conteúdos conceptuais centrais para a formulação deste “modelo” – que, em virtude de uma representatividade mais iconoclástica para com as entidades da referida categoria, é chamado de *protótipo*.

Por sua vez, *faca* evoca um conjunto de conteúdos conceptuais que são centrais tanto ao protótipo inerente à categoria conhecida como *faca de serra* quanto ao protótipo inerente a outras categorias (como *faca de desossa*, *faca do chef*, *cute-lo*, etc.), o que faz deste um “modelo” mais esquemático, conhecido como *arquétipo conceptual*, que aquele configurado por meio dos protótipos de cada categoria. Apesar de ser mais esquemático, o arquétipo conceptual também funciona como

um protótipo, na medida em que os conteúdos conceptuais que ele evoca são utilizados no processo de categorização de entidades, promovendo, de igual modo, o estabelecimento de distinções – como, por exemplo, *faca* frente a *foice*, *serra*, *guilhotina*, etc.

De modo bastante esquemático, *talher* evoca um conjunto de conteúdos conceptuais centrais a todos os elementos da categoria; ou seja, a todos os tipos de entidade que integram categorias como *faca*, *colher*, *garfo*, *pinça*, etc. Em função de sua constituição, o “modelo” evocado por tal unidade simbólica não possui contornos bem delineados; isto é, ele evoca mais os conteúdos conceptuais ligados à função desses itens e às habilidades cognitivas necessárias para o seu uso do que um dado “modelo” em si. Assim sendo, esses conteúdos conceptuais configuram-se como um *conceito configuracional* (ou um *esquema*).

Enquanto os conteúdos conceptuais evocados por um arquétipo conceptual, por serem comuns a várias entidades de uma mesma categoria, correspondem ao seu domínio básico; os que são evocados por um conceito configuracional, por serem comuns a várias entidades de distintas categorias, constituem-se como seu *conceito mínimo* – que, em função de sua recorrência, podem constituir-se como uma *habilidade cognitiva*. Logo, devido ao fato de tanto uma noção quanto a outra constituírem a base conceptual de uma unidade simbólica, entende-se que elas fazem parte de seu valor semântico convencional.

No que tange ao valor semântico, vale lembrar que sua caracterização pode se dar em relação a um domínio básico ou a um domínio não-básico (isto é, um conceito não-básico, um complexo conceptual ou um sistema elaborado de conhecimento). Independente de sua complexidade, sabe-se que, por meio de um processo de extensão de sentido, é possível partir de um sentido primário para obter outros. Esse processo fundamenta-se na atenuação do conteúdo conceptual que propicia a caracterização desse sentido original e é provido pelo fenômeno da subjetificação.

Essa perda de conteúdo conceptual faz com que a caracterização do valor semântico de uma dada unidade simbólica deixe de ser provido por um protótipo ou um arquétipo conceptual para ser provido por um conceito configuracional (ou seja, por um *conteúdo conceptual* comum a todas as instanciações providas por tal experiência mental). Em função do modo como esse processo se dá, é possível estabelecer uma relação gradual de atenuação entre os referidos sentidos, até chegar ao resultado final: as operações mentais imanentes ao seu processo de concep-

tualização (isto é, as *habilidades cognitivas*). Assim sendo, ao traçar uma relação entre o sentido original e seus sentidos estendidos, verifica-se que o processo de extensão de sentidos funciona como um processo de *esquematização*.

Esse processo de esquematização é provido pela *subjetificação*, um modo de perspectivização que integra a operação de ponto de vista (cf. LANGACKER, 2008: 77-8), por meio do qual é possível extrair uma contraparte imanente do que é visualizado e conceptualizado objetivamente (cf. *idem*, 2011: 21). Para a exemplificação desse processo, serão tomadas as frases abaixo:

- (4) a. Ana *foi* para a praça.
 b. Esta rua *vai* para o convento.
 c. Ive *vai* fazer compras.
 d. O prazo *foi* para dezembro.

Em (4.a), tem-se uma *relação de deslocamento espacial* visualizada e conceptualizada de modo objetivo; porém, em (4.b), o *conceptualizador* extrai a contraparte imanente da referida relação – que é apenas a projeção de deslocamento. Por sua vez, em (4.c), essa projeção de deslocamento propicia ao conceptualizador aplicar esse conteúdo conceptual para visualizar e conceptualizar situações de deslocamento que não são prototípicas – como usamos para projeção de ações futuras. Já (4.d) exemplifica o processamento metafórico do arquétipo conceptual da relação de deslocamento espacial, em que “TEMPO é LUGAR”.

No tocante à construção de enunciados, o processo de categorização é também requerido tanto na discretização de elementos que participam de uma cena (já que nem sempre sua referenciação é ou pode ser feita por meio de *nomes próprios*) quanto na apreensão das relações estabelecidas entre tais elementos na referida cena. A tarefa de discretização dos participantes de uma cena provida por meio do processo de categorização pode ser pautada em protótipos – como *onça-pintada*, *tofu*, *faca de serra*, etc.; ou arquétipos conceptuais – como *onça*, *queijo*, *faca*, etc.

Por sua vez, a tarefa de apreensão de relações é provida eminentemente pelo processo de categorização pautado em arquétipos conceptuais. Essa afirmação se justifica, na medida em que a conceptualização de uma relação pauta-se num delineamento feito de forma progressiva dos papéis assumidos pelos participantes nessa relação, dividido em duas etapas. Assim sendo, na primeira etapa, seus partici-

pantes deixam de ser categorizados por protótipos (por exemplo, *onça pintada*) para serem categorizados progressivamente por *arquétipos conceptuais* (por exemplo, *onça* → *mamífero* → *ser vivo* ...).

Na segunda etapa, o processo de categorização é diretamente provido pelos papéis assumidos pelos participantes em tais relações, inicialmente distintas em dois tipos: relações não-processuais, que não são conceptualizadas por meio do *tempo*; e relações processuais, que são conceptualizadas por meio do tempo. A primeira subsume as relações estabelecidas através de adjetivos, preposições e advérbios. Por exemplo, *alegre* evoca um domínio cognitivo que se configura como um sistema elaborado de conhecimento, mais especificamente uma *escala de estado de humor*; e seu valor semântico é caracterizado em função de uma dada localização nessa escala. Assim sendo, a partir de *criança alegre*, entende-se que uma entidade encontra-se num determinado estado de humor. Por conseguinte, tal relação passa a constituir o arquétipo conceptual da categoria lexical chamada de *adjetivo*.

Por sua vez, as relações processuais são constituídas por verbos e podem ser distinguidas em dois grupos: (i) relações processuais que evocam um tipo de ação (movimento automotivado, que pode configurar-se como *mexer o corpo e/ou os membros* ou como *deslocar-se espacialmente*) ou um tipo de interação (contato direto com algo/alguém, seja para fins de uso ou de alteração de estado físico, de localização espacial, etc.); e (ii) relações processuais que evocam um tipo de estado (localização espacial, estado físico, etc.). Nas relações processuais do primeiro grupo (e em algumas do segundo grupo), é possível observar a *dinâmica de forças* (o tipo de entidades-força, o tipo de tendência intrínseca de força, o balanço de forças, etc.), o que faz com que os participantes deixem de ser categorizados por seus arquétipos conceptuais para serem categorizado por seus *papeis arquetípicos* – como *agente, paciente, instrumento*, etc. Por conseguinte, a relação entre esses papéis arquetípicos passa a constituir o arquétipo conceptual dos tipos de relação caracterizadas pela categoria lexical chamada de *verbo*.

Desse modo, entende-se que tanto os elementos que integram uma cláusula quanto os padrões que regem a estruturação das relações estabelecidas entre eles fundamentam-se em experiências mentais. Vale ressaltar que, em si, sua organização estrutural obedece a padrões cuja convencionalização pode variar de um sistema linguístico para outro (por exemplo, no inglês, *adjetivo + nome*; em português, *nome + adjetivo*); mas, dentro de um mesmo sistema, essa organização possibilita

vislumbrar padrões estruturais que, geralmente, possuem ligação entre si.

Do ponto de vista dos conteúdos conceptuais, o padrão que gera a organização das experiências em domínios é o arquétipo conceptual, já que este conceito, por ser bastante esquemático e por basear-se em *gestalts*, incorpora a noção de *esquema imagético* – tal qual proposta por Johnson (1987). Dentre os arquétipos conceptuais mais recorrentes na literatura, é possível citar: o de deslocamento espacial, o de contêiner-conteúdo, o de contenção e o de centro-periferia. No entanto, para esta pesquisa é fundamental o esquema imagético de elo, uma vez que ele provê acesso a uma relação de interligação – tal qual um contêiner provê acesso a uma relação de contenção.

2.2.7 Arquétipo conceptual da relação de junção

A reflexão sobre o *arquétipo conceptual da relação de junção* passa inicialmente pelo *arquétipo conceptual de elo*, proposto por Johnson (1987) como o *esquema imagético de elo*. Tal esquema imagético encontra sua base na experiência, como observa o autor:

A combinação de nossas capacidades perceptivas com as circunstâncias de nosso ambiente perceptivo dá origem a um enorme e complexamente entrelaçado sistema de vínculos concretos e abstratos. Para começar, experimentamos o acoplamento de objetos físicos: dois pedaços de madeira que são pregados juntos, a criança que segura a mão do pai, os fechos da jaqueta da criança que se conectam, a lâmpada que se liga a um bocal. Nesses simples casos de elos físicos, há uma contiguidade espacial e uma proximidade entre os objetos conectados e, por sua vez, esses objetos conectados se relacionam por meio de um elo.⁷ (tradução livre)

Desse modo, é possível entender que a ligação entre as entidades pode se dar num plano físico – e ser, portanto, interpretada por sua natureza concreta –, em virtude de natureza material do elo, ou num plano metafórico – sendo, assim,

⁷ The combination of our perceptual capacities and the circumstances of our perceptual environment gives rise to a massive, interwoven complex of concrete and abstract linkages. To begin with, we experience the coupling of physical objects: two pieces of wood are nailed together, the child holds the parent's hand, the snaps on the child's coat are connected, the lamp is plugged into the wall socket. In these simple physical cases there is a spatial contiguity and closeness of the linked objects, and the connected objects are related via the link. (JOHNSON, 1987: 117-8)

interpretada pela sua natureza abstrata. Com base nesse plano metafórico, o autor aponta dois tipos básicos de interpretação para o esquema imagético de elo: (i) quando a relação entre as entidades resulta num determinado tipo de unidade; ou (ii) quando essa relação resulta num determinado tipo de rede abstrata.

No primeiro tipo, a noção de unidade pode emergir a partir da similaridade. Tal similaridade advém do compartilhamento de uma ou mais características por tais entidades. Assim sendo, essas características comuns, quer sejam de cunho perceptual ou lógico, funcionam como uma noção altamente abstrata de *interligação* entre duas ou mais entidades.

No segundo tipo, a noção de rede abstrata está fundamentada numa conexão causal. Uma conexão causal se estabelece a partir de vários tipos de relações que promovem conexões entre entidades. Tais relações podem ser de cunho temporal, interpessoal ou social, etc.

Por sua vez, uma relação entre dois eventos (A e B) é compreendida como uma *conexão causal* (isto é, um evento A está conectado a um evento B), na medida em que A e B têm uma *conexão temporal* (ou seja, são eventos que se sucedem). É a partir dessa relação que a noção de conexão causal se estabelece, mesmo que diretamente o elo não seja concebido como tal, uma vez que a nossa compreensão de um mundo conectado e coerente nos propicia a elaboração de uma rede de conexões causais (JOHNSON, 1987: 118). Logo, é possível conceber A e B como eventos relacionados mutuamente, já que ambos fazem parte de uma mesma sequência temporal – constituída como tal a partir da experiência mental.

Uma rede abstrata também pode ser vislumbrada a partir de um sistema lógico-formal, por meio de entidades lógicas, como se pode verificar nos sistemas linguísticos. Essas entidades são denominadas de *conectivos lógicos*, como, por exemplo, *e*, *ou*, *mas*, etc. Tais conectivos propiciam o estabelecimento de ligações entre conteúdos ou entre entidades e viabilizam o processo de raciocínio e de compreensão acerca do que é relatado linguisticamente.

A partir das relações supracitadas, é possível traçar uma representação mais simples (cf. Figura 1.2) para o esquema imagético de elo – tal qual proposta por Johnson (1987: 118). Essa representação simplificada encontra-se baseada estruturalmente em três elementos: duas entidades (A e B) e um elo que as conecta uma à outra. Tais entidades, geralmente, estão numa relação de contiguidade espacial ou temporal, o que propicia ao nosso campo de percepção captar as relações

descritas acima. Em outros casos mais complexos, é possível a ocorrência de uma relação entre muitas entidades, podendo incluir entidades que não estão em relação de contiguidade espacial ou temporal (isto é, entidades que se encontram em localizações espaciais e temporais diferentes/descontíguas/descontínuas – como numa ação à distância).

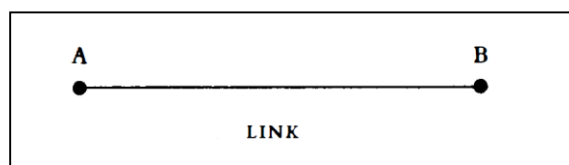


Figura 1.2 - Representação do esquema imagético de elo

Adicionalmente, foi necessário definir o arquétipo conceptual evocado pela *relação de junção*, não contemplado na literatura acerca do assunto. O delineamento de tal relação foi possível, na medida em que se pôde perceber que ela consistia numa *relação de agrupamento* e que essa *relação de agrupamento* precisa ser provida por uma *relação de interligação* (relação processual provida por um *elo*), para que ela possa se instaurar – daí, dizer que a relação de junção consiste na integração simbólica entre uma relação de agrupamento e uma relação de interligação (isto é, que a relação de junção consiste de um agrupamento por interligação). Tal delineamento foi possível a partir de uma dada observação feita por Langacker (cf. 2008: 104-5) sobre como é conceptualizada a formação de um agrupamento.

Inicialmente, o autor (*idem*) aponta como fatores primários que contribuem para a formação de agrupamentos a similaridade – quer seja parcial ou total, em termos de aspectos comuns – e a contiguidade – quer seja pautada apenas na contiguidade espacial ou na conjunção da contiguidade espacial com a similaridade (para formar subgrupos de elementos dentro de um agrupamento maior, delineado em função da contiguidade espacial de seus elementos). Em função de sua dinâmica, ele (*ibidem*) afirma que a contiguidade é um agrupamento que emerge a partir de um alto nível de organização; enquanto a similaridade emerge de um baixo nível de organização. Além desses dois tipos, Langacker (2008) ressalta um terceiro: o reconhecimento da formação de uma configuração esquemática (ou de uma imagem esquemática) a partir de disposição espacial de dadas *coisas*.

Nestes termos, entende-se que, para formar um agrupamento que possa ser assumido como uma configuração esquemática, essas *coisas* espacialmente dis-

postas devem ser assumidas como *elementos constituintes* (*pontos*) dessa *configuração* (*imagem esquemática*) que são *unidos* mentalmente (*interconectados*). Assim sendo, ao mesmo tempo em que esses elementos constituintes são vistos como *entidades individuais*, eles podem ser vistos como um *grupo coeso*. Como exemplo deste terceiro caso, Langacker (*idem*) cita as constelações.

Nestes termos, é possível chegar à conclusão de que um agrupamento é sempre provido por algo. Na esfera do abstrato, esse agrupamento pode ser provido pelo fato de terem as mesmas características, pela contiguidade espacial (isto é, por ocuparem o “mesmo” lugar), etc. Essa afirmação se alinha ao tipo de relações que Johnson (1987) afirma serem estabelecidas por um elo (ou, no caso, por uma relação de interligação) abstrata.

Nesse sentido, é possível entender que, se um agrupamento subjetificado é instaurado por uma interligação subjetificada (que, por sua vez, é instaurada por um elo subjetificado); então um agrupamento visualizado e conceptualizado de modo objetivo é instaurado por uma interligação visualizado e conceptualizado de modo objetivo (que, por sua vez, é instaurada por um elo igualmente visualizado e conceptualizado de modo objetivo). Logo, uma *junção* (isto é, *agrupamento por interligação*) consiste na *formação de um todo por meio de um processo de interligação de suas partes*.

2.2.8 Modelo de rede

A abstração de unidades simbólicas a partir dos eventos de uso tem como resultado unidades simbólicas simples ou unidades simbólicas complexas que são esquemáticas, em maior ou menor grau, em relação a tais eventos. Nesse sentido, é possível dizer que, quanto mais aspectos comuns o valor semântico convencional evocado por uma unidade simbólica mantiver com o arquétipo conceptual ao qual ele é associado e o qual propicia a categorização da unidade, menos distorção haverá nessa relação. Logo, essa unidade simbólica é assumida como uma elaboração (ou uma instanciação) do referido arquétipo conceptual.

Do mesmo modo, quanto menos aspectos comuns o valor semântico conven-

cional evocado por uma unidade simbólica mantiver com o arquétipo conceptual ao qual ele é associado, mais distorção haverá nessa relação. Consequentemente, essa unidade simbólica é assumida como uma extensão (ou uma esquematização) do referido arquétipo conceptual.

A partir do estabelecimento dessas relações de elaboração e de extensão – pelo processo de *atenuação conceptual* (ou *esquematização*) –, é possível estabelecer relações entre tais sentidos, na medida em que se reconhece um dado sentido como aquele que provê acesso a outro. Logo, o modelo de rede permite não só estabelecer relações entre os sentidos assumidos por uma unidade simbólica simples ou por uma unidade simbólica complexa, como também delinear como tais relações se estruturam (cf. LANGACKER, 2008: 221-39). Assim sendo, é possível observar o dinamismo dos processos de atenuação conceptual, bem como o seu resultado final: a mudança de sentido de tais unidades simbólicas.

Tomem-se, por exemplo, as construções com o verbo *ir* (cf. seção 2.2.6), que podem evocar quatro sentidos: (i) prototípico ou ir^1 , como em (4.a); (ii) subjetificado ou ir^2 , como em (4.b); (iii) esquematizado ou ir^3 , como em (4.c); e (iv) metafórico ou ir^4 , como em (4.d). Com base no que foi supracitado, entende-se que ir^1 é prototípico, na medida em que ele apresenta mais aspectos em comum com o arquétipo conceptual de deslocamento espacial. Logo, por ser possível estabelecer uma associação sem distorções entre ir^1 e o arquétipo conceptual de deslocamento espacial, dizemos que ir^1 é uma elaboração do referido arquétipo conceptual.

Por sua vez, ir^2 é subjetificado e apresenta alguns aspectos em comum com tal arquétipo conceptual, o que aponta para uma extensão desse arquétipo conceptual – logo, uma extensão de ir^1 . O mesmo ocorre com ir^3 , que é esquematizado, uma vez que ele tem ainda menos aspectos em comum com o referido arquétipo conceptual. Logo, seria possível dizer que ir^3 é, ao mesmo tempo, uma extensão de ir^1 e de ir^2 . Contudo, devido ao que foi relatado na seção 2.2.6, entende-se que se estabelece uma relação hierárquica, em que ir^3 é uma extensão de ir^2 , que, por sua vez, é uma extensão de ir^1 .

Por último, tem-se ir^4 , que é metaforizado e apresenta alguns aspectos em comum com o arquétipo conceptual de deslocamento espacial. Devido a esse motivo, ele também é considerado uma extensão de ir^1 . Contudo, apesar de também ser da ordem do subjetivo, ele não forma uma relação hierárquica com ir^2 , já que este, ainda que seja subjetivo, invoca referentes de origem e/ou de destino que são

conceptualizados de modo objetivo; e aquele invoca referentes de origem e/ou de destino que são conceptualizados de modo subjetivo.

Todos esses sentidos evocados encontram-se relacionados por meio de uma rede, a partir da qual se entende que as linhas cheias representam o processo de elaboração; enquanto as linhas pontilhadas representam o processo de extensão. O primeiro é o processo por meio do qual um sentido evocado por um item lexical é assumido como prototípico, quando for possível estabelecer uma associação sem distorções entre tal sentido (um elemento B) e o arquétipo conceptual que ele evoca (um dado elemento A). Logo, A é uma elaboração (ou instanciação) de B; isto é, $A \rightarrow B$.

O segundo é o processo por meio do qual um sentido evocado por um item lexical é assumido como não prototípico, quando for possível estabelecer uma associação mas com distorções entre tal sentido (um elemento B) e o arquétipo conceptual que ele evoca (um dado elemento A). Assim sendo, A é uma extensão (ou seja, uma instanciação) de B; isto é, $A \dashrightarrow B$. Devido aos processos de atenuação conceptual, o sentido esquematizado seria o mais afastado do prototípico.

Tais processos podem ser observados na figura abaixo (cf. *idem*, 2009: 5), em que E representa o processo de extensão e Sch o processo de esquematização:

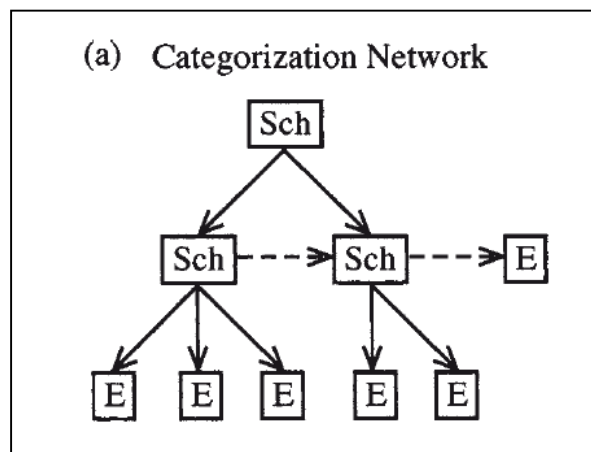


Figura 2.1 - Modelo de rede

Assim sendo, vemos que um sentido provê acesso a outros, formando-se uma estrutura hierárquica entre eles.

2.2.9 Dinâmica de forças

Um verbo, comumente, especifica um tipo de *processo*; ou seja, um tipo de relação rastreada através do tempo. Naturalmente, uma relação pressupõe *participantes*. Estes, por sua vez, são evocados por meio de substantivos e podem ser apresentados, linguisticamente, em situações diversas: interagindo uns com os outros, ocupando lugares, etc.

A noção de interação entre os participantes é denominada, por Langacker (1987, 1991, 1992, 2000, 2008 e 2009), de *modelo da bola de bilhar*. Tal qual no referido jogo, é comum que o deslocamento de entidades (bem como sua mudança de estado) seja decorrente de uma força gerada por meio do contato físico entre elas. Assim sendo, entende-se que alguns participantes fornecem energia/força, outros apenas transmitem-na e outros tantos absorvem-na.

Com base em tal interação, é concebida a *cadeia de ação*: uma corrente de transmissão de energia/força, de uma entidade para outra, gerada a partir de uma interação ou do contato entre elas. Em princípio, uma cadeia de ação pode assumir qualquer tamanho, tal como se nota no conjunto de frases apresentadas pelo autor (LANGACKER, 2000: 55):

- (5)
- a. O gelo derreteu.
 - b. A tocha derreteu o gelo.
 - c. Ela derreteu o gelo com a tocha.
 - d. Eu a fiz derreter o gelo com a tocha.
 - e. Ele fez com que eu a fizesse derreter o gelo com a tocha.
 - f. Eles o induziram a fazer com que eu a fizesse derreter o gelo com a tocha.

As referidas frases apresentam uma *cadeia de ação* com dois participantes, como em (4.b), ou mais, como nas frases de (4.c) a (4.f), exceto a primeira, (4.a), que apresenta uma *cadeia degenerada de ação*, devido ao fato de possuir apenas um participante e de não ser possível estabelecer relação entre tal participante e a entidade que lhe transmitiu energia. Do ponto de vista descritivo, as noções de *cadeia mínima de ação* e *cadeia completa de ação* também adquirem relevância.

A importância da noção de *cadeia mínima de ação* reside na explicitação dos

participantes básicos de uma interação. Devido ao fato de uma interação ser essencialmente *uma noção de dinâmica de forças*, deve-se levar em consideração a interação entre dois participantes, pelo menos, para que *a direção do fluxo de energia* possa ser descrita. Em função da descrição desse fluxo de energia, é possível apontar o **agente** (tido como *fonte de energia*) e o **paciente** (tido como *depósito de energia*) como os participantes prototípicos da cadeia mínima de ação, representados da seguinte forma: **AG ==> PAC** →.

Por sua vez, a **cadeia completa de ação** coloca em perfil três participantes – o **agente**, o **instrumento** e o **paciente** – e pode ser representada da seguinte forma, levando-se em consideração a descrição da direcionamento do fluxo de energia: **AG ==> INSTR ==> PAC** →. Nesse tipo de interação, entra em cena um novo participante: o **instrumento**. Esse participante não atua como uma independente fonte de energia; ele é antes um canalizador, na medida em que ele atua como um intermediário na transferência de energia do **agente** para o **paciente**.

Outros tipos participantes podem ser descritos, em função dos papéis que eles desempenham, como, por exemplo, o **experienciador**, o **movedor** (*mover*) e o **zero**. A respeito desses papéis, o autor (2008: 356) assevera:

O termo **experienciador** faz alusão à experiência mental independentemente da sua natureza: intelectual, perceptual ou emotiva. O experienciador é, portanto, sensível e geralmente humano. Em contraste, um **movedor** pode igualmente ser inanimado. Ele é definido diretamente como algo que se move (ou seja, muda de posição em relação ao que está em seu entorno). Finalmente, o termo **zero** é adotado para os participantes, cujo papel é conceitualmente mínimo e não distintivo. Este é o papel neutro ou o papel de linha de base dos participantes que apenas existem, que ocupam algum local ou que apresentam uma propriedade estática. (Tradução livre).⁸

Logo, entende-se que a compreensão do modo como os participantes atuam numa dada situação é fundamental para a construção de uma oração, já que isso revela a dinâmica da organização de uma cadeia de ação.

Todas essas noções explicitadas no presente capítulo constituem o quadro teórico dentro do qual será desenvolvida a análise do corpus, tema do próximo capítulo.

⁸ The term **experiencer** alludes to mental experience, whatever its nature: intellectual, perceptual, or emotive. An experiencer is therefore sentient and normally human. In contrast, a **mover** can equally well be inanimate. It is defined straightforwardly as anything that moves (i.e. changes position in relation to its external surroundings). Finally, the term **zero** is adopted for participants whose role is conceptually minimal and nondistinctive. This is the neutral or baseline role of participants that merely exist, occupy some location, or exhibit a static property. (LANGACKER, 2008: 356)

3 Análise do *corpus*

A análise e a descrição dos grupos do presente capítulo iniciam-se com a interpretação da frase que veicula a unidade simbólica com o prefixo *co(N)-* e, conseqüentemente, o reconhecimento da cena (bem como de seus participantes e processos) retratada por ela. Essa etapa torna possível proceder ao reconhecimento do valor semântico convencional evocado por cada unidade simbólica veiculada por tal frase, sobretudo pela construção lexical com o prefixo *co(N)-*.

Em segundo lugar, é feita a comparação entre a construção lexical com o prefixo *co(N)-* e outros itens lexicais da língua portuguesa (tanto os que compõem o *corpus* desta pesquisa quanto outros), buscando reconhecer conexões lexicais entre tais unidades simbólicas. A constatação dessas conexões lexicais possibilita o reconhecimento da estrutura dos itens lexicais analisados e, conseqüentemente, a analisabilidade dos referidos itens lexicais em unidades componentes; bem como o reconhecimento do conteúdo conceptual invocado e perfilado tanto pela construção lexical com tal prefixo quanto pelas unidades simbólicas mínimas que a integram (cf. seção 2.2.4).

Em seguida, é preciso verificar como se dá o processo de integração das bases conceptuais das unidades componentes na construção dessa unidade simbólica complexa (isto é, do item lexical como um todo), por meio da trajetória composicional. Tal procedimento permitirá chegar à determinação do protótipo de cada grupo, através da obtenção de cada esquema construcional, bem como do reconhecimento de sua respectiva base conceptual e das operações de perspectivização que incidem sobre essa base conceptual. Conseqüentemente, será possível realizar a categorização das construções com o prefixo *co(N)-*, agrupando-as em função das semelhanças (ou de um protótipo).

Em muitos casos, o reconhecimento do arquétipo conceptual invocado por

uma unidade simbólica pode requerer a retomada de dados etimológicos, como o faz Langacker (2002, 2008, 2009). Devido ao fato de um grande número de construções com o *co(N)*- terem surgido no latim, é importante retomar alguns dados etimológicos, a fim de reconhecer o arquétipo conceptual invocado por esse prefixo. Contudo, tal procedimento não faz desta uma pesquisa diacrônica ou histórica.

Ao final, o estabelecimento de relações entre os distintos valores semânticos convencionais assumidos pelo prefixo *co(N)*- possibilitará o delineamento da rede polissêmica formada por e entre tais significados.

3.1 Juntamente¹ e Juntar^{1A} (agrupamento por interligação)

O estudo do presente grupo se dá a partir da análise da unidade simbólica *jungir* e, posteriormente, da análise da unidade simbólica *conjungir*, com o intuito de verificar o estabelecimento de conexões lexicais entre elas – e entre *conjungir* e outras unidades simbólicas complexas deste primeiro grupo. Com base nesse direcionamento, tomam-se, inicialmente, as seguintes frases:

- (1) a. Ivo *jungiu*^{1A} os dois bois e está esperando a carroça para levar a carga.
 b. Ivo *jungiu*^{1B} o jumento com boi.
 c. Ivo *jungiu*^{1C} os bois com arado.

A frase (1.a) retrata a cena em que *Ivo* prende os dois *bois* ao *jugo*, “peça de madeira usada para atrelar bois a carroça ou arado” (HOUAISS, 2009); isto é, *Ivo* prende cada *boi* a uma das extremidades do *jugo* – partes em que há um laço⁹ usado para prender o *boi*. Logo, *jungir os bois* significa “colocar os *bois* em cada laço do *jugo*” ou “meter sob o mesmo *jugo*” – como comenta Houaiss (2009) acerca das unidades simbólicas latinas *jungo*, *-is*, *junxi*, *junctum*, *jungēre*, com as quais *jungir* encontra-se etimologicamente relacionado; e prendê-los – ou, ainda, “agrilhoar” (*idem*) ou “atrelar” (FARIA *et alli*, 1962: 233). Nesse sentido, entende-se que o conceptualizador visualiza e conceptualiza os laços do *jugo* a partir do arquétipo

⁹ Nem todos os jugos apresentam essa configuração. Em alguns casos, as extremidades da própria peça de madeira já assumem o formato de semicírculo, lugar em que os bois serão presos.

conceptual de contêiner e a relação processual provida por eles a partir do arquétipo conceptual da relação de contenção.

Contudo, para tal relação de contenção instaurar-se, é necessário que a cabeça de cada *boi* passe por cada *laço*, o que propicia a visualização e a conceptualização dessa parte inicial da relação processual a partir do arquétipo conceptual da relação de deslocamento. Vale lembrar que, devido ao fato de tal relação processual compreender duas *ações* realizadas pelo mesmo agente – cada qual sofrida por um dos dois pacientes e assumida, isoladamente, como *prender uma coisa em (um dos laços de) um jugo* –, *jungir os dois bois* resulta de um *escaneamento sumário* – já que as ações realizadas pelo agente são sumarizadas numa só. Conseqüentemente, *jungir*^{1A} assume, em (1.a), o valor semântico convencional de *prender (no sentido de “contenção”) duas coisas num mesmo jugo*.

A partir do que foi dito, é possível assumir que *jungir*^{1A} mantém conexões lexicais com o item lexical *jugo* – apesar de sua estrutura fonológica não possuir o *N* – e com os verbos terminados em *-ir*, o que permite conceber *jungir*^{1A} como resultado da integração simbólica entre tais unidades simbólicas (que passam a ser assumidas como suas unidades simbólicas componentes). Nestes termos, seu sentido primário é assumido como *prender algo em (uma das extremidades de) um jugo* – tendo em mente cada ação isoladamente – ou *prender duas ou mais coisas num mesmo jugo* – tendo em mente o escaneamento sumário de tais ações realizadas pelo mesmo agente. Tal afirmação se justifica, na medida em que se entende a função primária do *jugo* como aprisionamento – o que faz com que o *jugo* invoque o arquétipo conceptual de contêiner e, conseqüentemente, o arquétipo conceptual da relação de contenção – em função de cada *laço* que fica em uma de suas extremidades, cuja finalidade é prender uma entidade ou coisa. Logo, as unidades simbólicas *jugo* e *-ir* são centrais para a configuração deste sentido primário, como se pode observar na Figura 3.1.

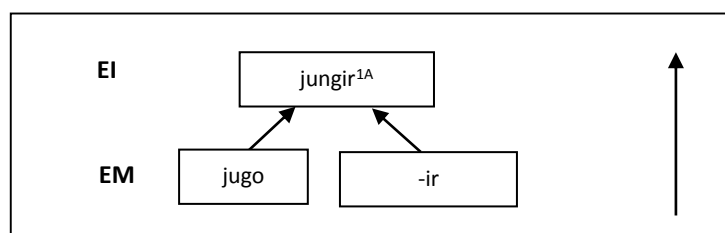


Figura 3.1 - Trajetória composicional de “*jungir*^{1A}”

A frase (1.b) retrata a cena em que *Ivo* prende um *jumento* a um *boi*; isto é, *Ivo* prende um *boi* a uma das extremidades do *jugo* e o *jumento*, à outra. Contudo, nesse contexto, o conceptualizador deixa de visualizar e conceptualizar tal relação processual a partir do escaneamento sumário de duas ações isoladas e passa a visualizá-la e conceptualizá-la a partir da sequencialidade das duas ações: na primeira, o *boi* é preso a uma extremidade do *jugo* e, na segunda, o *jumento* é preso à outra extremidade do *jugo* ao qual o *boi* já está preso. A partir daí, o conceptualizador deixa de perfilar a sequencialidade da ação de *prender* (“*contenção*”) *duas coisas num mesmo jugo*, como um todo, para perfilar apenas sua parte final (quando o *jumento* é preso ao *jugo* ao qual o *boi* já está) – ou seja, o ato.

Assim sendo, assume-se o *ato de prender um coisa com a outra* como o valor semântico convencional de *jungir*^{1B} – ou “unir aos pares, dois a dois” (FARIA *et alli*, 1962: 233) ou “promover a junção de; juntar, unir, ligar” (HOUAISS, 2009). Nesse sentido, entende-se que o conceptualizador visualiza e conceptualiza o *jugo* a partir do arquétipo conceptual de elo e a relação processual provida por ele a partir do arquétipo conceptual da relação de interligação. Por sua vez, o arquétipo conceptual de elo se configura como um esquema imagético que emerge a partir de experiências em que uma interligação física entre duas entidades físicas é provida por uma *coisa* física (cf. JOHNSON, 1987: 117-119).

Ao assumir que um elo físico provê o estabelecimento de uma relação de interligação física entre entidades físicas e entre elas e uma coisa física, entende-se que o arquétipo conceptual de elo é um conceito subsumido pelo arquétipo conceptual da relação de interligação. O arquétipo conceptual dessa relação, por sua vez, emerge a partir de experiências em que uma interligação física entre uma coisa A e um elo e uma interligação física entre uma coisa B e o mesmo elo passam a funcionar como uma interligação física entre a coisa A e a coisa B. Ao manter preso, numa extremidade, um *boi* e, na outra, o *jumento*, o *jugo* passa a ser assumido como o instrumento que estabelece uma interligação física entre os dois animais.

Nesse sentido, entende-se que a relação de interligação física visualizada e conceptualizada pelo conceptualizador, a partir da presente cena, é tributária da relação de contenção provida pelo *jugo*; isto é, para que a relação processual provida pelo *jugo* seja visualizada e conceptualizada como uma relação de interligação física, é necessário que antes ela tenha sido assumida como uma relação de contenção. Assim sendo, é possível dizer que a relação de contenção invocada por

$jungir^{1A}$ provê acesso à relação de interligação invocada por $jungir^{1B}$; ou seja, que o sentido evocado por $jungir^{1B}$ é provido a partir de $jungir^{1A}$, como se observa na Figura 3.2. Logo, em (1.b), $jungir^{1B}$ assume o valor semântico convencional de “ato de prender (“interligação¹”) uma coisa a outra, por meio de um *jugo*”.

Ao assumir o valor semântico convencional de *prender uma coisa a outra por meio de um jugo*, $jungir^{1B}$ invoca a relação de contenção e a relação de interligação, já que a primeira provê acesso à segunda. Porém, apenas a segunda é perfilada por $jungir^{1B}$, deixando a primeira como plano de fundo. Logo, enquanto $jungir^{1A}$ toma a ação (*prender cada animal numa das extremidades do jugo*) pela coisa (*jugo*), $jungir^{1B}$ toma uma espécie de *ato derivado da ação* pela *ação realizada com a coisa* (a relação de contenção).

Com “*ato derivado da ação*”, pretende-se reconhecer, mesmo ciente de este não ser um termo que conste da literatura, que a relação processual deixa de ser vista como uma relação de contenção para ser assumida como uma relação de interligação; e que, nessa passagem, é perfilado apenas o ato e não a ação. Ao perfilar apenas o ato, entende-se que o *jugo* não é incorporado nesse perfilamento, ainda que a ação de *jungir o boi com o jumento* tenha sido provida pela coisa assumida como um elo: o *jugo*.

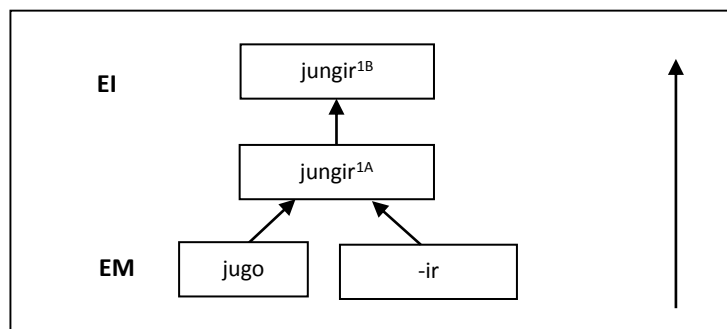


Figura 3.2 - Trajetória composicional de “ $jungir^{1B}$ ”

A frase (1.c) retrata a cena em que *Ivo* prende um os *bois* a um *arado*; isto é, *Ivo* prende os *bois* ao *jugo* e, depois, prende o *jugo* ao qual tais *animais* foram presos ao arado. Tal como em (1.a) e (1.b), a relação de *jungir os dois bois com o arado* resulta do escaneamento mental de duas ações – o que as diferencia é a natureza da ação de prender (daí, *interligação*²) e o fato de que, na primeira parte da presente cena, os dois bois são presos ao jugo. Outra semelhança está no fato de o conceptualizador deixar de visualizar e conceptualizar tal relação processual a partir

do escaneamento sumário dessas duas ações isoladas e passar a visualizá-la e conceptualizá-la a partir da sequencialidade das duas ações. A partir daí, ele deixa de perfilar a sequencialidade das ações que constituem a relação processual *jungir os bois ao arado*, como um todo, para perfilar apenas sua parte final (quando o *arado* é acoplado ao *jugo* ao qual o *bois* estão presos), deixando inclusive de perfilar as duas contrapartes de instrumento usadas para efetivar o acoplamento: o *jugo* e a haste longa do arado.

Assim sendo, assume-se o *ato de prender (interligação²) uma coisa com a outra* como valor semântico convencional de *jungir*^{1C}, em (1.c). Logo, na trajetória composicional, *jungir*^{1C} fica acima de *jungir*^{1B}, uma vez que seu sentido deriva deste último, como se observa na Figura 3.3.

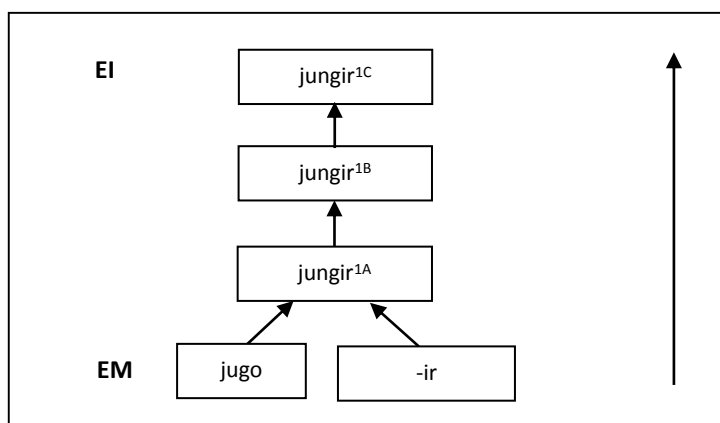


Figura 3.3 - Trajetória composicional de “*jungir*^{1C}”

Com base no que foi dito, é válido assumir como sentido primário evocado pela unidade simbólica complexa *jungir*^{1A} o significado de *prender algo numa das extremidades do jugo*, tendo em mente cada ação isoladamente; ou o significado de *prender duas ou mais coisas num mesmo jugo*, tendo em mente a sumarização de tais ações realizadas pelo mesmo agente. Mas, em função de tais operações de perspectivização e do não-perfilamento do *jugo*, entende-se que *jungir*^{1B} e *jungir*^{1C} afastam-se de seu sentido primário, o que os propicia assumir, respectivamente, os valores semânticos convencionais de “juntar, unir” e “juntar, ligar”.

Doravante, será feita a análise de *conjungir*, partindo das seguintes frases:

- (1) a. Ivo **jungiu**^{1A} os dois bois.
d. Ivo **conjungiu**^{1A} os dois bois.

e. Ivo **conjugiu**^{2A} os dois bois.

As frases (1.a) e (1.d) podem ser usadas para retratar a mesma cena: um agente que prende os dois *bois* ao *jugo*; isto é, um agente (*Ivo*) que prende cada *boi* a uma das extremidades do *jugo* – parte em que há um laço usado para aprisionar cada *boi*. A diferença entre elas é que, enquanto, em (1.a), o conceptualizador perfila as duas relações de contenção, providas por cada extremidade do *jugo*; em (1.d), o conceptualizador perfila o resultado das duas relações de contenção, provida pelo mesmo *jugo* – o que faz com que tal relação processual deixe ser assumida como duas relações de contenção para ser assumida como uma relação de contenção conjunta. Logo, *conjugir os bois* significa *prender os bois juntamente, por meio do jugo* (isto é, *prender um boi junto com o outro, por meio de um jugo*) – ou, ainda, “fazer ficar ou ficar juntos” (HOUAISS, 2009) ou “atrelar junto”, como afirmam Faria *et alli* (1962: 233), acerca das unidades simbólicas latinas *conjungo*, *-is*, *junxi*, *junctum*, *jungĕre*, com as quais *conjugir* encontra-se etimologicamente relacionado. Nesse sentido, entende-se que o conceptualizador visualiza e conceptualiza os laços do *jugo* a partir do arquétipo conceptual de contêiner e a relação processual provida por eles a partir do arquétipo conceptual da relação de contenção – que, por sua vez, se aproxima do sentido primário de *jungir*^{1A}.

A relação de contenção conjunta instaura-se somente depois de os bois estarem presos nas extremidades do *jugo* e é provida a partir do perfilamento da superfície do *jugo*, já que a contenção é conjunta por haver a possibilidade de manter presos dois *bois*, ao mesmo tempo. Esse aspecto propicia a visualização e a conceptualização dessa relação processual a partir da integração simbólica da unidade simbólica *jungir* (que invoca o arquétipo conceptual da relação de contenção) com a unidade simbólica *co(N)-* (que o arquétipo conceptual de relação de junção, assumida como uma relação não processual complexa – isto é, como um advérbio, neste caso advérbio de modo), na medida em que contenção conjunta é o modo como tal relação se dá. Assim sendo, *conjugir*^{1A} assume, em (1.d), o valor semântico convencional de *prender* (no sentido de “contenção”) *juntamente duas coisas num mesmo jugo*.

A partir do que foi dito, é possível assumir que *conjugir*^{1A} mantém conexões lexicais com o item lexical *jungir*^{1A} – que, por sua vez, mantém conexões lexicais com o item lexical *jugo* – apesar da estrutura fonológica deste não possuir o

N – e com os verbos terminados em *-ir*, o que permite conceber *jungir*^{1A} como resultado da integração simbólica entre tais unidades simbólicas (que passam a ser assumidas como suas unidades simbólicas componentes). Nestes termos, entende-se que o sentido assumido por *conjungir*^{1A} é *prender juntamente duas coisas num jugo* – tendo em mente o escaneamento sumário de tais ações realizadas pelo mesmo agente. Como foi dito anteriormente, tal construção é coerente na medida em que tanto *conjungir*^{1A} quanto *jungir*^{1A} assumem, como parte de seu sentido, o conhecimento de mundo de que a função primária do *jugo* é a de aprisionamento – o que faz com que o *jugo* invoque o arquétipo conceptual de contêiner e, consequentemente, o arquétipo conceptual da relação de contenção conjunta. Logo, as unidades simbólicas *co(N)*- e *jungir* são centrais para a configuração do referido sentido, como se pode observar na Figura 3.4.

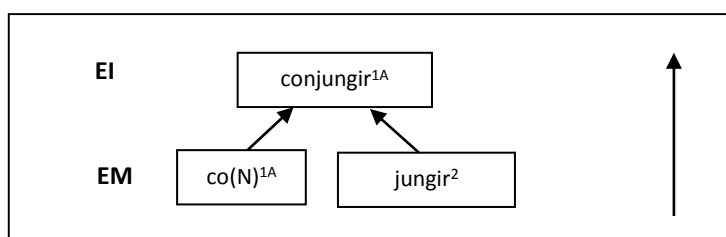


Figura 3.4 - Trajetória composicional de “*conjungir*^{1A}”

Por sua vez, a análise de *conjungir*^{2A} será feita a partir do pareamento dessa unidade simbólica com *coligar* e *conglutinar*, tomando como base as seguintes frases:

- (1) e. Ivo **conjungiu**^{2A} os dois bois.
- f. Ivo **coligou**^{1A} as duas caixas d’água.
- g. Ivo **conglutinou**^{1A} as duas folhas.

A partir da análise das três frases, nota-se que as três unidades simbólicas re-tratam cenas em que as entidades tidas como *pacientes* (respectivamente, os dois bois, as duas caixas d’água e as duas folhas) sofrem um processo de *junção*. Contudo, as três ações configuram três diferentes modos de *juntar* em função dos distintos e específicos modos de interligar os elementos: (i) *conjungir*, por meio de um *jugo*; (ii) *coligar*, por meio de um *ligame*; e (iii) *conglutinar*, por meio de uma

substância glutinosa – respectivamente nomeadas de *relação de interligação*¹, *relação de interligação*² e *relação de interligação*³. O elemento do meio (*jung-*, *lig-* e *glutin-*), de fato, determina como a *junção* entre os pacientes é realizada, pois sua mudança caracteriza distintos modos de *junção*.

Devido ao fato de todas essas unidades simbólicas evocarem o sentido de *juntar* e conferirem saliência cognitiva ao papel do *instrumento* (*jugo*, *ligame* e *substância glutinosa*), entende-se que, por meio de tais construções, o conceptualizador perfila uma ação, que assume o valor semântico convencional de *juntar coisas por meio de um jugo*, *juntar coisas por meio de um ligame* e *juntar coisas por meio de uma substância glutinosa*. Portanto, ao confrontar *conjungir*, *coligar* e *conglutinar*, nota-se que tais construções lexicais são classificadas como verbos (*relações processuais dinâmicas*) e que têm o prefixo *co(N)-*, sugerindo, assim, que *conjungir* resulta da integração conceptual entre as unidades simbólicas componentes *co(N)-*^{1A}, *ju(n)go* e *-ir*.

No tocante à estrutura fonológica, obtida a partir do pareamento de conteúdo fonológico e de conteúdo conceptual entre *jugo*, *jungir* e *conjungir*, a validade da dupla realização *jung-/jug-* se confirma ao comparar *conjungir* e *cônjuge*, já que um dos valores semânticos convencionais de *conjungir* é “ligar(-se) pelo matrimônio” (HOUAISS, 2009). Ainda que esta comparação não corrobore o sentido primário, ela, ao menos, dá conta do estabelecimento de uma relação entre essas duas realizações fonológicas – representadas doravante como *ju(n)g-*.

No tocante à configuração de relação processual complexa dinâmica, cabe notar que *-ir* não é a única sequência que a realiza, já que também existe a construção lexical *conjugiar*. Tal afirmação advém do fato de que outro par de construções lexicais com a sequência *jung-* apresenta dupla realização: *abjungir/abjugar*. Além do aspecto fonológico, nota-se que a noção de *jugo* também se torna central para os significados assumido por *abjugar*: “libertar do jugo; disjungir, separar; abjungir” (HOUAISS, 2009).

Essa noção é igualmente central para o significado assumido por *desjungir/disjungir/dejungir*: “desprender do jugo (‘canga’); desatrear” (*idem*). Ainda que não seja tão central para *desjungir*, tal noção é certamente fundamental para o delineamento do significado assumido pela referida unidade simbólica, “impor a obrigação de, ordenar expressamente” (*ibidem*), na medida em que se tem em mente que “vínculo de submissão e obediência” (*ibidem*) e “sujeição imposta pela força

ou autoridade; opressão” (*ibidem*) são sentidos derivados do sentido primário assumido por *jugo*.

Devido ao fato de o *arquétipo conceptual da relação de junção* emergir de experiências em que dois ou mais participantes de uma cena passam a formar um *agrupamento*, mediante o uso de um *elo* para o estabelecimento de uma *interligação* entre eles, pode-se assumir que a relação processual perfilada por *conjungir* é instanciada a partir do arquétipo conceptual desse domínio. Essa relação processual deve ser pensada como uma *relação de junção*, não só pelo fato de a *interligação* física entre eles propiciar que sejam visualmente reconhecidos como um *agrupamento*, mas, principalmente, pelo fato de tais *participantes* funcionarem como um *agrupamento*.

No contexto analisado, a *relação de junção* é visualizada e conceptualizada de modo objetivo, a partir de uma *relação de agrupamento* estabelecida entre os *participantes* – que, por sua vez, é estabelecida a partir de uma *relação de interligação* entre tais entidades. Em função disso e do fato de a *relação de junção* encontrar-se intrinsecamente ligada à *relação de interligação*, pode-se dizer que a *relação de junção* se encontra ancorada num domínio da experiência caracterizado a partir do *arquétipo conceptual de relação de interligação* e, por conseguinte, a partir do *arquétipo conceptual de elo*. Tal afirmação se dá tanto pelo fato de o *arquétipo conceptual da relação de junção* subsumir o *arquétipo conceptual de elo*; quanto pelo fato de a *relação de interligação* propiciar a visualização e a conceptualização da *relação de junção* de modo objetivo. Portanto, com base na presente configuração, entende-se que a *relação de junção* pode ser caracterizada como um protótipo para tais construções lexicais, o que implica dizer que seu conteúdo conceptual é passível de sofrer processos de atenuação conceptual, propiciando sua caracterização através de seu conceito configuracional ou de sua habilidade cognitiva.

Com base no que foi dito, é válido assumir como primeiro sentido evocado pelo *co(N)-*, representado como *co(N)^{-1A}*, o valor semântico convencional de *juntar por meio de* ou *juntar*¹. Contudo, em virtude da impossibilidade de evocar a configuração de uma relação processual apenas a partir de seu status de prefixo, o *co(N)-* precisa formar uma unidade simbólica com o sufixo trazido pela construção que lhe deu origem (respectivamente, *conjungir*^{1A}, *coligar*^{1A} e *conglutinar*^{1A}), para apresentar tal configuração – cf. Figura 3.5. Logo, pode-se dizer que a estrutura morfológica dessas construções corresponde a uma circunfixação e não a uma prefixação.

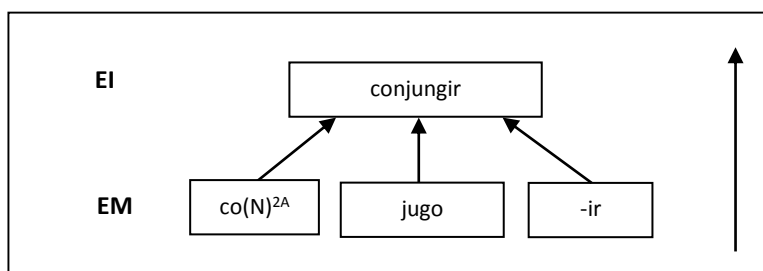


Figura 3.5 - Trajetória composicional de “conjungir^{1B}”

Cabe acrescentar que, ao comparar *jungir*, *ligar* e *glutinar* com *conjungir*, *coligar* e *conglutinar*, nota-se que, no primeiro grupo, o elemento do meio (*jung-*, *lig-* e *glutin-*) é visualizado e conceptualizado a partir do arquétipo conceptual da relação de interligação; enquanto, no segundo, ele passa a ser visualizado e conceptualizado a partir do arquétipo conceptual de elo.

3.1.1

Juntar^{1B} (agrupamento por interligação de modo subjetificado)

Todos os itens lexicais do presente grupo (cf. Apêndice II) sofrem um processo de subjetificação, entendido como o processo em que a ação é visualizada e conceptualizada de modo subjetivo. Por meio dele, o conceptualizador visualiza e conceptualiza um *agrupamento por interligação* subjetificado; isto é, não há interligação física visualizada e conceptualizada de modo objetivo, tampouco há, de fato, a formação de um grupo, para que se possa visualizar e conceptualizar objetivamente tal ação como uma *relação de agrupamento*. O único agrupamento por interligação se dá mentalmente, ou seja, na mente do conceptualizador que, a partir de uma dada cena, pode visualizar e conceptualizar algo comum entre os participantes como algo que provê uma interligação entre eles – o que leva o conceptualizador a agrupá-los mentalmente.

Foram encontrados três conjuntos de casos em que a relação de junção se dá por subjetificação, provida pela coincidência: (a) no estabelecimento de relações de localização espacial; (b) no delineamento de regiões centrais; e (c) no delineamento de regiões periféricas.

a) coincidência em relações de localização espacial

O estudo do presente grupo se dá a partir da análise das unidades simbólicas *plano* e *complanar*, com o intuito de verificar o estabelecimento de conexões lexicais entre elas. Com base em tal direcionamento, tomam-se, inicialmente, as seguintes frases:

- (2) c. Quais são (a) a componente x e (b) a componente y de um vetor localizado no plano xy se a sua direção está a 250° no sentido anti-horário do sentido positivo do eixo x e o seu módulo é igual a $7,3 \text{ m}$?¹⁰
- d. Verique que os vetores $b-a$, $b-c$ e $a-c$ são **complanares**.¹¹

A frase (2.c) retrata uma cena em que a localização espacial de uma coisa (o vetor a) incide num dado lugar (o plano xy). Enquanto a frase (2.d) retrata uma cena em que a localização espacial de três coisas (os vetores $b-a$, $b-c$ e $a-c$) incidem no mesmo lugar (um dado plano). Em função disso, o conceptualizador realiza o *agrupamento* das três relações de localização espacial em função da coincidência de lugar – o que faz do lugar o elo subjetificado que propicia a junção.

Como evidência desse *agrupamento*, cita-se o escaneamento sumário das três relações de localização espacial – cada qual estabelecida entre uma das três coisas (os vetores $b-a$, $b-c$ e $a-c$) e um dado lugar (um dado plano). Como evidência desse elo, tem-se que o escaneamento mental de cada uma dessas relações de localização espacial incide num mesmo lugar (um dado plano). Nestes termos, entende-se que o conceptualizador visualiza e conceptualiza essa coincidência de relações de localização espacial como uma *relação de junção* subjetificada entre tais coisas, o que lhe propicia visualizar e conceptualizar tal lugar como um elo subjetificado. Logo, conclui-se que *complanar* é uma unidade simbólica complexa e que sua construção se dá por meio da integração simbólica entre três unidades simbólicas simples: $co(N)$ -^{2B}, *plano* e *-ar* (sufixo formador de adjetivos).

¹⁰ Disponível em: « <https://www.trabalhosgratuitos.com/Outras/Diversos/Exercicios-Resolvidos-443107.html> ». Acesso em: 31 jan. 2015.

¹¹ Disponível em: « <http://www.jusbrasil.com.br/diarios/2350830/> ». Acesso em: 31 jul. 2015.

Devido ao fato de a integração simbólica corresponder à integração de conteúdos conceptuais, em função da integração dos conteúdos fonológicos dessas unidades simbólicas, e à aplicação das operações de perspectivização, entende-se que *complanar* configura-se como uma construção lexical parcialmente composicional. Contudo, é o fato de os respectivos conteúdos conceptuais invocados por *co(N)*-^{2B}, *plano* e *-ar* serem centrais à caracterização do valor semântico convencional assumido por *complanar* que propicia o reconhecimento das unidades simbólicas componentes que os evocam e, conseqüentemente, a caracterização desse item lexical como uma unidade simbólica complexa. Tais informações permitem traçar a trajetória composicional da unidade simbólica complexa *complanar* e assumir:

- (i) o *conceito configuracional da relação de junção* (que resulta da integração simbólica entre o *conceito configuracional da relação de agrupamento* e o *conceito configuracional da relação de interligação*) e o *conceito configuracional de elo* como o escopo máximo de sua base conceptual; e
- (ii) a integração simbólica dos respectivos conteúdos conceptuais como o escopo mínimo de sua base conceptual.

Essa afirmação se justifica, em função da compreensão de que, isolados, tais conteúdos conceptuais constituem o plano de fundo da base conceptual da referida unidade simbólica complexa; enquanto o resultado da caracterização do valor semântico convencional, também obtido a partir das operações de perspectivização sob os referidos conteúdos conceptuais simbolicamente integrados, constitui o primeiro plano, como se observa na Figura 3.6.

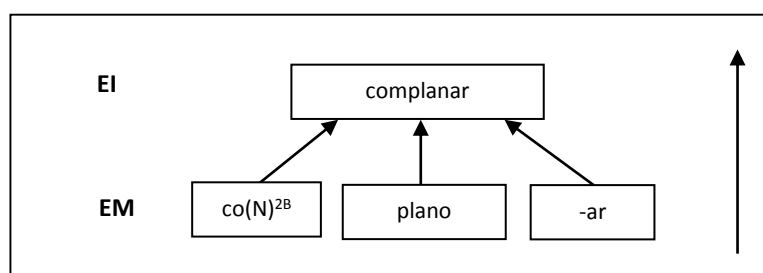


Figura 3.6 - Trajetória composicional de “*complanar*”

Além desses aspectos, também foi possível constatar a variação *coN-/co-* em *complanar* e *coplanar*, sem alteração de seu valor semântico convencional (*duas ou mais coisas que se localizam no mesmo plano*).

b) coincidência no delineamento de regiões centrais

Tomem-se, inicialmente, as seguintes frases:

- (3) a. Por fim, desenhe uma linha reta de C a D. O centro do círculo é onde a linha AB cruza com a linha CD.¹²
- b. 1) Na figura abaixo, os três círculos são concêntricos.¹³

A frase (3.a) retrata uma cena em que uma região (*centro*) é determinada como o meio de uma coisa (*círculo*), delimitada a partir da noção de centro do esquema imagético de centro-periferia. Enquanto a frase (3.b) retrata uma cena em que o delinamento da região central de três coisas (*os três círculos*) incidem numa mesma região do cenário. Em função disso, o conceptualizador realiza o *agrupamento* (neste caso, por sobreposição) das três *relações de centro-periferia* em função da coincidência de seus respectivos centros numa mesma região do cenário – o que faz desse centro o *elo subjetificado* que propicia a *junção*.

Como evidência desse *agrupamento*, cita-se o escaneamento sumário das três relações de centro-periferia – cada qual delineada a partir de uma das três coisas (*os três círculos*) e sua respectiva parte central. Como evidência desse *elo*, tem-se que o escaneamento mental de cada uma dessas relações de centro-periferia incide numa mesma região. Nestes termos, entende-se que o conceptualizador visualiza e conceptualiza essa coincidência de relações de centro-periferia como uma *relação de junção* subjetificada entre tais coisas, o que lhe propicia visualizar e conceptualizar tal centro como um *elo subjetificado*. Logo, conclui-se que *concêntrico* é uma unidade simbólica complexa e que sua construção se dá por meio da integração simbólica entre três unidades simbólicas simples: $co(N)$ -^{2B}, *centro* e *-ico* (sufixo formador de adjetivos).

Devido ao fato de a integração simbólica corresponder à integração de conteúdos conceptuais, em função da integração dos conteúdos fonológicos dessas unidades simbólicas, e à aplicação das operações de perspectivização, entende-se que

¹² Disponível em: <<http://www.ticsnamatematica.com/2014/08/circulo-circunferencia.html>>. Acesso em: 31 jan. 2015.

¹³ Disponível em: <<http://www.pixelaria.org/forum/off/9178-desafios-para-os-nerds-de-plantao>>. Acesso em: 31 jul. 2015.

concêntrico configura-se como uma construção lexical parcialmente composicional. Porém, é o fato de os conteúdos conceptuais invocados por $co(N)^{2B}$, *centro* e *-ico* serem centrais à caracterização do valor semântico convencional assumido por *concêntrico* que propicia o reconhecimento das unidades simbólicas componentes que os evocam e, conseqüentemente, a caracterização desse item lexical como uma unidade simbólica complexa, como se observa na Figura 3.7.

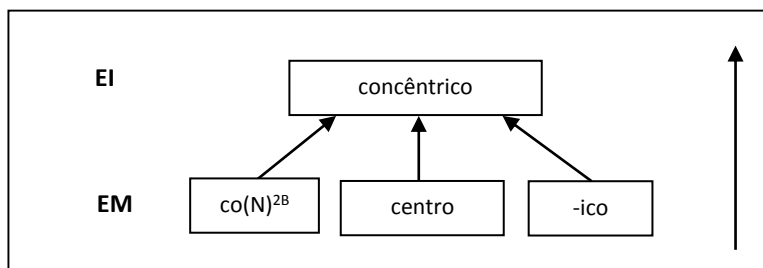


Figura 3.7 - Trajetória composicional de “*concêntrico*”

Foi constatada a variação $coN-/co-$ em *concêntrico* e *cocêntrico*, sem alteração de seu valor semântico convencional (“duas ou mais coisas cujos respectivos centros coincidem numa mesma região do cenário”).

c) coincidência no delineamento de regiões periféricas

Tomem-se, inicialmente, as seguintes frases:

- (4) a. Após o **término da região dorsal**, é realizada a mudança para decúbito dorsal, e início da abordagem abdominal.¹⁴
- b. Quando o segundo alojamento está na porção receptora, **cada lado respectivo do primeiro alojamento e o segundo alojamento é co-terminal com o outro.**¹⁵

A frase (4.a) retrata uma cena em que uma região (*final*) é determinada como o zona limítrofe de uma parte do corpo assumida como um lugar (*região dorsal*),

¹⁴ Disponível em: «http://www.rbc.org.br/detalhe_artigo.asp?id=1168». Acesso em: 31 jan. 2015.

¹⁵ Disponível em: «<http://superberry.com.br/2014/10/29/blackberry-tem-planos-para-tablets-e-dispositivos-com-desing-slider-d/>». Acesso em: 31 jul. 2015.

delimitada a partir da noção de periferia do esquema imagético de centro-periferia. Enquanto a frase (4.b) retrata uma cena em que o delinamento das regiões periféricas de duas coisas (*o primeiro alojamento* e *o segundo alojamento*) incidem no mesmo lugar. Em função disso, o conceptualizador realiza o *agrupamento* (neste caso, por contiguidade) das duas relações de centro-periferia em função da coincidência de suas respectivas periferias numa mesma região do cenário – o que faz dessa região o elo subjetificado que propicia a junção.

Como evidência desse *agrupamento*, cita-se o escaneamento sumário das duas relações de centro-periferia – cada qual delineada a partir de uma das duas coisas (*primeiro alojamento* e *segundo alojamento*) e sua respectiva parte final. Como evidência desse *elo*, tem-se que o escaneamento mental de cada uma dessas *relações de centro-periferia* incide na mesma região do cenário. Nestes termos, entende-se que o conceptualizador visualiza e conceptualiza essa coincidência de relações de centro-periferia como uma relação de junção subjetificada entre tais coisas, o que lhe propicia visualizar e conceptualizar tal região formada pelos limites comuns como um *elo subjetificado*. Logo, conclui-se que *coterminal* é uma unidade simbólica complexa e que sua construção se dá por meio da integração simbólica entre três unidades simbólicas simples: $co(N)^{2B}$, *término* e *-al* (sufixo formador de adjetivos).

É o fato de os respectivos conteúdos conceptuais invocados por $co(N)^{2B}$, *término* e *-al* serem centrais à caracterização do valor semântico convencional assumido por *coterminal* que propicia o reconhecimento das unidades simbólicas componentes que os evocam e, conseqüentemente, a caracterização desse item lexical como uma unidade simbólica complexa, como se observa na Figura 3.8.

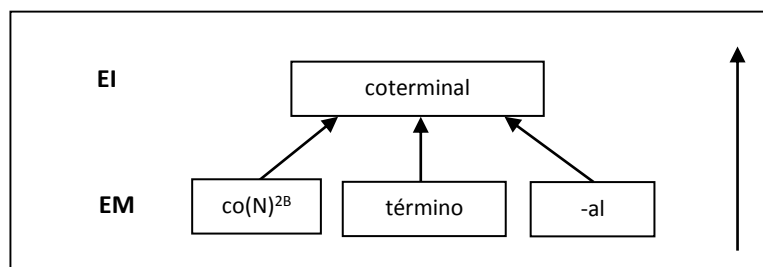


Figura 3.8 - Trajetória composicional de "coterminal"

Apesar de não ter sido constatada a variação *coN-/co-* em *coterminal*, ela pôde ser observada em outras unidades simbólicas (*confinal* e *cofinal*) do presente grupo,

sem alteração de seu valor semântico convencional (*duas ou mais coisas cujas regiões periféricas coincidem numa mesma região do cenário*).

3.1.2

Juntar^{1C} (habilidade cognitiva do agrupamento por interligação)

O processo de subjetificação possibilita ao conceptualizador submeter o conteúdo conceptual invocado por uma dada unidade simbólica a um processo de esquematização, tal que o conteúdo conceptual remanescente (ou seja, imanente) é assumido de modo fictivo (cf. LANGACKER, 2008: 528-30) – isto é, como uma ação visualizada e conceptualizada de modo subjetivo. Por sua vez, o processo de obtenção da habilidade cognitiva subjacente ao conteúdo conceptual invocado também envolve o processo de atenuação conceptual. Contudo, o conteúdo conceptual remanescente (imanente) desse processo deve ser imanente a todas as instâncias instauradas por meio da referida unidade simbólica, além de ser visualizado e conceptualizado de modo objetivo.

Assim sendo, dentre todas as instâncias instauradas por meio das construções lexicais com o *co(N)-* – ou seja, *co(N)-^{2A}*, *co(N)-^{2B}* e *co(N)-^{2C}* –, a relação de agrupamento se configura como sua habilidade cognitiva (isto é, como o conteúdo conceptual que lhe é imanente). Em função disso, a relação de junção, invocada pelo segundo sentido do *co(N)-*, passa a ser caracterizada apenas pela relação de agrupamento, em todas as construções lexicais do presente grupo (cf. Apêndice III).

Foram encontrados três conjuntos de casos em que a *relação de junção* é caracterizada por meio de sua habilidade cognitiva imanente: (a) juntar³ (agrupar) coisas, resultando na aquisição de uma formatação; (b) juntar³ (agrupar) coisas num dado lugar; e (c) interligar coisas, formando um todo (isto é, agrupando). Contudo, é preciso observar que este último, *co(N)-^{2C}*, consiste na habilidade cognitiva obtida por meio de subjetificação cuja rota de atenuação conceptual remonta a *conjungir^{2A}*, passando por *conjungir^{2B}* e chegando aos itens lexicais do referido grupo (como *coagregar*, *coaglutinar*, etc.). Pode-se observar tal rota por meio da rede relações dos sentidos evocados pelo *co(N)-* – cf. seção 4.2.

a) juntar³ coisas em formato de (...)

Tomem-se, inicialmente, as seguintes frases:

- (5) a. Na tirinha, Calvin e o tigre Haroldo usam um **globo** terrestre para orientar sua viagem da Califórnia, nos Estados Unidos, para o território do Yukon, no extremo norte do Canadá.¹⁶
- b. A neve rolada dos montes **congloba-se**.¹⁷

A frase (5.a) retrata uma cena em que há um participante, o *globo terrestre*, que recebe tal nome em função de sua forma arredondada. Enquanto a frase (5.b) retrata uma cena em que esse formato arredondado, típico de um *globo*, é assumido como o aspecto final que as coisas assumem após a efetivação da *relação de junção*^{1C}. Em função disso, o conceptualizador toma o resultado (ficar em forma de *globo*) pela ação (*juntar* em formato de *globo*).

Logo, conclui-se que *conglobar* é uma unidade simbólica complexa e que sua construção se dá por meio da integração simbólica entre três unidades simbólicas simples: *co(N)*-^{2C}, *globo* e *-ar* (sufixo formador de verbos). É o fato de os respectivos conteúdos conceptuais invocados por *co(N)*-^{2C}, *globo* e *-ar* serem centrais à caracterização do valor semântico convencional assumido por *conglobar* que propicia o reconhecimento das unidades simbólicas componentes que os evocam e, conseqüentemente, a caracterização desse item lexical como uma unidade simbólica complexa.

Tais informações permitem traçar a trajetória composicional da unidade simbólica complexa *conglobar* e assumir:

- (i) a habilidade cognitiva da *relação de junção* (que resulta do conteúdo conceptual imanente, o *arquétipo conceptual da relação de agrupamento*) e o *arquétipo conceptual da relação de interligação* como o escopo máximo de sua base conceptual; e
- (ii) a integração simbólica dos respectivos conteúdos conceptuais como o es-

¹⁶ Disponível em: «http://www.revista.vestibular.uerj.br/questao/questao-objetiva.php?seq_questao=842». Acesso em: 31 jul. 2015.

¹⁷ Disponível em: «https://books.google.com.br/books?id=_q9CAQAAMAAJ&pg=PA403#v=onepage&q&f=false» (p. 13). Acesso em: 31 jul. 2015.

copo mínimo de sua base conceptual.

Essa afirmação se justifica, em função da compreensão de que, isolados, tais conteúdos conceptuais constituem o plano de fundo da base conceptual da referida unidade simbólica complexa; enquanto o resultado da caracterização do valor semântico convencional, também obtido a partir das operações de perspectivização sob os referidos conteúdos conceptuais simbolicamente integrados, constitui o primeiro plano, como se observa na Figura 3.9. Vale, ainda, ressaltar que não foi constatada variação coN-/co-, sem alteração do valor semântico convencional, em quaisquer das construções lexicais do presente conjunto.

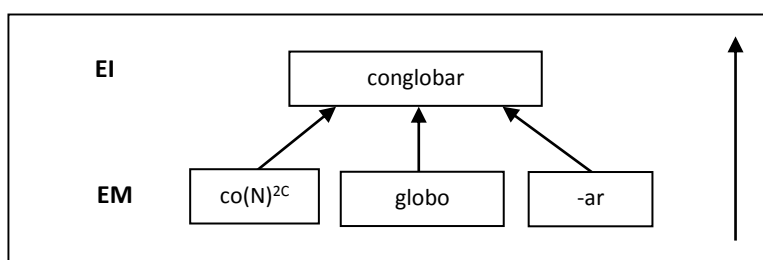


Figura 3.9 - Trajetória composicional de “conglobar”

b) juntar coisas num dado lugar

Tomem-se, inicialmente, as seguintes frases:

- (6) a. Parece que o local correto de guardar ovos não é na geladeira.¹⁸
 b. – É de madrugada lá fora agora – interrompeu Joana d'Arc de dentro do bolso de Nicole. – Segundo nosso cronograma, estamos atrasados. Sr. Puckett, precisamos inspecionar nossa saída de emergência antes que o senhor vá embora. – Droga – disse Max. – Lá vamos nós de novo receber ordens de um robô do tamanho de um cigarro. – Tirou Joana e Eleonor dos bolsos de Nicole e colocou-as na prateleira de cima, por trás de uma lata de ervilhas.¹⁹

¹⁸ Disponível em: <<https://tadifcil.wordpress.com/2007/03/28/ta-difcil-guardar-ovos-na-geladeira-da-lg/#comment-10859>> (Aline || '06/12/2012' às '9:40'). Acesso em: 31 jul. 2015.

¹⁹ Disponível em: <<http://pt.slideshare.net/augustus.melo/4-a-revelao-de-rama>> (slide 11). Acesso em: 31 jul. 2015.

A frase (6.a) retrata uma cena em que o conceptualizador visualiza e conceptualiza a *geladeira* como um *contêiner* e a ação de *guardar os ovos em seu interior*, como várias relações de deslocamento espacial para um mesmo lugar. Enquanto a frase (6.b) retrata uma cena em que um agente desloca espacialmente duas coisas (*os robôs Joana e Eleonor*) para um mesmo lugar.

Tal ação consiste numa relação de junção³ de coisas num mesmo lugar. Contudo, o conceptualizador toma o ato pela ação. Logo, conclui-se que *colocar* é uma unidade simbólica complexa e que sua construção se dá por meio da integração simbólica entre três unidades simbólicas simples: *co(N)^{-2C}*, *local* e *-ar* (sufixo formador de verbos).

Porém, essa configuração ocorre apenas em contextos em que o conceptualizador visualiza e conceptualiza o deslocamento espacial de duas ou mais entidades, de uma vez, como em (6.b). Caso contrário, o conceptualizador passa a visualizar e a conceptualizar o deslocamento espacial de cada entidade, isoladamente, o que indica a ocorrência de uma *discrepância de perfilamento/zona ativa* (em que se toma o ato pela ação). Isso faz com que os respectivos conteúdos conceptuais invocados por *co(N)^{-2C}*, *local* e *-ar* deixem de ser centrais à caracterização do valor semântico convencional assumido por *colocar*, em (6.b), já que tal fenômeno não propicia o reconhecimento das referidas unidades simbólicas componentes e tampouco a caracterização desse item lexical como uma unidade simbólica complexa, como se pode observar na Figura 3.10.

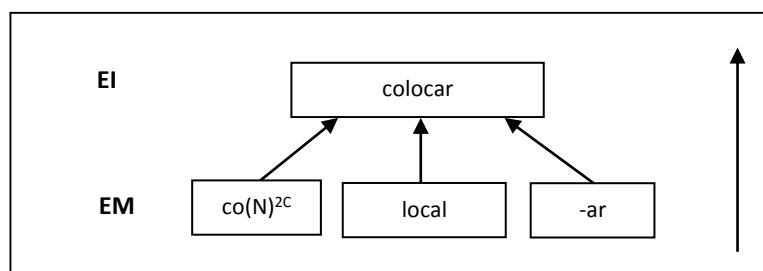


Figura 3.10 - Trajetória composicional de “colocar”

Vale, ainda, ressaltar que não foi constatada variação *coN-/co-*, sem alteração de seu valor semântico convencional, em quaisquer das construções lexicais do presente conjunto.

c) Por meio de um processo

Tomem-se as seguintes frases:

- (7) a. Ive **agregou** lantejoulas ao vestido.
- b. Segundo Chandra et al. (2001), o biofilme formado por espécies de *Candida* spp. pode ser caracterizado por três fases de desenvolvimento: a fase inicial, envolvendo a adesão das células fúngicas ao substrato; fase intermediária, na qual os blastóporos se **coagregam** e proliferam, formando uma comunidade a qual produz uma matriz extracelular de polissacarídeos; e a fase de maturação, o na qual as células fúngicas estão completamente envolvidas pela matriz extracelular de polissacarídeos.²⁰

A frase (7.a) retrata uma cena em que a *relação de interligação* é estabelecida entre uma coisa (*lanjoutlas*) e outra (*vestido*). Enquanto a frase (7.b) retrata uma cena em que as coisas (*blastóporos*) se integram de um determinado modo: formando um todo (isto é, como um *agrupamento*). Em função disso, o conceptualizador visualiza e conceptualiza esse modo (isto é, essa relação não processual complexa), evocado pelo *co(N)*- como um *agrupamento* e não como um *agrupamento por interligação* (em função de sua atenuação de sentido, propiciada pela etapa de subjetificação – tomando-se a rota *conjungir*^{1A}, *conjungir*^{1B} e *coagregar*). Logo, conclui-se que *coagregar* é uma unidade simbólica complexa e que sua construção se dá por meio da integração simbólica entre duas unidades simbólicas simples: *co(N)*-^{2C} e *agregar*.

Devido ao fato de a integração simbólica corresponder à integração de conteúdos conceptuais, em função da integração dos conteúdos fonológicos dessas unidades simbólicas, e à aplicação das operações de perspectivização, entende-se que *coagregar* configura-se como uma construção lexical parcialmente composicional. Contudo, é o fato de os respectivos conteúdos conceptuais invocados por *co(N)*-^{2C} e *agregar* serem centrais à caracterização do valor semântico convencional assumido por *coagregar* que propicia o reconhecimento das unidades simbólicas componentes que os evocam e, conseqüentemente, a caracterização desse item

²⁰ Disponível em: «<http://www.bibliotecadigital.unicamp.br/document/?code=000918882&fd=y>» (p. 13). Acesso em: 31 jul. 2015.

lexical como uma unidade simbólica complexa. Tais informações permitem traçar a trajetória composicional da unidade simbólica complexa *coagregar* e assumir:

- (i) a habilidade cognitiva da relação não processual complexa de junção (que resulta do conteúdo conceptual imanente da relação não processual complexa de agrupamento por interligação) e o arquétipo conceptual da relação de interligação como o escopo máximo de sua base conceptual; e
- (ii) a integração simbólica dos respectivos conteúdos conceptuais como o escopo mínimo de sua base conceptual.

Essa afirmação se justifica, em função da compreensão de que, isolados, tais conteúdos conceptuais constituem o plano de fundo da base conceptual da referida unidade simbólica complexa; enquanto o resultado da caracterização do valor semântico convencional, também obtido a partir das operações de perspectivização sob os referidos conteúdos conceptuais simbolicamente integrados, constitui o primeiro plano, como se observa na Figura 3.11.

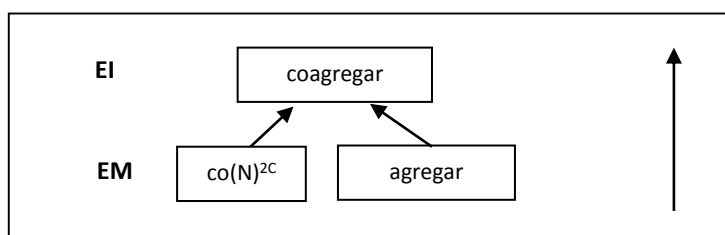


Figura 3.11 - Trajetória composicional de “coagregar”

Não foi constatada a variação *coN-/co-* em quaisquer das construções lexicais do presente conjunto. Logo, a unidade simbólica componente *co(N)-^{2C}* é tida como uma unidade simbólica simples, pois ela evoca uma relação não processual complexa de junção – que, no presente contexto e em relação ao *co(N)-^{2A}*, consiste apenas do conteúdo conceptual tido como imanente: a relação de agrupamento.

3.1.3

Juntar^{1D} (agrupamento por interligação de modo metafórico)

Todos os itens lexicais do presente grupo (cf. Apêndice IV) sofrem um processo de metaforização, entendido como o processo em que o conceptualizador se vale de conteúdos conceptuais apreendidos a partir de entidades ou situações (con-

cretas) visualizadas ou conceptualizadas de modo objetivo para poder categorizar entidades ou situações (abstratas) visualizadas ou conceptualizadas de modo subjetivo. Ou seja, apesar de não haver uma interligação física visualizada e conceptualizada de modo objetivo, o conceptualizador se vale do conhecimento acerca de uma interligação física (concreta) para categorizar uma interligação não-física (abstrata). Logo, o único *agrupamento por interligação* se dá metaforicamente, ou seja, o conceptualizador pode, a partir de uma dada cena, visualizar e conceptualizar algo abstrato que é comum aos participantes como algo que provê uma interligação entre eles – o que leva o conceptualizador a agrupá-los mentalmente.

Foram encontrados três conjuntos de casos em que a relação de junção se dá por metaforização, provida pela coincidência: (a) no estabelecimento de relações de localização temporal; (b) no estabelecimento de relações de pertencimento; (c) no delimitamento de atributos.

a) coincidência em relações de localização temporal

Tomem-se, inicialmente, as seguintes frases:

- (8) a. No tempo de Elias, posso lhes afirmar com certeza, que havia muitas viúvas em Israel, quando o céu foi fechado por três anos e meio, e grande fome ocorreu em toda a terra.²¹
- b. Mirambo e Nyungu ya Mawe foram contemporâneos. Ambos fundaram seu Estado graças aos tumultos do final do século XIX.²²

A frase (8.a) retrata uma cena em que a localização temporal de uma coisa (*havia muitas ...*) é dada em função de uma entidade (*Elias*). Enquanto a frase (8.b) retrata uma cena em que a localização espacial de duas entidades (*Mirambo e Nyungu ya Mawe*) incide no mesmo intervalo de tempo. Em função disso, o conceptualizador realiza o *agrupamento* das duas relações de localização temporal em função da coincidência de intervalo de tempo – o que faz desse intervalo de tempo

²¹ Disponível em: «<http://bibliaportugues.com/luke/4-25.htm>». Acesso em: 31 jan. 2015.

²² Disponível em: «<https://books.google.com.br/books?id=40x6CcmwLkAC&pg=PA294#v=onepage&q&f=false>». Acesso em: 31 jul. 2015.

o elo subjetificado que propicia a junção.

Como evidência desse *agrupamento*, tem-se o escaneamento sumário das duas relações de localização temporal – cada qual estabelecida entre uma das duas entidades (*Mirambo* e *Nyungu ya Mawe*) e um dado intervalo de tempo. Como evidência desse *elo*, tem-se que o escaneamento mental de cada uma dessas relações de localização espacial incide num mesmo intervalo de tempo. Nestes termos, entende-se que o conceptualizador visualiza e conceptualiza essa coincidência de relações de localização temporal como uma *relação de junção* metafórica entre tais coisas, o que lhe propicia visualizar e conceptualizar tal lugar como um *elo metaforizado*.

Logo, conclui-se que *contemporâneo* é uma unidade simbólica complexa e que sua construção se dá por meio da integração simbólica entre três unidades simbólicas simples: $co(N)^{-2D}$, *tempo* e *-âneo* (sufixo formador de adjetivos). No entanto, é o fato de os respectivos conteúdos conceptuais invocados por $co(N)^{-2D}$, *tempo* e *-âneo* serem centrais à caracterização do valor semântico convencional assumido por *contemporâneo* que propicia o reconhecimento das unidades simbólicas componentes que os evocam e, conseqüentemente, a caracterização desse item lexical como uma unidade simbólica complexa, como se observa na Figura 3.12. Essa construção segue a metáfora “Tempo é Espaço”, em que a noção de tempo é conceptualizada a partir da noção de lugar (isto é, que a noção de tempo é assumida como uma noção abstrata derivada da noção concreta de lugar); e, nesse contexto, ela assume o seguinte valor semântico convencional: *duas ou mais entidades que se localizam num mesmo intervalo de tempo*.

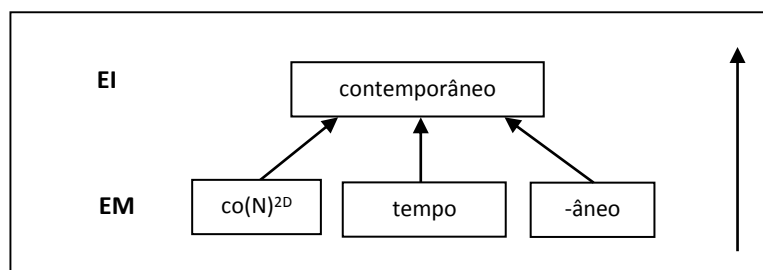


Figura 3.12 - Trajetória composicional de “contemporâneo”

Nem a presente unidade simbólica nem qualquer outra unidade simbólica deste grupo apresentou a variação $coN-/co-$. Vale ressaltar que a presença do “r” se deve ao seu étimo latino: o radical *tempor-* de “*tempus, oris*”.

b) coincidência em relações de pertencimento

Tomem-se as seguintes frases:

- (9) a. O primata é do gênero Callicebus, também conhecido como Zogue-zogue, Rabo-de-Fogo foi descoberto em 2011, motivando o início de um estudo que só foi divulgado recentemente.²³
- b. Por outro lado, Artibeus jamaicensis e A. cinereus são congêneros de notável diferença de tamanho, com *A. jamaicensis* sendo muito maior que *A. cinereus* (Emmons & Feer, 1997; Eisenberg & Redford, 1999; Ortega & Castro-Arellano, 2001) e estas sobrepuseram mais a utilização dos habitats que as espécies de *Carollia*.²⁴

A frase (9.a) retrata uma cena em que uma entidade (*Zogue-zogue*) tem os atributos que a permitem ser assumida como pertencente a uma dada categoria (*gênero*). Enquanto a frase (9.b) retrata uma cena em que duas entidades (*A. jamaicensis* e *A. cinereus*) têm atributos que as permitem ser classificadas como pertencentes a uma mesma categoria (isto é, um dado gênero comum). Em função disso, o conceptualizador realiza o *agrupamento* das duas *relações de pertencimento* em função da coincidência de *categoria* – o que faz desse *lugar em processo de abstratização* o elo subjetificado que propicia a *junção*.

Como evidência desse agrupamento, cita-se o escaneamento sumário das três relações de pertencimento – cada qual estabelecida entre uma das duas coisas (*A. jamaicensis* e *A. cinereus*) e uma dada *categoria* (um dado gênero). Como evidência desse elo, tem-se que o escaneamento mental de cada uma dessas relações de pertencimento incide numa mesma *categoria* (um dado gênero). Nesse sentido, entende-se que o conceptualizador visualiza e conceptualiza essa coincidência de relações de pertencimento como uma relação de junção metafórica entre tais coisas, o que lhe propicia visualizar e conceptualizar tal lugar como um elo metaforizado.

²³ Disponível em: <<http://www.greenme.com.br/informar-se/biodiversidade/1584-nova-especie-de-primata-e-descoberta-na-floresta-amazonica>>. Acesso em: 31 jan. 2015.

²⁴ Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/aa/v37n4/v37n4a17.pdf>> (p. 171). Acesso em: 31 jul. 2015.

Logo, conclui-se que *congenérico* é uma unidade simbólica complexa e que sua construção se dá por meio da integração simbólica entre duas unidades simbólicas simples: $co(N)^{-2D}$, *gênero* e *-ico* (sufixo formador de adjetivos). É o fato de os respectivos conteúdos conceituais invocados por $co(N)^{-2D}$, *gênero* e *-ico* serem centrais à caracterização do valor semântico convencional assumido por *congenérico* que propicia o reconhecimento das unidades simbólicas componentes que os evocam e, conseqüentemente, a caracterização desse item lexical como uma unidade simbólica complexa, como se nota na Figura 3.13. Essa construção segue a metáfora “Categoria é Contêiner”, em que a noção de categoria é conceptualizada a partir da noção de contêiner (isto é, que a noção de categoria é assumida como uma noção abstrata, derivada da noção concreta de contêiner).

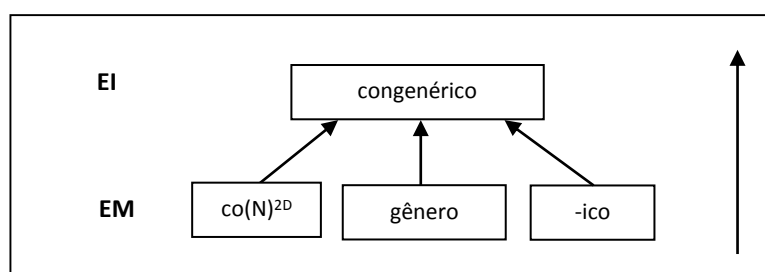


Figura 3.13 - Trajetória composicional de “congenérico”

Além desses aspectos, foi possível constatar em *congenérico* e *cogenérico* a variação $coN-/co-$, sem alteração de seu valor semântico convencional (*duas ou mais entidades que pertencem ao mesmo gênero* ou *duas ou mais entidades que são do mesmo gênero*).

c) coincidência de atributos

Tomem-se as seguintes frases:

- (10) a. H3C-C(ligação dupla em cima desse carbono oxigenio)-O-C5H11 constitui a essência de banana e pertence à função: a) Éter. b) Éster. c) Cetona. d) Aldeído.²⁵

²⁵ Disponível em: <<https://br.answers.yahoo.com/question/index?qid=20120111185849AATbQj1>>. Acesso em: 31 jan. 2015.

- b. Identidade, ou unicidade da essência [omousía seu enousía] significa que as três pessoas são coessenciais, ou da mesma essência.²⁶

A frase (10.a) retrata uma cena em que uma coisa (*H3C-C ...*) é assumida como uma *parte de um todo* (*essência*). Enquanto a frase (10.b) retrata uma cena em que três entidades (*as três pessoas*) têm uma *parte* (a *essência*) semelhante. Em função disso, o conceptualizador realiza o *agrupamento* das duas relações de parte-todo em função da coincidência de *partes* – o que faz dessa *parte em processo de abstratização* o elo subjetificado que propicia a *junção*.

Como evidência desse *agrupamento*, cita-se o escaneamento sumário das duas relações de parte-todo – cada qual estabelecida entre uma das três coisas (*as três pessoas*) e sua respectiva *parte* (a *essência*). E como evidência desse elo, tem-se que o escaneamento mental de cada uma dessas relações de parte-todo incide numa mesma *parte* (a *essência*). Nestes termos, entende-se que o conceptualizador visualiza e conceptualiza essa coincidência de relações de parte-todo como uma relação de junção metafórica entre tais coisas, o que lhe propicia visualizar e conceptualizar tal *parte* como um elo metaforizado.

Logo, conclui-se que *coessencial* é uma unidade simbólica complexa e que sua construção se dá através da integração simbólica entre três unidades simbólicas simples: *co(N)*-^{2D}, *essência* e *-al* (sufixo formador de adjetivos). É o fato de os respectivos conteúdos conceptuais invocados por *co(N)*-^{2D}, *essência* e *-al* serem centrais à caracterização do valor semântico convencional assumido por *coessencial* que propicia o reconhecimento das unidades simbólicas componentes que as evocam e, conseqüentemente, a caracterização desse item lexical como uma unidade simbólica complexa, como se observa na Figura 3.14.

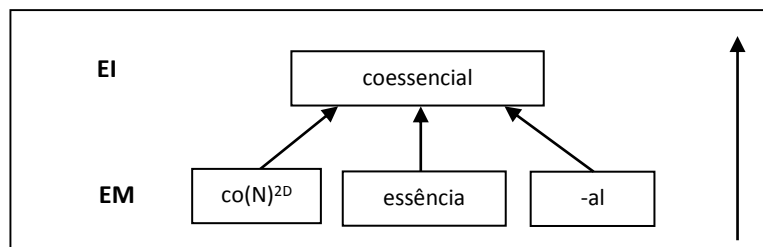


Figura 3.14 - Trajetória composicional de "coessencial"

²⁶ Disponível em: «http://www.academia.edu/11428673/As_Pessoas_da_Trindade_-_Johannes_Wollebius» (p. 3). Acesso em: 31 jul. 2015.

Nesse contexto, *coessencial* assume o valor semântico convencional de *duas ou mais entidades que possuem a mesma essência*. Essa construção lexical segue a metáfora “*Qualidade é Parte*”, em que a noção de *qualidade* é conceptualizada a partir da noção de parte (do arquétipo conceptual de parte-todo); ou ainda, que a noção de *qualidade* é assumida como uma noção abstrata derivada da noção concreta de *parte*. Apesar de não ter sido constatada em *coessencial* a variação coN-/co-, ela pôde ser observada em outras unidades simbólicas (*consustancial* e *cosustancial*) do presente grupo, sem que houvesse alteração de seu valor semântico convencional (*duas ou mais entidades que possuem a mesma substância*).

3.2 Reciprocidade^{1A}

O estudo do presente grupo (cf. Apêndice V) se dá a partir da análise das unidades simbólicas *bater* e *combater*, com o intuito de verificar o estabelecimento de conexões lexicais entre elas. Com base nesse direcionamento, tomam-se, inicialmente, as seguintes frases:

- (11) a. Lutador que **bateu** em ladrões volta ao ringue com nocaute relâmpago.²⁷
 b. Durante mais de cem anos católicos e protestantes **combateram-se** – combateram-se literalmente, em guerras.²⁸

A frase (11.a) retrata a cena em que um agente (um *lutador*) realiza a ação de *bater* (aplicar um golpe de luta) em dados pacientes (*ladrões*). Enquanto a frase (11.b) retrata uma cena em que os dois grupos de agentes (*católicos* e *protestantes*) realizam a ação de *bater*, de modo bilateral (ou seja, bilateralmente); ou seja, um católico aplica um golpe de luta em um protestante e esse protestante aplica um golpe de luta no mesmo católico). Em função disso, o conceptualizador realiza o *agrupamento* dessas *ações* em função da bilateralidade instaurada no contexto –

²⁷ Disponível em: «http://www.lancenet.com.br/minuto/ladros-EUA-lutador-nocaute-relampago_0_1199880119.html». Acesso em: 31 jul. 2015.

²⁸ Disponível em: «<https://books.google.com.br/books?id=F8onIHP5D1wC&pg=PT20#v=onepage&q&f=false>». Acesso em: 31 jul. 2015.

o que faz dessa bilateralidade um elo subjetificado que propicia a *junção* dessas *ações*, devido ao fato de esse ser o aspecto (assumido como um elo subjetificado) que une as duas ações num evento maior.

Como evidência desse *agrupamento*, cita-se o escaneamento sumário dessas *ações*. Como evidência desse elo subjetificado, tem-se que essas *ações* unilateralmente escaneadas – em que tais participantes assumem ora o papel de agente, ora o papel de paciente – passa a ser assumidas como um único evento. Nestes termos, entende-se que o conceptualizador visualiza e conceptualiza essa bilateralidade como um elo subjetificado e este, por sua vez, é subsumido por uma relação de junção subjetificada, propiciando assim a junção entre tais ações.

Porém, ao invés de perfilar a relação processual de *juntar as ações em função da bilateralidade*, o conceptualizador perfila o *modo recíproco como tais ações são realizadas*. Essa reanálise semântica afeta a estrutura morfológica dessa relação processual, impedindo-a de ser assumida como uma unidade simbólica complexa (fruto da integração simbólica entre $co(N)^{-2B}$ e *bater*) e levando-a a ser assumida como uma unidade simbólica degenerada (*combater*). Logo, é o fato de sofrer discrepância de perfilamento/zona ativa (em que se toma o modo pela ação) que faz os respectivos conteúdos conceptuais invocados, inicialmente, por $co(N)^{-2B}$ e *bater* deixarem de ser centrais à caracterização desse primeiro valor semântico convencional assumido por *combater*.

Assim sendo, a instauração da *discrepância de perfilamento/zona ativa* não propiciaria o reconhecimento das unidades simbólicas componentes e tampouco a caracterização de *combater* como uma unidade simbólica complexa, tomando como base esse primeiro valor semântico convencional. Nestes termos, seria possível concluir que *combater* é uma unidade degenerada, resultante de seu próprio processo de integração simbólica entre $co(N)^{-2B}$ e *bater*. No entanto, a recorrência de situações em que o conceptualizador toma *o modo como tais ações são realizadas* ao invés de *a ação de juntar as ações em função da bilateralidade* – como se nota em *compartilhar*, *compartilhar*, *compartilhar*, etc. – é que permite assumir, nesses contextos, a noção de *reciprocidade* como valor semântico convencional evocado pelo $co(N)^{-3A}$ e a noção de *ação realizada de modo recíproco* como valor semântico convencional evocado pelas referidas construções lexicais.

3.2.1 Reciprocidade^{1B} (de modo subjetificado)

Todos os itens lexicais do presente grupo (cf. Apêndice VI) sofrem um novo processo de subjetificação. Por meio dessa etapa, o conceptualizador visualiza e conceptualiza uma dada relação como uma bilateralidade subjetificada. Isto é, não há ação bilateral visualizada e conceptualizada de modo objetivo, para que se possa visualizar e conceptualizar objetivamente o modo como tal ação é realizada como uma reciprocidade; tampouco há, de fato, a formação de um grupo, para que se possa visualizar e conceptualizar objetivamente tal ação como uma relação de agrupamento. O único agrupamento por interligação que ocorre, bem como a única bilateralidade detectada, dá-se mentalmente; ou seja, na mente do conceptualizador que, a partir de uma dada cena, pode visualizar e conceptualizar um estado comum entre os participantes como algo que provê uma bilateralidade entre eles – o que leva o conceptualizador a agrupá-los mentalmente.

Foram encontrados dois conjuntos de casos em que a relação de bilateralidade e a relação de junção se dão por subjetificação, a saber: (a) contiguidade de relações de localização espacial; e (b) coincidência de regiões periféricas.

a) contiguidade espacial como bilateralidade

Tomem-se, inicialmente, as seguintes frases:

- (12) a. Diz-se com exatidão: ‘O Tribunal fica em frente à praça’ (ou da praça), ou ‘na frente da praça’²⁹
- b. Os prédios de número setenta e setenta e dois confrontam entre si.³⁰

A frase (12.a) retrata a cena em que a localização espacial determinada coisa (*o Tribunal*) é dada em função de outra (*a praça*). A frase (12.b) retrata uma cena em que a localização espacial de uma coisa (*o prédio de número setenta*) é dada em

²⁹ Disponível em: «<http://www.migalhas.com.br/Gramatigalhas/10,MI4566,51045-Frente+a>». Acesso em: 31 jan. 2015.

³⁰ Disponível em: «<http://www.jusbrasil.com.br/diários/2350830/>». Acesso em: 31 jul. 2015.

função de outra (*o prédio de número setenta*), e vice-versa, o que gera uma bilateralidade entre eles, dada pela contiguidade de localizações espaciais. Em função disso, o conceptualizador visualiza e conceptualiza essa bilateralidade como um elo subjetificado e este, por sua vez, é subsumido por uma relação de junção subjetificada, propiciando, assim, a junção entre tais localizações espaciais. Isto é, a visualização e a conceptualização dessa contiguidade espacial como uma bilateralidade propicia ao conceptualizador assumir esta última como um elo subjetificado e, conseqüentemente, visualizar e conceptualizar a contiguidade espacial entre tais coisas (*o prédio de número setenta* e *o prédio de número setenta e dois*) como um agrupamento subjetificado, provido por tal elo.

Porém, ao invés de perfilar a relação processual de *juntar as localizações espaciais em função da bilateralidade*, o conceptualizador passa a perfilar o *modo recíproco como tais localizações espaciais são traçadas*, já que uma coisa fica de frente para a outra. Essa reanálise semântica afeta a estrutura morfológica da relação processual, passando, assim, de *co(N)-X-ar* para *co(N)-X*. Logo, é o fato de sofrer uma discrepância de perfilamento/zona ativa (em que se toma o modo pela ação) que faz os respectivos conteúdos conceptuais invocados, inicialmente, por *co(N)-^{2B}*, *fronte* e *-ar* deixarem de ser centrais à caracterização desse primeiro valor semântico convencional assumido por *confrontar*.

Assim sendo, a instauração da *discrepância de perfilamento/zona ativa* não propiciaria o reconhecimento das unidades simbólicas componentes e tampouco a caracterização de *confrontar* como uma unidade simbólica complexa, tomando como base esse primeiro valor semântico convencional. Nestes termos, conclui-se que *confrontar* é uma unidade degenerada, resultante de seu próprio processo de integração simbólica entre *co(N)-^{2B}*, *fronte* e *-ar*, como se nota abaixo:

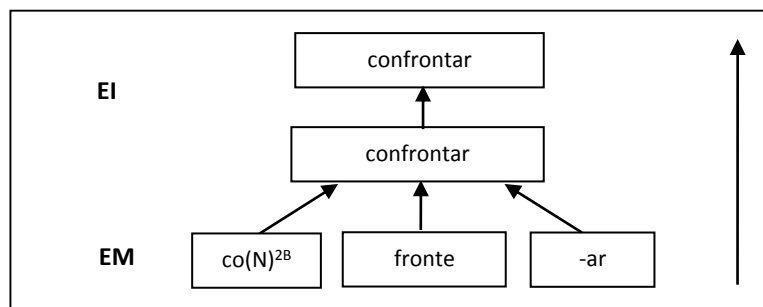


Figura 3.15 - Trajetória composicional de “confrontar”

b) coincidência de regiões periféricas como bilateralidade

Tomem-se as seguintes frases:

- (13) c. Jaguarão marca o final do Brasil, ao se atravessar o rio de mesmo nome, por uma ponte antiga, que destoa do acanhamento de Jaguarão (lado brasileiro) e Rio Branco (lado uruguaio).³¹
- d. Recentemente os dois países, que se confinam, estão ligados por duas longas e sangrentas guerras civis.³²

A partir da frase (13.d), entende-se que, além de visualizar e conceptualizar as respectivas zonas limítrofes de dois lugares (*os dois países*) que incidem numa mesma região como uma coincidência de localização espacial entre elas, o conceptualizador visualiza e conceptualiza tal coincidência como uma bilateralidade subjetificada entre tais lugares. Em função disso, o conceptualizador visualiza e conceptualiza essa bilateralidade como um elo subjetificado e este, por sua vez, é subsumido por uma relação de junção subjetificada, propiciando, assim, a junção entre tais coisas (neste caso, *os dois países*). Isto é, a visualização e a conceptualização dessa coincidência de regiões periféricas como uma bilateralidade propicia ao conceptualizador assumir esta última como um elo subjetificado e, consequentemente, visualizar e conceptualizar essa coincidência entre tais coisas (*os dois países*) como um *agrupamento subjetificado*, provido por tal elo.

Porém, ao invés de perfilar a relação processual de *juntar as regiões periféricas em função da bilateralidade*, o conceptualizador passa a perfilar o *modo recíproco como tais regiões periféricas são traçadas*, já que a região periférica de uma incide na mesma região que a da outra. Essa reanálise semântica afeta a estrutura morfológica da relação processual, passando de *co(N)-X-ar* para *co(N)-X*. Logo, é o fato de sofrer uma discrepância de perfilamento/zona ativa (em que se toma o *modo pela ação*) que faz os respectivos conteúdos conceptuais invocados, inicialmente, por *co(N)*-^{2B}, *fim* e *-ar* deixarem de ser centrais à caracterização desse pri-

³¹ Disponível em: «http://pdtcanoas.blogspot.com.br/2010_03_28_archive.html». Acesso em: 31 jan. 2015.

³² Disponível em: «<http://www.fides.org/pt/news/pdf/17457>» (p. 1). Acesso em: 31 jul. 2015.

meiro valor semântico convencional assumido por *confinar*.

Assim sendo, a instauração da discrepância de perfilamento/zona ativa não propiciaria o reconhecimento das unidades simbólicas componentes e tampouco a caracterização de *confinar* como uma unidade simbólica complexa, tomando como base esse primeiro valor semântico convencional. Logo, conclui-se que *confinar* é uma unidade degenerada, resultante de seu próprio processo de integração simbólica entre $co(N)^{2B}$, *fim* e *-ar*, como se nota figura abaixo (cf. Figura 3.16). No entanto, a recorrência de situações em que o conceptualizador toma *o modo como tais ações são realizadas* ao invés de *a ação de juntar ações em função da bilateralidade* – como se observa em *confinar* – é que permite assumir, nesses contextos, a *reciprocidade* como valor semântico convencional evocado pelo $co(N)^{3B}$ e a noção de *parte final estabelecida de modo recíproco* como valor semântico convencional evocado pela referida construção lexical.

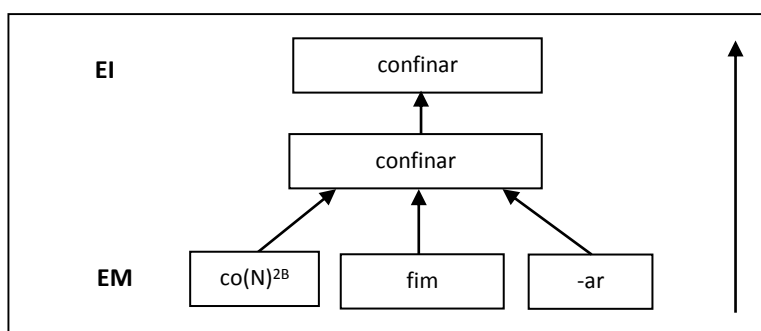


Figura 3.16 - Trajetória composicional de “confinar”

3.3 Simultaneidade

Tomem-se as seguintes frases:

(14) a. E quando eu pensei que tudo fosse acontecer, a campanha soou pela sala.³³

b. As buzinas consoavam no engarrafamento.³⁴

³³ Disponível em: «<https://books.google.com.br/books?id=VmRQBQAAQBAJ&pg=PA236#v=onepage&q&f=false>». Acesso em: 31 jul. 2015.

³⁴ Disponível em: «<http://www.aulete.com.br/consoar>». Acesso em: 31 jul. 2015.

A frase (14.a) retrata a cena em que um paciente (o próprio conceptualizador) percebe um som proveniente de um instrumento (a *campanhia*). Enquanto a frase (14.b) retrata uma cena em que um paciente (o próprio conceptualizador) percebe vários sons provenientes de vários instrumentos (as *buzinas* dos carros), acontecendo ao mesmo tempo. Assim sendo, o conceptualizador realiza o *agrupamento* dessas *ações* em função da simultaneidade (mesmo intervalo de tempo) em que tais sons ecoam – o que faz dessa simultaneidade um elo subjetificado que propicia a *junção* dessas *ações*.

Como evidência desse *agrupamento*, tem-se o escaneamento sumário dessas *ações*. Como evidência desse elo, tem-se o fato de que cada uma dessas *ações* mentalmente escaneadas incidem no mesmo intervalo de tempo. Nestes termos, é válido dizer que o conceptualizador visualiza e conceptualiza essa simultaneidade como um elo subjetificado e este, por sua vez, é subsumido por uma relação de *junção* subjetificada, propiciando assim a *junção* entre tais *ações*.

Porém, ao invés de perfilar a relação processual de *juntar ações em função da simultaneidade*, o conceptualizador passa a perfilar o *modo simultâneo como tais ações são realizadas*. Essa reanálise semântica afeta a estrutura morfológica dessa relação processual, impedindo-a de ser assumida como uma unidade simbólica complexa (fruto da integração simbólica de *co(N)-* e *soar*) e levando-a a ser assumida como uma unidade simbólica degenerada (*consoar*). Logo, é o fato de sofrer uma discrepância de perfilamento/zona ativa (em que se toma o modo pela ação) que faz os respectivos conteúdos conceptuais invocados por *co(N)-^{2D}* e *soar* deixarem de ser centrais à caracterização desse primeiro valor semântico convencional assumido por *consoar*.

Assim sendo, a instauração da discrepância de perfilamento/zona ativa não propiciaria o reconhecimento das unidades simbólicas componentes e tampouco a caracterização de *consoar* como uma unidade simbólica complexa, tomando como base esse primeiro valor semântico convencional. Nestes termos, seria possível concluir que *consoar* é uma unidade degenerada, resultante de seu próprio processo de integração simbólica entre *co(N)-^{2D}* e *soar*. No entanto, a recorrência de situações em que o conceptualizador toma *o modo como tais ações são realizadas* ao invés de *a ação de juntar ações em função da simultaneidade* – como se observa em *convibrar*, *consurgir*, etc. – é que permite assumir, nesses contextos, a *simul-*

taneidade como valor semântico convencional evocado pelo $co(N)$ -^{4A} e a noção de *ação realizada de modo simultâneo* como valor semântico convencional evocado pelas referidas construções lexicais.

3.4 Igualdade de status

O estudo do presente grupo se dá a partir da análise das unidades simbólicas *causa* e *concausal*, com o intuito de verificar o estabelecimento de conexões lexicais entre elas. Com base nesse direcionamento, tomam-se, inicialmente, as seguintes frases:

- (15) a. Xixi é a **causa** dos olhos vermelhos pós-piscina, informa órgão dos EUA³⁵
 b. Na resposta aos quesitos do Juízo, o especialista acima referido disse: a) Que a prestação de serviços do reclamante à reclamada, na função de cortador de cana, igualmente associada às atividades braçais prévias por longos períodos como trabalhador rural, são fatores **concausais** determinantes para o estado de saúde atual do trabalhador (fl. 287);³⁶

A frase (15.a) retrata uma cena em que uma coisa (*xixi*) tem os atributos que a permitem ser classificada como um dado tipo de coisa (*causa*), etc. Enquanto a frase (15.b) retrata uma cena em que uma coisa (*a prestação de serviços ...*) tem também os atributos que a permitem ser classificada como *causa* de um mesmo estado (*a saúde atual do trabalhador*), assim como o é outra coisa (*as atividades braçais prévias ...*). Contudo, o que estabelece a ligação entre eles é o fato de assumirem o mesmo *status* em relação a um dada situação; ou seja, as duas coisas são causas concorrentes do referido *estado*, o que propicia o estabelecimento de uma coincidência de *status* entre elas. Em função disso, o conceptualizador visualiza e conceptualiza essa coincidência de *status* como um elo subjetificado entre tais coisas, o que propicia o seu agrupamento subjetificado.

³⁵ Disponível em: <<http://noticias.uol.com.br/saude/ultimas-noticias/redacao/2015/06/25/xixi-e-a-causa-dos-olhos-vermelhos-pos-piscina-informa-orgao-dos-eua.htm>>. Acesso em: 31 jan. 2015.

³⁶ Disponível em: <<http://www.jusbrasil.com.br/diarios/53145015/trt-19-15-04-2013-pg-87>>. Acesso em: 31 jul. 2015.

Porém, ao invés de perfilar a relação processual de *juntar ações em função da igualdade de status*, o conceptualizador passa a perfilar o *modo de conceber como semelhantes os status das coisas, em relação a uma dada entidade ou situação*. Essa reanálise semântica afeta a estrutura morfológica da relação processual, passando de *co(N)-X-al* para *co(N)-X*. Logo, é o fato de sofrer uma discrepância de perfilamento/zona ativa (em que se toma o *modo* pela *ação*) que faz os respectivos conteúdos conceptuais invocados, inicialmente, por *co(N)*-^{2D}, *causa* e *-al* deixarem de ser centrais à caracterização do valor semântico convencional assumido por *concausal*.

Assim sendo, a instauração da discrepância de perfilamento/zona ativa não propiciaria o reconhecimento das unidades simbólicas componentes e tampouco a caracterização de *concausal* como uma unidade simbólica complexa, tomando como base esse primeiro valor semântico convencional. Nestes termos, seria possível concluir que *concausal* é uma unidade degenerada, resultante de seu próprio processo de integração simbólica entre *co(N)*-^{2D}, *causa* e *-al*. No entanto, a recorrência de situações em que o conceptualizador toma o *modo de conceber como semelhantes o status das coisas* ao invés de a *ação de juntar coisas com status semelhantes* – como se observa em *comorbidade*, *coomologia*, etc. – é que permite assumir, nesses contextos, o modo *igualmente* como valor semântico convencional evocado pelo *co(N)*-^{5A} e a noção de *ser igualmente X para/de como* valor semântico convencional evocado pelas referidas construções lexicais.

3.5 Ação conjunta

O estudo do presente grupo se dá a partir da análise das unidades simbólicas *criar* e *concriar*, com o intuito de verificar a possibilidade de estabelecimento de conexões lexicais entre elas. Com base nesse direcionamento, tomam-se, inicialmente, as seguintes frases:

(16) a. Um Indiano de 16 Anos Criou um Aparelho que Transforma Respiração

em Palavras³⁷

- b. A ênfase “barroca” das anotações que percorri sobre a história dos afro-baianos que **concriaram** o Terreiro da Casa Branca deixaria de fora observações importantes de processos similares àqueles ocorridos na Barroquinha, identificados em diferentes pontos do Atlântico.³⁸

A frase (16.a) retrata uma cena em que um agente (*um indiano de 16 anos*) faz uma coisa (*um aparelho que ...*) passar a existir. Assim sendo, entende-se que tal situação codifica linguisticamente uma relação de criação. Essa, por sua vez, consiste de várias ações (tidas como suas etapas) que, juntas, culminam na criação de algo. Por ser uma caracterização concreta e válida apenas para as experiências ancoradas nesse domínio, tal situação é visualizada e conceptualizada por meio da arquétipo conceptual da relação de criação.

Por sua vez, a frase (16.b) retrata uma cena em que dois ou mais agentes (*os afro-baianos*) atuam, de modo conjunto, na ação de *criar o Terreiro da Casa Branca*. Isto é, os agentes realizam, de modo conjunto, *subações* (ou *subeventos*) que culminam numa ação maior (*criar o Terreiro da Casa Branca*). Logo, conclui-se que *concriar* é uma unidade simbólica complexa e que sua construção se dá por meio da integração simbólica entre duas unidades simbólicas simples: *co(N)*-^{2D} e *criar*.

É o fato de os respectivos conteúdos conceptuais invocados por *co(N)*-^{2D} e *criar* serem centrais à caracterização do valor semântico convencional assumido por *concriar* que propicia (i) o reconhecimento das unidades simbólicas componentes que os evocam e, conseqüentemente, (ii) a caracterização desse item lexical como uma unidade simbólica complexa, como se observa na Figura 3.17. Vale ressaltar que foi constatada variação *coN-/co-* em *concriar* e *cocriar*, sem alteração de seu valor semântico convencional (*realizar, de modo conjunto, a ação de criar algo*). Logo, a unidade simbólica componente *co(N)*-^{6A} é uma unidade simbólica degenerada, já que ela sozinha evoca a noção de *realizar, de modo conjunto, uma dada ação*.

³⁷ Disponível em: «http://motherboard.vice.com/pt_br/read/um-indiano-de-16-anos-criou-um-aparelho-que-transforma-respiracao-em-palavras». Acesso em: 31 jul. 2015.

³⁸ Disponível em: «<http://www.ppgcs.ufba.br/site/db/trabalhos/RafaelSoares.pdf>» (p. 72). Acesso em: 31 jul. 2015.

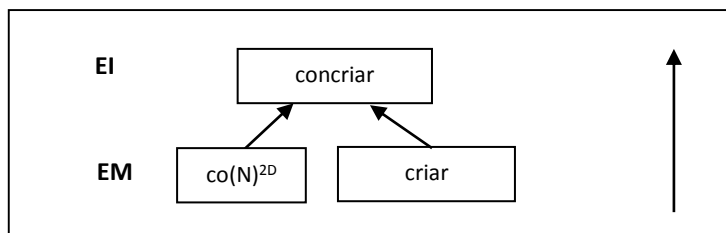


Figura 3.17 - Trajetória composicional de "concriar"

Como foi possível notar, o *co(N)-* é uma unidade simbólica polissêmica e pode integrar dois tipos de estrutura: *co(N)-X-ar/co(N)-X-ir* e *co(N)-X*.

4 Conclusões

4.1 Síntese dos resultados

Com base nas análises das unidades simbólicas construídas com o *co(N)-*, foi possível reconhecer não apenas os sentidos abarcados por esse prefixo e a consolidação do esquema *co(N)-X*, mas também a distinção de seu uso em relação ao uso do *com* (preposição). Como foi visto na seção 3.1, o uso da preposição está ligada a um fenômeno conhecido como *discrepância de perfilamento/zona ativa*. Através dele é possível perceber que só uma porção do que é evocado passa a ser perfilada.

Assim sendo, é possível dizer que: por meio do *com* (preposição), o conceptualizador perfila o ato pela ação; por meio do prefixo *co(N)-* o conceptualizador perfila o modo como tal ação se dá – quer seja esse modo visualizado e conceptualizado objetivamente (como na seção 3.1) ou subjetivamente (como nas seções 3.2, 3.3, 3.4 e 3.5). Além disso, nota-se que o *co(N)-* pode também perfilar uma ação – quer seja objetivamente (como na seção 3.1) ou subjetivamente (como nas seções 3.1.1, 3.1.2 e 3.1.3). Este último, certamente, é o protótipo, na medida em que seu conteúdo conceptual se espalha para todos os demais sentidos do *co(N)-*, estabelecendo com eles uma rede de relações.

Em função disso, dentre os sentidos assumidos pela referida unidade simbólica mínima, é possível citar:

- (i) juntamente (como em *conjungir*^{1A})
- (ii) agrupamento por interligação (como em *conjungir*^{2A}, *coligar*, *conglutinar*)
- (iii) reciprocidade (como *combater*, *compartilhar*, *compartilhar*)
- (iv) simultaneidade (como *consoar*, *convibrar*, *consurgir*),
- (v) igualdade de status (como *concausal*, *coessencial*, *consustancial*)
- (vi) ação conjunta (como *concriar*, *coeducar*, *coproduzir*)

Como foi visto na seção 3.1, o segundo sentido evocado pelo *co(N)-* – repre-

sentado aqui como $co(N)^{-2A}$ torna-se um arquétipo conceptual, na medida em que ele se fundamenta num domínio da experiência específico: um domínio em que a formação de um agrupamento se dá por meio da interligação de suas partes.

Devido ao fato de tal sentido funcionar como um protótipo, é possível observar o processo de atenuação conceptual sofrido por ele, traçando uma rota que o leva do *status* de um arquétipo conceptual para o *status* de uma habilidade cognitiva (conjunto de conteúdos conceptuais assumidos como aquilo que é imanente, devido ao fato de se configurarem como algo remanescente, mesmo em sentidos mais esquemáticos). O caminho que leva de um status ao outro passa pelo fenômeno conhecido como subjetificação. A partir dele, um conceptualizador inicia o processo de atenuação conceptual, deixando como remanescentes os conteúdos conceptuais que ajudam a montar a rede de sentidos atribuídas quer seja a uma unidade simbólica mínima, como o $co(N)^{-}$, quer seja a uma unidade simbólica complexa – como o próprio padrão resultante de tais construções lexicais.

No tocante aos sentidos subjetificados do $co(N)^{-2A}$, foi possível identificar:

- (a) coincidência em relações de localização espacial (como *coplanar*)
- (b) coincidência no delineamento de regiões centrais (como *concêntrico*)
- (c) coincidência no delineamento de regiões periféricas (como *confinar*);
- (d) coincidência em relações de localização temporal (como *contemporâneo*);
- (e) coincidência em relações de pertencimento (como *congenérico*);
- (f) coincidência de atributos (como *coessencial*);

Vale acrescentar que, por serem subjetificados, as ações e os estados que constituem tais grupos são visualizados e conceptualizados de modo fictivo (tem sua existência ou ocorrência apenas no plano mental) – inclusive as instanciações providas pelos outros sentidos (iii, iv, v, vi) citados anteriormente. Desse modo, uma instanciação provê acesso a outra; ou seja, um sentido provê acesso a outro – princípio no qual se baseia o modelo de rede. Assim, vale ressaltar que certos sentidos subjetificados provêm acesso a outros sentidos, a saber:

- (i) a *coincidência no delineamento das regiões periféricas* dá acesso ao sentido de *reciprocidade*;
- (ii) a *coincidência em relações de localização temporal* dá acesso ao sentido de *simultaneidade*;
- (iii) a *coincidência de atributos* dá acesso ao sentido de *igualdade de status*;

Apesar de não ter sido encontrado um sentido subjetificado que estabeleça

uma ligação entre o sexto sentido e o segundo – o $co(N)^{-2A}$ –, é possível verificar que ela se efetiva. Uma das evidências reside no fato de as construções lexicais que evocam o sexto sentido serem fruto de subjetificação, já que o agrupamento dos *agentes* que realizam colaborativamente dada ação é visualizado e conceptualizado de modo subjetivo. A outra evidência reside no fato de essa ação colaborativa propicia uma espécie de elo entre seus referidos agentes.

Além disso, entende-se que *realizar uma ação de modo conjunto* significa realizá-la *em companhia de*. É como se a realização de tal ação levasse as entidades a trabalharem de modo interligado: uma entidade pode completar o que a outra começou; uma pode auxiliar a outra, numa mesma tarefa; etc. Assim sendo, a rede de sentidos obedece a essa orientação.

Dado ao fato de integrar-se a verbos de ação, delimitando o modo como tais ações se dão, é compreensível que grande parte de seus sentidos se configure como uma relação não processual complexa (isto é, um advérbio de modo). A natureza dessas relações permite gerar o esquema $co(N)-X$, uma vez que o $co(N)-$ passa a evocar o modo que afeta a unidade simbólica X, como um todo. Isso corrobora a afirmação de que, na passagem de um sentido para outro – de $co(N)^{-2B}$ para $co(N)^{-3A}$, de $co(N)^{-2D}$ para $co(N)^{-4A}$ e de $co(N)^{-2B}$ para $co(N)^{-5A}$ – as estruturas com $co(N)^{-2B}$ sofrem uma reanálise, passando de uma estrutura com circunfixo, $co(N)-X-ar/co(N)-X-ir$, para uma estrutura com prefixo, $co(N)-X$.

No entanto, na passagem de $co(N)^{-2A}$ para os sentidos $co(N)^{-2B}$, $co(N)^{-2C}$ e $co(N)^{-2D}$, o esquema das construções continua assumindo a mesma configuração. Assim sendo, em função de sua recorrência das duas estruturas, é possível dizer que as unidades simbólicas construídas com o prefixo $co(N)-$ provêm a obtenção e a consolidação de dois tipos de esquemas: $co(N)-X-ar/co(N)-X-ir$ e $co(N)-X$.

4.2

O modelo de rede para as construções lexicais com $co(N)-$

De acordo com o modelo de rede apresentado na seção 2.2.8, é possível estabelecer uma hierarquia de sentidos, tal que todos os sentidos evocados por determinada unidade simbólica encontram-se relacionados por meio de uma rede.

Com base nesse preceito, foi organizada a rede polissêmica do *co(N)-*, partindo das construções resultantes do processo de circunfixação, formado pelo *co(N)-* com o sufixo *-ar* (em *conglutinar* e *conjuguar*) ou com o sufixo *-ir* (em *conjugir*^{1B}); até as construções resultantes do processo de prefixação. Dos referidos conjuntos de unidades simbólicas, foi possível abstrair dois esquemas construcionais: o primeiro esquema consiste em *co(N)-X-ar* e/ou *co(N)-X-ir*; e o segundo consiste em *co(N)-X*.

Assumir que o *co(N)-* evoca uma relação processual complexa e dinâmica de *junção* (isto é, de *agrupamento por interligação*) gera duas hipóteses alternativas: (i) ele é uma unidade simbólica que assume a configuração de relação processual complexa (isto é, verbo); ou (ii) ele é uma unidade simbólica que se liga a outras para poder assumir tal configuração. Descarta-se a primeira, devido ao fato de o *co(N)-* não apresentar unidade simbólica componente que caracterize a relação de junção evocada como uma relação processual complexa e também por ele sozinho não caracterizar como tal tipo de relação. A segunda é plausível, pois, se, por ventura, a relação de junção não se configurar como um verbo, ela pode se caracterizar como uma preposição (que pode ser uma relação não-processual simplexa ou complexa) ou como um advérbio (isto é, uma relação não-processual complexa).

Ao ter em mente a afirmação de vários pesquisadores de que os prefixos do Português são oriundos das preposições latinas, entende-se o porquê de um grande número de construções lexicais com o *co(N)-* resultar de um processo de circunfixação, pois, sendo oriunda de preposição (que é uma relação não-processual), tal unidade simbólica precisaria juntar-se a uma outra (isto é, os sufixos formadores de verbo *-ar* ou *-ir*) que evocasse o arquétipo conceptual de relação processual complexa. Contudo, enquanto o circunfixo formado pelo *co(N)-* e um dos sufixos formadores de verbo dá conta de invocar uma parte do conteúdo conceptual (isto é, relação processual de agrupamento por interligação), a unidade simbólica representada como X em *co(N)-X-ar* ou *co(N)-X-ir* invoca o arquétipo conceptual de elo – noção que provê acesso à visualização e à conceptualização do arquétipo conceptual de relação de interligação. Assim sendo, parte do arquétipo conceptual é instanciada pelo circunfixo e a outra parte é instanciada pela a unidade simbólica representada como X nos referidos esquemas construcionais. É por esse motivo que as construções lexicais *conjugir*^{2A}, *coligar* e *conglutinar* são consideradas

como prototípicas, já que, a partir de *jugo*, *ligame* e *glúten* (ou *substância glutinosa*) – *coisas* que invocam o arquétipo conceptual de elo –, o conceptualizador visualiza e conceptualiza de modo objetivo o elo que propicia a instauração da relação de interligação.

Diante do presente quadro, é possível assumir que, ao sofrer a primeira etapa do processo de atenuação conceptual, a *relação de junção* (isto é, a relação de agrupamento por interligação) passa a ser visualizada e conceptualizada de modo subjetificado, já que seu valor semântico convencional é caracterizado a partir do conceito configuracional da relação de junção. Ou seja, tanto a interligação quanto o agrupamento provido por essa interligação se dão de modo fictivo (ou seja, apenas na mente do conceptualizador). Assim sendo, a partir das unidades simbólicas *complanar*, *concêntrico*, *confinal*, etc. (cf. Apêndice II), é possível notar que a relação de agrupamento por interligação é visualizada e conceptualizada de modo subjetivo. Consequentemente, as referidas unidades simbólicas são assumidas como uma extensão (esquemática) do arquétipo conceptual da relação de junção.

Ao sofrer a segunda etapa do processo de atenuação conceptual, a *relação de junção* passa a ser visualizada e conceptualizada de modo totalmente esquematizado, já que seu valor semântico convencional é caracterizado a partir da habilidade cognitiva da relação de junção. Assim sendo, a partir das unidades simbólicas *colocar*, *conglumar*, *coagregar*, etc. (cf. Apêndice III), é possível notar que a relação de agrupamento por interligação é visualizada e conceptualizada de modo esquemático. Consequentemente, as referidas unidades simbólicas são assumidas como uma extensão (esquemática) do conceito configuracional da relação de junção.

Além de tais etapas de esquematização, a *relação de junção* pode também ser visualizada e conceptualizada de modo metaforizado, já que seu valor semântico convencional é caracterizado a partir do processamento metafórico da relação de junção, sobretudo do elo. Assim sendo, a partir das unidades simbólicas *contemporâneo*, *congenérico*, *coessencial*, etc. (cf. Apêndice IV), pode-se notar que o *elo* – provedor do acesso à relação de interligação (que, por sua vez, provê acesso à relação de agrupamento por interligação) – é visualizado e conceptualizado de modo metaforizado. Logo, as referidas unidades simbólicas são assumidas como uma extensão (esquemática) do arquétipo conceptual da relação de junção.

Na esteira do processo de extensão, observa-se que a *relação de junção* pode sofrer discrepância de perfilamento/zona ativa, passando a tomar o *modo como*

o conceptualizador visualiza e conceptualiza o desenrolar de um evento pelo evento que é visualizado e conceptualizado pelo conceptualizador. Assim sendo, a partir das unidades simbólicas *combater, confrontar, confinar*, etc. (cf. Apêndices V e VI), pode-se notar que o conceptualizador toma a *reciprocidade* pela *ação/estado* (respectivamente, pela ação de *bater*, pelo estado de *um estar de frente para o outro* e pelo estado de *um estabelecer a região final do outro*). Logo, a recorrência de situações em que o conceptualizador toma o *modo recíproco* como tais ações são realizadas ao invés de a ação de *juntar ações em função da bilateralidade* causa uma reanálise semântica da estrutura desses itens lexicais, de tal modo que o *co(N)-* passa a assumir o valor semântico convencional de *reciprocidade*, o esquema construcional passa de *co(N)-X-ar/co(N)-X-ir* para *co(N)-X* e as construções lexicais passam a assumir o valor semântico convencional de *ação realizada de modo recíproco*.

O conceptualizador pode também submeter o conteúdo conceptual evocado pelas construções lexicais com o *co(N)-* à discrepância de perfilamento/zona ativa para tomar outros *modos como o conceptualizador visualiza e conceptualiza o desenrolar de um evento*: (i) simultaneidade; (ii) identidade de status; e (iii) ação conjunta. A partir das unidades simbólicas *consoar, consurgir, convibrar*, etc. (cf. Apêndice VII), pode-se notar que o conceptualizador toma a *simultaneidade* pela *ação/estado* (respectivamente, pelas ações de *soar, surgir* e *vibrar*). Logo, a recorrência de situações em que o conceptualizador toma o *modo simultâneo* como tais ações são realizadas ao invés de a ação de *juntar ações em função da simultaneidade* causa uma reanálise semântica da estrutura dessas unidades simbólicas, de tal modo que o *co(N)-* passa a assumir o valor semântico convencional de *simultaneidade*, o esquema construcional passa de *co(N)-X-ar/co(N)-X-ir* para *co(N)-X* e as construções lexicais passam a assumir o valor semântico convencional de *ação realizada de modo simultâneo*.

Por sua vez, a partir das unidades simbólicas *concausal, coessencial, substancial*, etc. (cf. Apêndice VIII), pode-se notar que o conceptualizador toma a *igualdade de status* pelo *estado* (respectivamente, pelo estado de *ser a causa de, ser essencial para* e *ser substancial para*). Logo, a recorrência de situações em que o conceptualizador toma o *modo de conceber como iguais o status de duas ou mais coisas* ao invés de ação de *juntar estados em função da igualdade de status entre eles* causa uma reanálise semântica da estrutura desses itens lexicais, de tal modo

que o *co(N)-* passa a assumir o valor semântico convencional de *igualmente*, o esquema construcional passa de *co(N)-X-ar/co(N)-X-ir* para *co(N)-X* e as construções lexicais passam a assumir o valor semântico convencional de *ser igualmente X de/para*.

Por fim, a partir das unidades simbólicas *concriar*, *coescrever*, *coorientar*, etc. (cf. Apêndice IX), pode-se notar que o conceptualizador toma o *modo conjunto* pela *ação* (respectivamente, pelas ações de *criar*, *escrever* e *orientar*). Logo, a recorrência de situações em que o conceptualizador toma o *modo conjunto* ao invés de o estado de *juntar subações que culminam num mesmo e único objetivo*, causa uma reanálise semântica da estrutura desses itens lexicais, de tal modo que o *co(N)-* passa a assumir o valor semântico convencional de *conjuntamente*, o esquema construcional passa de *co(N)-X-ar/co(N)-X-ir* para *co(N)-X* e as construções lexicais passam a assumir o valor semântico convencional de *realizar X conjuntamente*.

Conforme foi dito na seção 2.2.8, quanto mais aspectos comuns o valor semântico convencional evocado por uma unidade simbólica mantiver com o arquétipo conceptual ao qual ele é associado – e o qual propicia a categorização da unidade simbólica, que passa a ser considerada como membro de tal categoria –, menos distorção haverá nessa relação. Contudo, entende-se que, apesar de o arquétipo conceptual da relação de junção ser invocado em parte pelas unidades simbólicas componentes que integram o circunfixo – *co(N)-* e o sufixo formador de verbos (*-ar/-ir*) – e em parte pela unidade simbólica representada como X, isso não impede que as unidades simbólicas *conjungir*^{2A}, *conglutinar* e *coligar* sejam assumidas como uma instanciação do referido arquétipo conceptual, já que, conceptualmente, estas são as que mantêm uma relação mais próxima com esse protótipo. Logo, a partir do estabelecimento das relações de elaboração – como na *relação de junção*^{1A} – e de extensão – quer seja pelo processo de atenuação conceptual (como na *relação de junção*^{1B} e na *relação de junção*^{1C}), pelo processamento metafórico (como na *relação de junção*^{1D}) ou pelo processo de discrepância de perfilamento/zona ativa (como nos demais casos) –, é possível estabelecer uma rede de relações entre os sentidos evocados pelo *co(N)-*.

Toda essa rede de conexões lexicais, bem como a estrutura hierárquica que se forma entre os sentidos evocados pelo *co(N)-*, encontra-se delineada na Figura 4.1, na página seguinte.

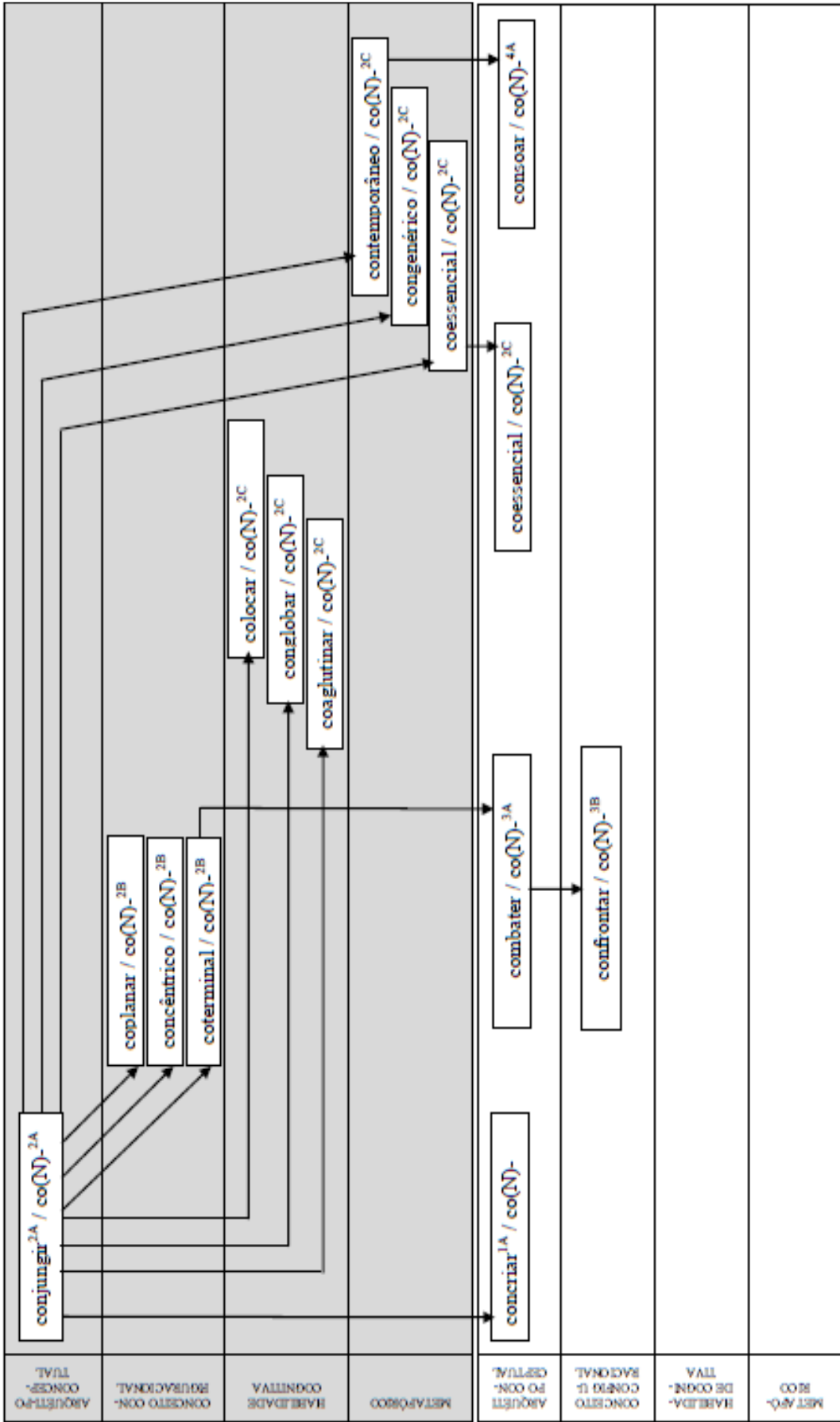


Figura 4.1 – Rede de conexões lexicais do prefixo *co(N)-*

Em suma, podemos constatar que o estabelecimento dessa rede polissêmica não permite apenas reconhecer um dado sentido como aquele que provê acesso a outro; mas também delinear como tal relação se estrutura, observando o dinamismo dos processos de mudança de sentido dessa unidade simbólica na língua portuguesa. Do mesmo modo, fica claro que determinadas alterações semânticas (como aquelas produzidas pela discrepância de perfilamento/zona ativa) interferem na mudança de esquemas construcionais – como as que instauram a mudança de *co(N)-X-ar/co(N)-X-ir* para *co(N)-X*.

Os resultados a que chegamos, sintetizados na referida figura, demonstram o caráter promissor da adoção do modelo de rede, bem como das operações de perspectivização, para a abordagem de construções lexicais. Esperamos, com o trabalho ora apresentado, trazer uma contribuição à descrição da Língua Portuguesa e, em especial, à investigação do aspecto semântico da prefixação em nossa língua.

Referências bibliográficas

ALMEIDA, Napoleão Mendes de. **Gramática metódica da língua portuguesa**. 31. ed. São Paulo: Saraiva, 1982.

AMARAL, Vasco Botelho do. **Dicionário de dificuldades da língua portuguesa**. Porto: Educação Nacional, 1938. 2 v (v. 1)

ANDRADE, Fernando Gil Coutinho de. **Polissemia e produtividade nas construções lexicais**: um estudo do prefixo *re-* no português contemporâneo. 2006. 86 f. Dissertação (mestrado). Pontifícia Universidade Católica, Rio de Janeiro, 2006.

ARONOFF, Mark. **Word formation in generative grammar**. Cambridge: MIT Press, 1976.

AULETE, Caldas; GARCIA, Hamilcar de; NASCENTES, Antenor. **Dicionário contemporâneo da língua portuguesa**. 4. ed. brasileira novamente rev., atual. e aum. Rio de Janeiro : Delta, 1974 [1958]. 5 v. 3998p. (v. 2).

BASILIO, Margarida Maria de Paula. **Estruturas lexicais do português**: uma abordagem gerativa. Petrópolis: Vozes, 1980.

_____. **Teoria lexical**. São Paulo: Ática, 1987.

_____. O princípio da analogia na constituição do léxico: regras são clichês lexicais. **Veredas**. Juiz de Fora, vol. 1, n. 1, p. 9-21, 1997.

_____. O papel da metonímia na morfologia lexical. **ReVEL**, edição especial n. 5, 2011. pp. 99-117

_____. Metaphor and metonymy in word formation. **DELTA**. vol. 22, n. especial, pp. 67-80. 2006, Acesso: 21.04.2013. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/delta/v22nspe/a06v22s.pdf>>.

BAUER, Laurie. **Morphological productivity**. Cambridge: Cambridge University Press, 2001.

BECHARA, Evanildo. **Moderna gramática portuguesa**. 37. ed. rev. e ampl. Rio de Janeiro: Lucerna, 2006. 672 p. (1999)

BYBEE, Joan L. **Morphology**: a study of the relation between meaning and form. Amsterdam: Benjamins, 1985.

_____. Morphology as lexical organization. In: HAMMOND, M.; NOONAN, M. (orgs.). **Theoretical Morphology**: approaches in modern Linguistics. San Diego: Academic Press, 1988. p. 119-141.

CÂMARA JR., Joaquim Mattoso. **Problemas de linguística descritiva**. Petrópolis: Vozes, 1969. 72 p.

_____. **Estrutura da língua portuguesa**. Petrópolis: Vozes, 1970. 118 p.

CAVALCANTI, Rosana Figueiredo. **Um estudo sobre alguns prefixos de origem latina numa abordagem gerativa**. 1980. 472 f. Dissertação (mestrado). Pontifícia Universidade Católica, Rio de Janeiro, 1980. 2 v.

CUNHA, Celso; CINTRA, Luis Filipe Lindley. **Nova gramática do português contemporâneo**. 4. ed. rev. e ampl. Rio de Janeiro: Lexikon Digital, 2007. 764 p.

EVANS, Vyvyan; GREEN, Melanie. **Cognitive Linguistics: An Introduction**. Edinburgh: Edinburgh University Press, 2006.

FARIA, Eduardo de. **Novo dicionário da língua portuguesa: o mais exacto e mais completo de todos os dicionários até hoje publicados**. 2. ed. Lisboa: Typographia Lisbonense, 1851 [1848-1849]. 4 v. (v. 2)

FAUCONNIER, Gilles. **Mental Spaces: aspects of meaning construction in natural language**. Cambridge: Cambridge University Press, 1994.

_____. **Mappings in thought and language**. Cambridge University Press, 1997.

_____; TURNER, Mark. **The way we think: Conceptual blending and the mind**. New York: Basic Books, 2002.

FERRARI, Lilian. **Introdução à Linguística Cognitiva**. São Paulo: Contexto, 2011.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda et alii. **Novo dicionário Aurélio da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1975. 2120 p.

FILLMORE, Charles J. Frame Semantics. **Linguistic in the Morning Calm**. Seoul: Hansinh Publishing Co, 1982. p. 111-137.

GARDNER, Howard. **A nova ciência da mente: uma história da revolução cognitiva**. São Paulo: EdUSP, 1995.

GEERAERTS, Dirk; Cuyckens, Hubert. (orgs). **The Oxford Handbook of Cognitive Linguistics**. New York: Oxford University Press, 2007.

GONÇALVES, Carlos A. Prefixação: composição ou derivação? Novos enfoques sobre uma antiga polêmica. **Matraga**, v.19, n.30, jan./jun., p. 142-167, 2012.

HONRUBIA, José Luis Cifuentes. **Gramática cognitiva: fundamentos críticos**. Madrid: Eudema, 1996.

HOUAISS, Antonio; VILLAR, Mauro; FRANCO, Francisco Manoel de Mello. **Dicionário Houaiss da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva/Instituto Antônio Houaiss, 2001. 2925 p.

_____. **Dicionário eletrônico Houaiss da língua portuguesa**. Versão 1.0. Rio de

Janeiro: Objetiva, 2009.

JOHNSON, Mark. **The body in the mind**: the bodily basis of meaning, imagination, and reason. Chicago/London: University of Chicago Press, 1987.

KATZ, Jerrold J.; FODOR, Jerry A. The structure of a semantic theory. **Language**. v. 39, n. 2, abr.-jun., p. 170-210, 1963.

LAKOFF, George; JOHNSON, Mark. **Metaphors We Live By**. Chicago: University of Chicago Press, 1980.

LAKOFF, George. **Women, fire, and dangerous things**: what categories reveal about mind. Chicago/London: University of Chicago Press, 1987.

_____; TURNER, Mark. **More than a cool reason**. Chicago: University of Chicago Press, 1989.

LANGACKER, Ronald W. **Foundations of cognitive grammar**: theoretical prerequisites. Stanford: Stanford University Press, 1987. vol. I.

_____. **Foundations of cognitive grammar**: descriptive application. Stanford: Stanford University Press, 1989. vol. II.

_____. **Concept, image, and symbol**: the cognitive basis of grammar. Berlin/New York: Mouton de Gruyter, 1991. Cognitive linguistics Research, vol. 1.

_____. Estructura de la cláusula en la gramática cognoscitiva. **RESLA – Revista Española de Lingüística Aplicada**. Castellón/Querétaro: Asociación Española de Lingüística Aplicada/Universidad Autónoma de Querétaro, 2000, vol. I, p. 19-66. Acesso: 21.04.2013. Disponível em: <<http://dialnet.unirioja.es/servlet/ejemplar?codigo=90681>>

_____. **Grammar and Conceptualization**. Berlin / New York: Mouton de Gruyter, 1999. Cognitive linguistics Research, vol. 14.

_____. **Cognitive Grammar**: a basic introduction. New York: Oxford University Press, 2008.

_____. **Investigations in Cognitive Grammar**. Berlin / New York: Mouton de Gruyter, 2009. Cognitive Linguistics Research 42.

_____. **Subjectification, grammaticalization, and conceptual archetypes**. In A. Athanasiadou, C. Canakis, & B. Cornillie (Eds.), Subjectification: Various paths to subjectivity. Berlin/New York: Mouton de Gruyter, 2006, p.17-40.

MARONEZE, Bruno Oliveira. As concepções saussurianas de formação de palavras. **ReVEL**. Edição especial n. 2, 2008. Disponível em: [www.revel.inf.br].

_____. Um modelo teórico de formação de palavras e sua aplicação aos deverbais do português. **Anais da VIII Enapol**. 2005. Usp. 23 e 25 de novembro de 2005.

MELO, Gladstone Chaves de. **Gramática fundamental da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1970.

NOGUEIRA, Rodrigo de Sá. **Dicionário de erros e problemas da linguagem**. Lisboa: Livraria Clássica, 1892. 280 p.

QUIROGA, Rodrigo Quian; FRIED, Itzhak; KOCH, Christof. Células cerebrais para a vovó. **Scientific American Brasil**, março, n. 130, pp. 37-41, 2013.

ROCHA, Luiz Carlos de Assis. **Estruturas morfológicas do português**. Belo Horizonte: Ufmg, 1999. 258 p.

SANDMANN, Antônio José. **Formação de palavras no português brasileiro contemporâneo**. Curitiba: Scientia et Labor/Ícone, 1988. 185 p.

_____. **Morfologia lexical**. São Paulo: Contexto, 1992. 84 p.

SAID ALI, Manuel. **Gramática secundária e gramática histórica da língua portuguesa**. 3. ed. rev. e atual. Brasília: UNB, 1964. 623 p.

SILVA, Ana Paula Araújo. **Prefixos, prefixóides ou elementos de composição?** Uma análise crítico-comparativa dos prefixos registrados no Novo dicionário Aurélio da língua portuguesa e no Dicionário Houaiss da língua portuguesa. 2009. 196 f. Tese (doutorado). Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2009.

SILVA, Antonio de M.; MORENO, Augusto; JÚNIOR, Cardoso; MACHADO, José P. **Novo dicionário compacto da língua portuguesa**: ed. compacta do texto fundamental do "Grande dicionário da língua portuguesa". 10. ed. rev., muito aum. e atual. Lisboa: Confluência: Livros Horizonte, 1980 [1961]. 5 v. (v. 2)

SILVA, Augusto Soares da. Linguística cognitiva: uma breve introdução a um novo paradigma em Linguística. **Revista Portuguesa de Humanidades**, v. 1, pp. 59-101. Braga: Faculdade de Filosofia da UCP, 1997.

_____. **A semântica de DEIXAR**: uma contribuição para a abordagem cognitiva em semântica lexical. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian e Fundação para a Ciência e a Tecnologia, 1999.

SINHA, Chris. Cognitive Linguistics, Psychology, and Cognitive Science. In: GEERAERTS, Dirk; Cuyckens, Hubert. (orgs). **The Oxford Handbook of Cognitive Linguistics**. New York: Oxford University Press, 2007.

TAYLOR, John. R. **Linguistic categorization**: prototypes in Linguistic Theory. Oxford: Oxford University Press, 1995.

_____. **Cognitive Grammar**. New York: Oxford University Press, 2002.

WALDE, Alois. **Lateinisches etymologisches wörterbuch**. 3. ed. Heidelberg: Carl Winter Universitätsverlag, 1938.

APÊNDICE I
JUNTAR^{1A}

JUNTAR^{1A} COISAS POR MEIO DE X

- conjungir..... : (não foram encontradas construções frasais equivalentes)
- conjungir..... : 4. Um equipamento de freios para veículos compreendendo meios para efetuar a aplicação e a soltura dos freios **conjungidos** com as rodas do veículo, meios adicionais que atuam para efetuar a soltura e a nova aplicação dos freios em conjunção com urna roda do veículo errquanto que os meios primeiros citados se põem em condição para causarem a aplicação dos freios, e meios que entram em atuação ao escorregar uma roda do veículo durante uma aplicação dos freios e para fazer com que os meãos adicionais efetuem a soltura dos freios na roda encorregante e de tal modo controlados daí era diante a fazer com que os meios adicionais efetuem a nova aplicação dos freios à roda encorregante somente depois que a aplicação dos freios sobre a roda ecorregante tiver sido reduzida abaixo de determinado grau uniforme. «<http://www.jusbrasil.com.br/diarios/2367024/pg-115-secao-1-diario-oficial-da-uniao-dou-de-22-06-1939/pdfView>»
- conjuguar : (não foram encontradas construções frasais equivalentes)
- conjuguar : Os motores typo 3.519 empregados nas locomotivas de passageiros, são **conjugados por meio de engrenagens duplas**, flexíveis semelhantes ás das fotografias numeros 129.760|1. Os motores typo 3.518, para as locomotivas de cargas, são **conjugados por meio de engrenagens singelas**, flexíveis, semelhantes em construcção ás das fotografias acima. «<http://www.jusbrasil.com.br/diário/1854178/pg-101-secao-1-diario-oficial-da-uniao-dou-de-10-05-1922/pdfview>» (p. 101)
- coligar..... : A fase proposta devera prever o fornecimento de oxigênio artificialmente sob forma de ar insuflado mediante um sistema de difusores submersos de microbolhas. Tais difusores são **coligados** através de uma tubulação a um soprador. «<http://www.garibaldi.rs.gov.br/upload/bidding/011-011-elaboracao-projetos-sistema-de-esgotamento-sanitario.doc>» (p. 17)
- conectar : Para usufruir de qualidade em uma televisão de alta definição, é preciso uma fonte de vídeo nessa qualidade conectada a ela. Por exemplo, um tocador Blu+0y ou um videogame. O consumidor que tiver os dois em casa não vai necessariamente ter a melhor qualidade disponível. É necessário conectá-los por meio de um cabo HDMI, que não costuma acompanhar os produtos. «<http://audienciadetv.blogspot.com.br/2008/10/fique-de-olho-compra-de-tv-de-alta.html>»
- conglutinar..... : Ivo **conglutinou** as peças de madeira.

APÊNDICE II
JUNTAR^{1B} (SUBJETIFICADO)

COINCIDÊNCIA EM RELAÇÕES DE LOCALIZAÇÃO ESPACIAL

- colinear : Na figura da esquerda, os pontos A, B e C são **colineares**, pois todos pertencem à mesma reta r . «<http://pessoal.sercomtel.com.br/matematica/fundam/geometria/geo-basico.htm>»
- complanar : Verifique que os vetores $b - a$, $b - c$ e $a - c$ são **complanares**. «<http://www.geofisica.ufpa.br/index.php/calculo-de-uma-variavel-com-matematica-vol3/category/10-captulos?download=67%3Acal-3-captulo-1>» (p. 45)
- coplanar : Os vetores w e v, u são **coplanares** se, e somente se, podemos escrever um deles como combinação linear dos outros. «<http://www.basica2.ufba.br/apostilas/vetores/Apost1-3.pdf>» (p. 10)

COINCIDÊNCIA NO DELINEAMENTO DE REGIÕES CENTRAIS

- coaxial : A primeira e a última engrenagens são **coaxiais**. «<http://www.trabalhosgratuitos.com/print/Trens-De-Engrenagens/5268.html>»
- coeixo : Coaxial refere-se ao fato de o cabo ser feito de vários revestimentos compartilhando o mesmo eixo central (**co-eixo**). «http://wiki.sj.cefetsc.edu.br/wiki/imag es/5/5f/4.1IFSC_Aula_Integrado_CAB_2015_1.pdf» (p. 5)
- concêntrico : 1) Na figura abaixo, os três círculos são **concêntricos**. «<http://www.pixelaria.org/forum/off/9178-desafios-para-os-nerds-de-plantao>»
- cocêntrico : Um capacitor cilíndrico consiste em dois cilíndricos metálicos **co-cêntricos** de raio interno a e raio externo b. «<https://www.passeidireto.com/arquivo/1089658/lista6/5>»
- concentro : Em resumo, como a Constituição é o **concentro** dos diversos ramos jurídicos, pouco importa a natureza da norma da Constituição e do outro ramo do direito. «<https://books.google.com.br/books?id=crO39UJW0pQC&pg=PA305#v=onepage&q&f=false>»
- cocentro : Parece-nos mais importante o centro, ou, melhor, o **co-centro** atrativo. «<https://books.google.com.br/books?id=rYXF1Wp3CmEC&pg=PA91#v=onepage&q&f=false>»
- confocal : Mostre que essas duas cônicas são **confocais**, isto é, têm os mesmos focos. «http://www.vdl.ufc.br/solar/aula_link/lmat/A_a_H/geo_analitica_plana/Aula_05-5632/pdf/03.pdf» (p. 2)
- cofocal : Os círculos concêntricos centrados na origem e os raios partindo da origem são levados em elipses e hipérbolas **cofocais**. «http://www.mat.puc-rio.br/~earp/vitoria_2008.pdf» (p. 9)

COINCIDÊNCIA NO DELINEAMENTO DE REGIÕES PERIFÉRICAS

- confinar..... : Recentemente os dois países, que se **confinam**, estão ligados por duas longas e sangrentas guerras civis. «<http://www.fides.org/pt/news/pdf/17457>» (p. 1)
- cofinar..... : Segundo o requerimento do deputado comunista, a via existente, embora não tendo as características de um itinerário principal, está classificada como tal, impondo algumas restrições à utilização dos prédios urbanos que **cofinam** com a referida via, e como tal há proprietários que vêem a sua área útil reduzida. «<http://www.radiovidigueira.com/?opt=vNews&id=462>»
- confinal..... : As Compostas se subdividem em Singelas ou Únicas, em Duplas, em Suspensas Mediais ou **Confinais**, e em Reais; todas no Modo que se deixa explicado, mas interessa saberem-se assim em Resumo. «<https://books.google.com.br/books?id=B1nQ2IpcNWsC&pg=PA171&lpg#v=onepage&q&f=false>»
- cofinal..... : Nesta seção, caracterizamos os ideais de C algebras de grafos **cofinais**. «http://mtm.ufsc.br/pos/Soyara_Carolina_Biazotto.pdf» (p. 115)
- confim..... : Daqui pois se vê, que Estrabo nesta autoridade não diz, que Catalunha he o ultimo, nem o fim de Hespanha, nem usa do nome Orion, que em Grego significa o fim; mas diz que Catalunha he o **confim** de Hespanha com França, e usa do nome Methorion, que significa o confim: pelo que enganou-se Dalmases em allegar na fôrma, em que esta autoridade; porém bem vejo, que o engano procedo da tradução, que seguio. «<https://books.google.com.br/books?id=aUshAQAAAMAJ&pg=PA669#v=onepage&q&f=false>»
- colimitar : Habitantes de pelo menos cinco grandes regiões da Rússia que **colimitam** com os Montes Urais – Chelyabinsk, Tyumen, Sverdlovsk, Bashkiria, na fronteira com o Cazaquistão – foram testemunhas de um impressionante avistamento de um objeto brilhante cruzando o céu em franca queda para espatifar-se em uma zona afastada, no meio de um vivo e inquietante resplendor. «<http://www.mdig.com.br/index.php/bDISALLOWEDblogsetting/index.php?itemid=27424>»
- colimitrofe : Através da hierarquia eclesiástica Cristo é efetivado como Rei do reino de Deus. A área do reino é co-límitrofe [tem os mesmos limites] do poder e da autoridade da Igreja no mundo. «<http://www.geocities.ws/ebdlc/cap15.html> »
- colimite..... : Passaram-se muitos anos até que, com a introdução das Capitâneas Hereditárias, uma grande fazenda foi implantada no **colimite** do que são hoje os estados do Piauí, Tocantins, Bahia e Maranhão. «<http://www.recantodasletras.com.br/contos/3927890>»
- colimite..... : E Calculado simultaneamente com base nos limites naturais de cada uma das unidades geomorfológicas e na equidistância entre os núcleos centrais de cada uma delas e os eventuais **colimites** de propriedade. «<http://ler.letras.up.pt/upload/s/ficheiros/9304.pdf> (p. 48)
- coterminal..... : Um dispositivo eletrônico que possui um teclado oculto inclui um primeiro alojamento, um segundo alojamento rotativamente acoplado ao primeiro invólucro e uma tampa acoplada a uma dissimulação traseira do primeiro alojamento. O primeiro alojamento tem um bordo de acoplamento e dois lados que são substancialmente perpendiculares ao bordo de acoplamento da primeira caixa envolvente. O segundo alojamento tem um bordo de acoplamento e dois lados que são substancialmente perpendiculares ao bordo de acoplamento da segunda caixa. Uma porção de recepção é formada sobre uma superfície posterior do primeiro alojamento e é configurado para receber o segundo alojamento. Quando o segundo alojamento está na porção receptora, cada lado respectivo do primeiro alojamento e o segundo alojamento é co-terminal com o outro. A tampa de ocultação é exteriormente posicionada em relação ao segundo alojamento quando o segundo alojamento está na porção de recepção. «<http://superberry.com.br/2014/10/29/blackberry-tem-planos-para-tablets-e-dispositivos-com-desing-slider-d/>»
- contérmino..... : O rio Itapemirim, ao sul, como **contérmino** das terras de Vasco Coutinho e Pero de Góis, sabemos que foi objeto de negociações entre os interessados e de uma carta régia homologando o ajustado. «http://www.ape.es.gov.br/pdf/Livro_Historia_ES.pdf» (p. 24)

APÊNDICE III
JUNTAR^{1C} (ESQUEMATIZADO)

**JUNTAR³ COISAS EM FUNÇÃO DE UMA FORMATAÇÃO ENTRE ELAS
RESULTADO (FORMATAÇÃO) PELA AÇÃO**

- conglobar..... : A neve rolada dos montes **congloba**-se. <https://books.google.com.br/books?id=_q9CAQAAMAAJ&pg=PA403#v=onepage&q&f=false>
- conglomerar..... : Externamente, as plantas infectadas comparadas às sadias revelam folhas menores, com bordos reflexos, nervuras cloróticas e área foliar reduzida (figura 1). As folhas **conglomeram**-se juntamente com as flores e futos em consequência do encurtamento dos entrenós, reduzindo a altura da planta. <<http://www.scielo.br/pdf/brag/>> (p. 111)
- congregar..... : Publicitários se congregam para ressuscitar associação profissional <<http://www.carosouvintes.org.br/publicitarios-se-congregam-para-ressuscitar-associacao-profissional/>>

JUNTAR³ (REUNIR) COISAS NUM DADO LUGAR

- concentrar : O professor **concentrou** os alunos junto ao portão. <<http://www.oxforddictionaries.com/pt/traduzir/português-inglês/concentrar>>
- cocentrar : Registrei pelo menos quatro vezes a situação, sendo uma delas em plena Avenida Paulista onde um grupo grande de PMs se **cocentrava** às 11 da noite, a mesma avenida palco de violência policial no fim de semana contra fotografos e manifestantes pela descriminalização da maconha. <<http://alfaria.blogspot.com.br/2011/05/policia-paulista-e-as-rodinhas.html>>
- concentrar : Grupo de manifestantes se **concentra** na entrada da Rocinha <http://www.diariodepernambuco.com.br/app/outros/ultimas-noticias/46,37,46,12/2013/08/22/interna_brasil,457793/grupo-de-manifestantes-se-concentra-na-entrada-da-rocinha.shtml>
- cocentrar : Promovendo comícios à mesma hora e no mesmo local, os dois grupos políticos adversários iniciaram a confusão que se generalizou, estendendo-se ao hospital, para onde foram enviados choques embalados das Polícias Militar e de Vigilância. Mais tarde o povo **cocentrou**-se em frente ao HSA. As duas facções estão dando versões diferentes à ocorrência. <http://memoria.bn.br/DocReader/HotpageBN.aspx?bib=089842_07&pagfis=32997&pesq=&esrc=s&url=http://memoria.bn.br/docreader#> (p. 1)
- colocar : – É de madrugada lá fora agora – interrompeu Joana d'Arc de dentro do bolso de Nicole. – Segundo nosso cronograma, estamos atrasados. Sr. Puckett, precisamos inspecionar nossa saída de emergência antes que o senhor vá embora. – Droga – disse Max. – Lá vamos nós de novo receber ordens de um robô do tamanho de um cigarro. – Tirou Joana e Eleonor dos bolsos de Nicole e **colocou** as na prateleira de cima, por trás de uma lata de ervilhas. <<http://pt.slideshare.net/augustus.melo/4-a-revelao-de-rama> (slide 11)>
- colocar : Eva e Aaran se **colocaram** na lateral da pedra ao lado símbolo. <<https://books.google.com.br/books?id=G-NuYYCWEIC&pg=PA80#v=onepage&q&f=false>>
- compor..... : Agradeço a Marcela por trazer os azulejos brancos e laranjas e **compor** eles na mesa para receber a panela de barro, que junto a todos os outros elementos do banquete gerou muita graça por fazer parte desse universo. <<http://anabranco.ufrj.br/pt/ptugues/itinerante/RumoNordeste2006/07-Maceio.htm>>
- compor..... : As partes se **compuseram** em audiência de conciliação, conforme os termos de fls. 43/43vo, relativamente aos alimentos a serem prestados pelo requerido em favor da filha comum. <<http://www.radaroficial.com.br/d/5178229451128832>>

INTERLIGAR *COISAS* FORMANDO UM TODO

- coaglutinar : Reagente (floculação): as partículas de carvão se **coaglutinam** com os anticorpos e aparecem grumos negros / deve ser quantificada «<https://xa.yimg.com/kq/groups/20885262/550323929/name/S%C3%ADfilis.ppt>» (slide 31)
- coagregar : O predomínio dessas espécies é explicado pelos seus altos graus de adesão ao dente e à glicoproteína salivar que o recobre e, também, à facilidade com que suas células se **coagregam**, fatores que favorecem muito as suas colonizações. «<http://www.ebah.com.br/content/ABAAAfKdUAJ/06-placa-biofilme-dental>»
- coalizar : Alguns microporos **coalizaram-se** formando poros maiores e contribuindo para diminuição da área superficial. «<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/88/88131/tde-27082001-160300/publico/tese.pdf>» (p. 57)
- coassociar : Três tipos de proteínas de neurofilamentos (NF-L, NF-M e NF-H) **coassociam-se in vivo, formando heteropolímeros** que contêm NF-L mais uma das outras duas formas. «https://books.google.com.br/books?id=bGzbgGZ_A9UC&pg=PA987#v=onepage&q&f=false»

APÊNDICE IV
JUNTAR^{1D} (METAFORIZADO)

COINCIDÊNCIA EM RELAÇÕES DE LOCALIZAÇÃO TEMPORAL

SUBGRUPO 1

contemporâneo .. : Shakespeare e Cervantes foram contemporâneos (ambos morreram em abril de 1616), em sociedades diferentes. Segundo Harold Bloom (4), eles souberam como poucos retratar sua época e estabelecer um padrão de referência para aqueles que os sucederam. «<http://shakespearebrasileiro.org/hamlet-um-paralelo-com-dom-quixote-mario-amora-ramos/>»

SUBGRUPO 2

contérmino..... : Todos os equipamentos integrantes dos conjuntos de itens que compõem a solução devem possuir garantia integral, original de fábrica, contra defeitos de fabricação, por período co-término com a garantia original do equipamento em uso (até 11 de setembro de 2012) sem ônus adicional para o contratante. «http://www.fazenda.mg.gov.br/empresas/licitacoes/consulta_publica/Resposta_CP_Storage.pdf» (p. 12)

COINCIDÊNCIA EM RELAÇÕES DE PERTENCIMENTO

SUBGRUPO 1 – Pertencimento a um lugar

- concidadão..... : Os homens da cidade, anciãos e nobres concidadãos de Nabot, fizeram conforme a ordem recebida de Jezabel, como estava escrito nas cartas que lhes tinha enviado. «<http://liturgia.cancaonova.com/liturgia/11a-semana-comum-segunda-feira-16062014/>»
- cocidadão..... : Situação nada justa, até porque todos são co-cidadãos e gozam dos mesmos direitos e deveres. «http://espaco-libre.blogspot.com.br/2012_07_01_archive.html»
- condistritano : O abaixo assinado roga às autoridades dos distritos onde forem parar os salvados da barca francesa Ville de Boulogne que façam constar aos condistritanos que ele gratificará generosamente a quem lhe apresentar os manuscritos de Gonçalves Dias, prometendo guardar o mais rigoroso sigilo acerca do nome do apresentante, se assim o exigir, debaixo das formas e com as garantias que quiser. «[http://www.academia.org.br/antigo/media/Correspondencia Machado de Assis - TOMO I-1860-1869 - PARA INTERNET.pdf](http://www.academia.org.br/antigo/media/Correspondencia_Machado_de_Assis_-_TOMO_I-1860-1869_-_PARA_INTERNET.pdf)» (p. 88)
- codistritano : Podem retorquir-me que é pior, que eu sou carioca, e dentro em pouco, organizado o Distrito Federal, fico com milhares de co-distritanos. «<http://www.literaturabrasileira.ufsc.br/documentos/?action=download&id=28393>»
- coestaduano : Os dois emigrantes se davam bem porque eram coestaduanos, ambos baianos. «<http://books.google.com.br/books?id=RFrCN3hCsHoC&pg=PA297&lpg#v=onepage&q&f=false>»
- compatriício : Peço confiem no Presidente da República que está possuído dos melhores sentimentos em relação aos compatriícios do Acre – Justiniano de Serpa. «<http://www.brasiliana.com.br/obras/a-conquista-do-deserto-ocidental-subsidios-para-a-historia-do-territorio-do-cre/pagina/365/texto>»
- copatriício..... : De acordo, dirão talvez; porém andas errado com os teus processos comparativos, que nem se usam em crítica, nem se podem aplicar aos dois célebres copatriícios. «<http://textosdefilosofia brasileira.blogspot.com.br/2010/11/explicações-indispensaveis-1.html>»
- compatriota..... : Simeone e Tata Martino são compatriotas (Fotos: AFP). «http://www.lancenet.com.br/minuto/Classico-espanhol-Champions-argentino-escolas_0_1105689516.html»
- copatriota..... : Se você estivesse vivo hoje em dia o que você diria para as mulheres congoleesas que foram estupradas por gangs de copatriotas congoleses? «<http://arquivo.geledes.org.br/acontecendo/noticias-mundo/africa?start=136>»
- comprovinciano . : O Duque de Caxias e o poeta Fagundes Varela eram comprovincianos. «<http://www.dicio.com.br/comprovinciano/>»
- coprovinciano : Coprovincianos de boa fé. «<https://www.facebook.com/pages/Coprovincianos-de-boa-f%C3%A9/1581943285360755>»
- conterrâneo : Pato e Rogério Ceni são conterrâneos de Pato Branco, no Paraná «<http://www.hojeemdia.com.br/esportes/recebido-por-ceni-pato-ja-e-integrado-no-s-o-paulo-1.217566>»
- coterrâneo : Um FELIZ NATAL e EXCELENTE 2009 para os co-terrâneos de Tupan. Que a chuva chegue por aí e não venha tão cedo aqui para Blumenau. Abração povo querido. «<http://www.tupa.am.br/mural.html&p=1092>» (Enviado por Arilson Costa da Silva || Em: 16/12/2008 às 09:48)

SUBGRUPO 2 – Pertencimento a uma instituição

- comparoquiano .. : Na acta da reunião da Junta da Paróquia de Alvarelhos do dia 8 de Dezembro de 1878, podemos ler: “José António Gorgulho, presidente da mesma propôs que o fim desta era para se discutir e deliberar a reedificação da capela de S. Marçal, dependente da igreja matriz, e a venda dos sobreiros, produção do espaço de terreno adjacente à mencionada capela. Ponderou, pois, o seguinte: Primeiro que a dita capela desabara em ruínas, e que os comparoquianos de Al-

- varelhos desejam unanimemente vê-la reedificada com a maior brevidade possível. Segundo que os sobreiros criados naquele espaço de terreno, que apenas mede limitadíssima área para em torno da capela se poder fazer a procissão – voto que anualmente a 29 de Junho ali costuma ter lugar, não só por que revelhos bem pouco rendimento produzem a benefício da paróquia, mas ainda por que alguns deles entrelaçados por cima da capela muito concorreram para o seu desmoronamento. <<http://www.paroquia- Alvarelhos.pt/berco.html>>
- coparoquiano : Continuavam os votantes de Santa Rita: os sofrimentos dos Povos constituídos em maioria, Augustos e Digníssimos Senhores Representantes da Nação têm limites além dos quais não é lícito e nem possível zombar-se impunemente e, se a maioria dos **co-paroquianos de Santa Rita** revestiram-se de prudência em presença de tantos desatinos; da direta intervenção do Governo por seus ex-agentes; e da manifesta infração da Constituição e Leis; fundaram-se unicamente em que, por Vós, Augustos e Digníssimos Senhores Representantes da Nação, seriam declarados nulos esses atos que impropriamente se hão chamado eleições. <<http://www.almanack.unifesp.br/index.php/almanack/article/viewFile/751/pdf>> (p. 142-3)
- correligionário ... : “É preciso que o governador Vilela e o presidente do Legislativo, que são **correligionários tucanos**, aceitem esse desafio e permitam a entrada da sociedade civil nessa averiguação, que deve ser ampla, geral e irrestrita, englobando esses últimos anos”, completou. <<http://gazetaweb.globo.com/gazetadealagoas/noticia.php?c=227508>>
- compartidário..... : este texto, publicado ontem neste blog, originalmente postado aqui pelos seus escritores e subscritores, obteve a resposta do presidente da Concelhia da JSD de Coimbra que muito lamenta o “lapso” cometido por si e pelo seu bando de acéfalos, perdão, cães de fila, perdão, **compartidários**. <<https://entreonadaeoinfinito.wordpress.com/tag/alexandre-lemos/>>
- copartidário..... : Os **copartidários** do PC do B, Lucianos Santos, ex-prefeita de olinda e candidata a deputada federal, e o vereador Luciano Siqueira, candidato a deputado estadual inauguram hoje, às 20h, o comitê conjunto, na avenida norte 3625, Rosarinho. <<http://ne10.uol.com.br/canal/eleicoes-2010/noticia/2010/07/29/luciana-santos-e-luciano-siqueira-inauguram-hoje-comite-e-bar-230475.php>>

SUBGRUPO 3 – Pertencimento a uma instituição (função pela instituição)

- condiscípulo : Por curiosidade, refira-se que o covilhanense Frei Heitor Pinto e D. António foram **condiscípulos** na Universidade de Coimbra, e irmanados na mesma causa contra a usurpação filipina. <<http://www.cm-covilha.pt/simples/?f=2384>>
- codiscípulo : Se compreendemos é que somos **co-discípulos de um mesmo mestre**, é que nosso ser é fundamentalmente o mesmo, apesar das diferenças acidentais individuais ou culturais. <<https://books.google.com.br/books?id=JNeYimyYd8oC&pg=PA89#v=onepage&q&f=false>>
- confrade : Esta celsyra appareceu tambem depois inserta no Investigador, vol. XI (1815), de pag. 547 a 564, e pelo que d’ahi se colhe o auctor da dissertação era o mesmo da obra Conheça o mundo os jacobinos: note-se que o P. Lucas Tavares com razão o poderia saber, visto como elle e o P. Morato eram ambos por esse tempo **confrades** na Congregação do Oratorio. <<https://books.google.com.br/books?id=33VsMLmZHzYC&pg=PA79#v=onepage&q&f=false>>
- cofrade..... : Os idosos desse lugar contam que Maximon, nome que mescla o Deus maya Mam com o santo San Simóm, viveu com nessa vila a muito tempo e ele cuidava das mulheres enquanto os homens trabalhavam. Misteriosamente algumas mulheres apareceram grávidas sem que seus maridos estivessem presentes, por esse motivo Maximon foi acusado e submetido a torturas, entre elas cortaram seus pés. Após sua morte ele começou a ser venerado com fama de adultério. Hoje em dia as pessoas fazem pedidos a ele relacionados ao sexo, dinheiro e álcool. O viajante que o visitar devera oferecer cigarros, dinheiro e álcool que os mesmos confrades vendem em sua capela. <<http://www.inovaeco.tur.br/destinoDicas.php?id=42>>

COINCIDÊNCIA DE TIPOLOGIAS (CATEGORIAS)

- coespecífico : Os monogenóides encontrados foram identificados com pertencentes ao gênero *Hamatopeduncularia* Yamaguti. A partir de uma comparação da morfologia destes espécimes com o espécime tipo de *Hamatopeduncularia* bagre Hargis 1955, reportado das brânquias de Bagre marinus da Flórida, E.U.A. foi possível verificar que os espécimes são coespecíficos. <http://www.pibic.ufpa.br/ANAISEMINE/XXIIIEMINE/arquivos/resumos/Ciencias_Biologicas/ciencias_biologicas_zoologia002.pdf>
- congênera : As espécies de *Parmotrema* aqui apresentadas estavam, até há pouco tempo, incluídas em *Canomaculina* Elix & Hale. Porém, estudos recentes de biologia molecular demonstraram que *Parmotrema* e *Canomaculina* são congêneres (Blanco et al.2005). <[http://www.researchgate.net/profile/Michel_Navarro_Benatti/publication/235224398_Especies_de_Parmotrema_\(Parmeliaceae_Ascomycetes_liquenizados\)_com_rizinas_dimrficas_do_litoral_centro-sul_do_estado_de_So_Paulo/links/02bfe510911db8e8fb000000.pdf](http://www.researchgate.net/profile/Michel_Navarro_Benatti/publication/235224398_Especies_de_Parmotrema_(Parmeliaceae_Ascomycetes_liquenizados)_com_rizinas_dimrficas_do_litoral_centro-sul_do_estado_de_So_Paulo/links/02bfe510911db8e8fb000000.pdf)> (p. 171)
- congenérico : Por outro lado, *Artibeus jamaicensis* e *A. cinereus* são congenéricos de notável diferença de tamanho, com *A. jamaicensis* sendo muito maior que *A. cinereus* (Emmons & Feer, 1997; Eisenberg & Redford, 1999; Ortega & Castro-Arellano, 2001) e estas sobrepuseram mais a utilização dos habitats que as espécies de *Carollia*. <<http://www.scielo.br/pdf/aa/v37n4/v37n4a17.pdf>> (p. 617)
- cogenérico : Até 1960, somente eram conhecidas as formas imperfeitas ou anamorfias dos dermatófitos. A partir dessa data, Griffiths redescobriu a forma teleomorfa *Microsporium gypseum*, anteriormente observado por Nannizzi (1927) classificando as formas teleomorfas do *Trichophyton* no gênero *Arthroderma* e a do *Microsporium* em *Nannizzia*. Weitzman (1986) conclui que *Arthroderma* e *Nannizzia* são cogenéricos, considerando *Nannizzia* sinônimo de *Arthroderma*, correspondendo a fase sexuada (teleomorfa) dos gêneros *Microsporium*, *Trichophyton* e algumas espécies de *Chrysosporium* (LACAZ et al,2002). <http://www.baip.ufpa.br/arquivos_baip/teses_dissertacoes/tinara_leila_de_souza_aarao.pdf> (p. 14-15)

COINCIDÊNCIA DE ATRIBUTOS

SUBGRUPO 1

- coaxial : A primeira e a última engrenagens são **coaxiais**. «<http://www.trabalhosgratuitos.com/print/Trens-De-Engrenagens/5268.html>»
- concolorido..... : Rizinas dicotômico-ramificadas, **concoloridas** ao lado de baixo. «<http://nhm2.uio.no/botanisk/lav/RLL/PDF1/R12227.pdf>» (p. 34)
- concolor..... : Rubus brasiliensis é altamente pilosa, suas folhas são sempre aveludadas ao toque tanto no material in vivo quanto no herborizado (em ambas as faces e estas são **concolores**). «<http://pt.slideshare.net/andrebenedito/plantas-alimenticias-no-convencionais-da-regio-metropolitana-de-porto-alegre-rs>» (p.323)
- coessencial..... : Identidade, ou unicidade da essência [omousía seu enousía] O significa que as três pessoas são coessenciais, ou da mesma essência. «http://www.academia.edu/11428673/As_Pessoas_da_Trindade_-_Johannes_Wollebius» (p. 3)
- coessência..... : (não foram encontradas construções frasais equivalentes)
- consustancial ... : O Concílio de Nicéia, em 325, vai afirmar que Jesus e o Pai são **consustanciais**, ou seja, ambos possuem a mesma e única substância divina e que o Pai gera Jesus. «<http://arqrio.org/formacao/detalhes/157/o-filho-de-deus-se-fez-homem>»
- consustância..... : (não foram encontradas construções frasais equivalentes)
- corradical..... : Conhecer e nome são palavras **corradicais**, já que se encontram na raiz latina gno, mas quem o diria? «http://www.livrosgratis.com.br/arquivos_livros/cp043281.pdf (p. 205)

SUBGRUPO 2

- consanguíneo..... : Portanto, apesar de muitos acreditarem que os irmãos fazem parte da mesma família, na realidade eles são parentes **consanguíneos** na linha colateral, por possuírem um ancestral comum (pai e mãe ou, ainda, um ou outro). «http://codexiuris.blogspot.com.br/2011_09_01_archive.html»

SUBGRUPO 2

- coeternal : Um dos recursos mais utilizados, para dar-lhe esse aspecto de integração, é o uso da repetição, girando o texto em torno de uma mesma temática, utilizando diversas metáforas, diversos significantes, para atingir o mesmo significado: provar que Deus é Cristo, que ambos sejam **coeternais**. «<http://www.filologia.org.br/anais/anais%20iii%20cnlf38.html>»
- coeterno : Parabrahman está intimamente conectado a Mulaprakriti, a Substância Primordial. Ambos são **coeternos**, sendo Mulaprakriti a raiz e substrato de toda a matéria em suas diversas formas, e Parabrahman, a Ideação Cósmica, a raiz de toda a consciência individual. <http://pt.wikipedia.org/wiki/Parabrahman>
- coetâneo..... : Os oito altares laterais são **coetâneos**, têm retábulos estilo D. João V, feitos certamente entre 1725 e 1735. «http://www.asminasgerais.com.br/qf/UniVlerCidades/Cidades/Ouro_Preto/ig_antonio_dias/index.htm»

APÊNDICE V
RECIPROCIDADE^{1A}

JUNTAR² AÇÕES EM FUNÇÃO DA BILATERALIDADE/RECIPROCIDADE

SUBGRUPO 1

- colidir : O passageiro Tiago Mota, vítima do acidente entre dois trens que colidiram no ramal Japeri, assina acordo indenizatório com advogados da Supervia, na Defensoria Pública. «<http://fotospublicas.com/vitimas-acidente-entre-dois-trens-que-colidiram-no-ramal-japeri-assinam-acordo-indenizatorio-com-advogados-da-supervia/>»
- confluir^{1.1} : Quando o Zêzere e o Tejo confluem, a beleza acontece. Aproveite-a. «<http://ma-pfrentonamento.wordpress.com/2014/07/21/casa-joao-chagas-constancia-15-de-desconto/>»
- compartilhar : No Ocidente fala-se de três Impérios: o Romano, o Cristão e o Nazista. Os dois primeiros duraram mil anos cada um. O Terceiro, que quis rivalizar com eles, teve a efêmera duração de 33 anos. Ao lado deles constatamos o Império russo dos Czares, o Império chinês, chamado celeste, o Império Otomano dos Muçulmanos. Com a implosão da União Soviética, que por algum tempo **condividiu o império sobre o mundo com os Estados Unidos**, sobrou somente o Império norte-americano, como último baluarte do imperialismo na terra. «<http://arquiocesepoa.org.br/pa.asp?catego=2&exibir=56>»
- compartilhar : No Educandário, cada aluno pode passar a manhã com uma criança, dando e recebendo carinho, alegria e muito amor. Lá, é possível viver ricos momentos de troca e partilha no cuidado dos pequeninos. Cada aluno, também, **compartilhou o lanche com o grupo** e ofereceu um brinquedo às crianças da instituição. «<http://www.colegiocatarinense.g12.br/encontros-de-formacao-vivencias-solidarias-com-os-alunos-do-ensino-medio-2/>»

APÊNDICE VI
RECIPROCIDADE^{1B} (SUBJETIFICADO)

JUNTAR² AÇÕES EM FUNÇÃO DA BILATERALIDADE SUBJETIVA

- confrontar : Os prédios de número setenta e setenta e dois, **confrontam** entre si. «<http://www.jusbrasil.com.br/diarios/2350830/pg-73-secao-1-diario-oficial-da-uniao-dou-de-30-12-1932>»
- confronte..... : Em resposta ao seu officio de 28 de fevereiro ultimo, tenho a dizer-lhe que o autoriso a mandar fazer, com urgência, nos fundos da escola do 2º gráo, da qual e professor Joaquim Alves de Carvalho, onde ha um pateo com portão largo, e que fica confronto com o do quartel de policia, as accomodações precisas para ser depositada a bomba d'incendios e seus pertences, fazendo-se a entrada da mesma escola pelo corredor, com porta para a Praça da municipalidade; tudo como propõe em seu citado officio. «http://memoria.bn.br/pdf/235334/per235334_1874_00071.pdf» (p. 2)
- colateral : Semelhantemente, os ângulos a e h, assim como b e g, são ângulos **colaterais externos,** pois estão na região externa e do mesmo lado em relação à reta t. «<http://www.brasilecola.com/matematica/retas-paralelas-cortadas-por-uma-transversal.htm>»

COINCIDÊNCIA NO DELINEAMENTO DE REGIÕES PERIFÉRICAS COMO BILATERALIDADE

- confinar..... : Recentemente os dois países, que se **confinam**, estão ligados por duas longas e sangrentas guerras civis. «<http://www.fides.org/pt/news/pdf/17457>» (p. 1)
- cofinar..... : Segundo o requerimento do deputado comunista, a via existente, embora não tendo as características de um itinerário principal, está classificada como tal, impondo algumas restrições à utilização dos prédios urbanos que **cofinam** com a referida via, e como tal há proprietários que vêem a sua área útil reduzida. «<http://www.radiovidigueira.com/?opt=vNews&id=462>»
- colimitar : Habitantes de pelo menos cinco grandes regiões da Rússia que **colimitam** com os Montes Urais – Chelyabinsk, Tyumen, Sverdlovsk, Bashkiria, na fronteira com o Cazaquistão – foram testemunhas de um impressionante avistamento de um objeto brilhante cruzando o céu em franca queda para espatifar-se em uma zona afastada, no meio de um vivo e inquietante resplendor. «<http://www.mdig.com.br/index.php/bDISALLOWEDblogsetting/index.php?itemid=27424>»

APÊNDICE VII
SIMULTANEIDADE

JUNTAR² AÇÕES EM FUNÇÃO DA SIMULTANEIDADE

- consoar : As buzinas **consoavam** no engarrafamento. «<http://www.aulete.com.br/consoar>»
- consurgir..... : "O Imanifesto e o Manifesto **Consurgem**" - Aula de 14 de maio - Citação do Tao Te Ching. «<http://brasil-haiti-africa.blogspot.com.br/2013/05/o-imanifesto-e-o-manifesto-consurgem.html>»
- convergir..... : Essa dupla refração faz os raios **convergirem** para o ponto F2, o foco real, na distância focal f. «http://www.ifi.unicamp.br/~lunazzi/F530_F590_F690_F809_F895/F809/F809_sem2_2002/993046_MarceloAdani_Trajete_Luz_Lente.pdf» (p. 3)
- convibrar..... : Mas, ainda quando não caiba a hipótese de Traube, e os bronquios conservem o seu calibre, uma vasta hepatização pneumônica que obrigue á parede thoracica adjacente a demasiada tensão, igualmente inibe de **convibrar** sob o impulso das ondas vocaes. «<https://archive.org/stream/tractadodeclinic02cast#page/216/mode/2up/search/convibrar>» (p. 216)

APÊNDICE VIII
IGUALDADE DE STATUS

SER JUNTAMENTE¹ (QUALIDADE) PARA UMA COISA/ENTIDADE

- coessencial..... : Desse raciocínio, é possível inferir que os órgãos constitucionais de soberania além de derivarem imediatamente da constituição, são **coessenciais** para caracterização da forma de governo que foi instituída pela Constituição Federal. «<http://www.publicadireito.com.br/artigos/?cod=57e5cb96e2254600>» (p. 15)
- consustancial ... : “Os bens e os males [...] são **consustanciais** a nossa vida” (III, 13, 1089-1090), é por esse motivo que Montaigne medita sobre a educação. «<https://books.google.com.br/books?id=RBKAW5HgUgAC&pg=PA54&lpg#v=onepage&q&f=false>»
- conatural..... : A renúncia e o sacrifício são **conaturais** à missão episcopal. «<http://www.sao-sebastiaocatanduvas.com.br/?p=689>»

SER JUNTAMENTE² UM (TIPO DE COISA) PARA UMA COISA/ENTIDADE

SUBGRUPO 1

- concausal : Na resposta aos quesitos do Juízo, o especialista acima referido disse: a) Que a prestação de serviços do reclamante à reclamada, na função de cortador de cana, igualmente associada às atividades braçais prévias por longos períodos como trabalhador rural, são fatores **concausais** determinantes para o estado de saúde atual do trabalhador (fl. 287); [«http://www.jusbrasil.com.br/diários/5 3145 014/trt-19-15-04-2013-pg-86»](http://www.jusbrasil.com.br/diários/5_3145_014/trt-19-15-04-2013-pg-86)
- cocausal : Não há qualquer nexo causal entre a atividade laboral e o diagnóstico ortopédico apresentado pelo periciado. O motivo original do primeiro afastamento, conforme consignado na CAT, foi uma “tendinite”, o que não ocorre no momento. Destarte, a periciada é portadora de sobrepeso, hipertensão, tabagismo e obesidade, fatores co-causais importantes na gênese do problema apresentado. [«http://tj-rs.jusbrasil.com.br/jurisprudencia/1128223 62/apelacao-civel-ac-70050662824-rs/inteiro-teor-112822373»](http://tj-rs.jusbrasil.com.br/jurisprudencia/1128223_62/apelacao-civel-ac-70050662824-rs/inteiro-teor-112822373)
- concausa : Ex.: Um suicida que tomou um poderoso veneno, veneno, e para esse medicamento surtir efeito, demore exatamente 10 minutos, nesse período alguém chega e no decorrer desses 10 minutos chega alguém e atira nele. Percebe, de imediato que, ambas as causas, são **concausas**, ou seja, causas que atuam conjuntamente, porém que são independentes, essas são absolutamente independentes, uma não tem nada haver com a outra, porém o tiro, a conduta é irrelevante, a morte que seria o resultado naturalístico é o mesmo, o suicida iria morrer de qualquer forma, então o cód. diz que se a conduta for absolutamente independente você não responde por ela. [«http://3nbsantos.blogspot.com.br/2013/03/9-aula-de-direito-penal-1803.html»](http://3nbsantos.blogspot.com.br/2013/03/9-aula-de-direito-penal-1803.html)
- cocausa : Com o seu conceito de alma, Aristóteles supera claramente a explicação dos processos vitais dada pelos naturalistas. A causa do "acrésci-mo" não está no fogo nem no calor, nem na matéria em geral: quando muito, o fogo e o quente são co-causas, mas não a verdadeira causa. [«http://www.educacional.com.br/upload/blogSite/6037/6037939/15609/Socrates%20Platao%20e%20Aristoteles.doc»](http://www.educacional.com.br/upload/blogSite/6037/6037939/15609/Socrates%20Platao%20e%20Aristoteles.doc) (p. 9)
- comorbidade : **Comorbidades** clínicas e psiquiátricas em pacientes com transtorno bipolar do tipo I [«http://www.scielo.br/pdf/jbpsiq/v60n4/a07v60n4.pdf»](http://www.scielo.br/pdf/jbpsiq/v60n4/a07v60n4.pdf) (p. 271)
- coomólogo : se f e g são potenciais **coomólogos**, resulta que PT (f) = PT (g); [«http://www.bibliotecadigital.unicamp.br/document/?code=000946042&fd=y»](http://www.bibliotecadigital.unicamp.br/document/?code=000946042&fd=y) (p. 53)
- coomologia : Existe uma classificação de todas homologias (**coomologias**) existentes? (singular, cech...) [«http://topologiaalgebrica-sm.blogspot.com.br/2013/06/questionamentos-dos-seminarios-2106-e.html»](http://topologiaalgebrica-sm.blogspot.com.br/2013/06/questionamentos-dos-seminarios-2106-e.html)
- correalidade : Da imagem dum sistema advém sua dinâmica de autoreferenciabilidade estrutural limitativa: ao mesmo instante que se delimita e acerta sua diferenciação ontológica dentre as diversas **correalidades** que o circunda, relaciona-se com os demais os subsistemas, todos vindo a conformar a concepção até certo ponto heterogênea da totalidade. [«http://cidp.pt/publicacoes/revistas/ridb/2012/02/2012_02_0651_0704.pdf»](http://cidp.pt/publicacoes/revistas/ridb/2012/02/2012_02_0651_0704.pdf) (p. 666)
- covariação..... : A ONA está em modo positivo (vs negativo) quando a pressão está elevada no anticiclone e, simultaneamente, pelo contrário, a depressão está cavada (e inversamente). Estes modos, positivo e negativo, estabelecem **covariações** mas não as explicam. [«http://resistir.info/climatologia/impostura_cientifica.html»](http://resistir.info/climatologia/impostura_cientifica.html)

APÊNDICE IX
AÇÃO CONJUNTA

AÇÃO CONJUNTA

SUBGRUPO 1 – GUIAR/DIRECIONAR DE MODO CONJUNTO

- coadministrar..... : Na Argentina, os cartoneros (como são conhecidos os recicladores na Argentina) e o governo **co-administram** a coleta seletiva de resíduos no município de Buenos Aires. «<http://www.avina.net/por/nota/mexico-avina-promove-inclusao-de-recicladores-na-gestao-responsavel-de-residuos-solidos/>»
- coapresentar..... : As estrelas mirins Michael Jackson e Donny Osmond **co-apresentaram** juntos a primeira cerimônia de entrega dos AMAs. «http://pt.wikipedia.org/wiki/American_Music_Awards»
- codirigir..... : Estreantes Filipe Matzembacher e Mario Reolon **codirigem** 'Beira-Mar'. Longa passou em mostra paralela dedicada à descoberta de novos talentos. «<http://www.homorealidade.com.br/2015/02/filme-brasileiro-sobre-gays-que-saem-do.html>»
- coeducar..... : O pai está mais presente porque há maior igualdade no casal. Ambos trabalham, partilham as tarefas domésticas, embora ainda com maior sobrecarga para a mulher, **co-educam** os filhos. «<https://www.yumpu.com/pt/document/view/34848768/capa-planomontado-cw12-lom4mm-layout-1/31>»
- cogerir..... : Estima-se que pelo menos 200 das instaladas 400 usinas e destilarias do país **cogerem** excedentes para vender ao mercado. «<http://www.jornalcana.com.br/cogeracao-enfrenta-queda-no-consumo-de-energia/>»
- cogerenciar..... : Embora ainda não tenha sido oficializado como diretor da biografia, Scorsese já estaria trabalhando na narrativa. Além dele, Jeff Jampol e Dave Frey, que **co-gerenciam** o legado da banda, também serão responsáveis pela biografia, que vai contar com imagens inéditas feitas por George Seminara nas décadas de 70 e 80. «<http://semtedio.com/martin-scorsese-ramones/>»
- coliderar..... : O pianista Filipe Melo e o guitarrista Bruno Santos **colideram** este grupo que foi criado com o intuito de acompanhar as lendas do jazz internacional que se vão deslocando ao nosso país. «<http://ajazzteca.blogspot.com.br/2010/10/melo-santos-4tet-no-teatro-aveirense.html>»
- coministrar..... : A seguir, apresento uma pequena interação em sala de aula de 5ª série, em que a professora e uma pesquisadora **coministram** uma aula. «<https://www.yumpu.com/pt/document/view/12997147/revista-gragoata-27-uff> (p. 46)»
- coorientar..... : A especialista em processamento e reconhecimento de voz Rebecca Bates, pesquisadora da Universidade Estadual de Minnesota, nos Estados Unidos, passou um ano inteiro, entre 2009 e 2010, no IME/USP colaborando com o projeto. Atualmente ela e Kon **coorientam** um mestrando cujo objetivo é desenvolver ferramentas para reconhecimento do português falado para telefones celulares. «http://issuu.com/pesquisafapesp/docs/edi_o_181 (p. 72)»
- copilotar..... : Tereza e sua princesa Larissa Kikuchi **co-pilotaram** o evento! «http://www.maringamais.com.br/?pag=colunista_ver&id2=166»
- correger..... : Mandado de António de Brito para Duarte de Rezende dar dois barris de cravo a dois turcos que **corregeram** a nau Santa Eufemia. «<http://digitarq.dgarq.gov.pt/viewer?id=3805788>»
- cotutelar..... : Admite ainda que a nova orientação política europeia levará à reestruturação da CPC, mas que terá de ser concertada entre os dois ministérios que **co-tutelam** este órgão: Defesa e Economia. «<http://www.publico.pt/politica/noticia/ministro-quer-rever-contratos-com-atrasos-de-execucao-1414814>»

SUBGRUPO 2 – CRIAR DE MODO CONJUNTO

- coautorar..... : Scott Gantewerk e Paula Manoski coautoraram dois artigos em 2003 no periódico Food Processing, voltado à Ciência e Tecnologia de Alimentos, sem fator de impacto identificado (CAPES). [http://www.abepro.org.br/biblioteca/enegep2010_TN_STO_128_824_15169.pdf (p. 7)]
- concriar..... : A ênfase “barroca” das anotações que percorri sobre a história dos afro-baianos que concriaram o Terreiro da Casa Branca deixaria de fora observações impor-

- tantes de processos similares àqueles ocorridos na Barroquinha, identificados em diferentes pontos do Atlântico. [<http://www.ppgcs.ufba.br/site/db/trabalhos/RafaelSoares.pdf> (p. 72)]
- cocriar..... : Os artistas VJ pixel, Ricardo Guima e Maira Begalli cocriaram o projeto que buscou investigar as sensações da natureza ao estímulo humano a partir das reações à interfe-rência do público, obtidas por meio de luzes, sons e imagens. [<http://memelab.com.br/art>]
- coescrever..... : Mike Finch e Alex Litvak, que coescreveram o filme recente dos Predadores, foram contratados pela Columbia Pictures para roteirizar um novo filme em live-action de He-Man e os Mestres do Universo. [<http://pipocacombo.com/roteiristas-de-predadores-no-novo-filme-do-he-man/>]
- confundar..... : (não foram encontradas construções frasais equivalentes)
- cofundar..... : Mais tarde, More e Bell cofundaram o Extropy Institute, uma organização educacional 501(c)(3) não lucrativa. [[http://pt.wikipedia.org/wiki/501\(c\)\(3\)](http://pt.wikipedia.org/wiki/501(c)(3))]
- coproduzir : (não foram encontradas construções frasais equivalentes)
- coproduzir..... : Gary Barber e Roger Birnbaum, que fundaram a Spyglass em 1998 e coproduziram filmes como "O Sexto Sentido" e "Invictus", dividiriam a presidência da MGM e receberiam 4% do valor da empresa. [<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/mercado/me1308201013.htm>]